

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

LEILA ISABELITA PEREIRA DE OLIVEIRA ROSA

**NEOLOGIA SEMÂNTICA NA DÉCADA DE 90: UM ESTUDO SOBRE A
METÁFORA EM UM *CORPUS* JORNALÍSTICO**

**SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA**

LEILA ISABELITA PEREIRA DE OLIVEIRA ROSA

**NEOLOGIA SEMÂNTICA NA DÉCADA DE 90: UM ESTUDO SOBRE A
METÁFORA EM UM *CORPUS* JORNALÍSTICO**

**Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de
Mestre na área de Filologia e
Língua Portuguesa.**

**Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ieda
Maria Alves**

**São Paulo
2009**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma conquista.

À Universidade de São Paulo e ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do DLCV da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Meu agradecimento, em especial, à professora Ieda Maria Alves, minha orientadora, sem a qual este trabalho não teria se concretizado e que, desde a Iniciação Científica, teve muita paciência comigo.

Aos meus pais e a minha irmã, Rosane, que sempre me encorajaram e ao meu esposo, Junior, que muito me incentivou durante o Mestrado.

Às professoras Maria Aparecida Barbosa e Mariângela de Araújo que participaram da minha qualificação e me deram boas dicas para a conclusão e aperfeiçoamento desta Dissertação.

À Renata Costa e à Jaqueline Araújo, grandes amigas, que me incentivaram muito.

Aos colegas do Projeto Observatório, em especial à Elenice Alves, que me ajudou com informações e, também, ao Ivan Souza, que na época da Iniciação Científica foi o primeiro a me encorajar para o Mestrado.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta Dissertação tem por objetivo estudar as metáforas geradas em um *corpus* jornalístico da década de 90, constituído no âmbito do *Projeto Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (TermNeo)*. Para isso, selecionamos, dentre as unidades lexicais neológicas de cunho semântico, as formações metafóricas que compõem nosso estudo. Este visa a fazer uma análise interpretativa da metáfora vista sob o viés da lingüística cognitiva. Assim, levamos em conta, para nossa análise, que a metáfora é uma atividade cognoscitiva e está presente nos diversos discursos produzidos nas atividades humanas, bem como permeia todo o nosso cotidiano. Trata-se de uma atividade cognoscitiva cuja evidência se dá pela linguagem natural da qual nos servimos para nos comunicarmos e, também, produzirmos conhecimento.

Nossa análise tem como embasamento a *Teoria da Integração Conceptual* proposta por Fauconnier em seus postulados que datam de 1997 e que está sendo ampliada e aprimorada em parceria com Turner e seus colaboradores. Para o autor, a metáfora constitui um fenômeno conceptual, bem como um instrumento de projeção mental. Esta teoria baseia-se na *Teoria dos Espaços Mentais* – de autoria de Fauconnier – que objetiva explicar como é que falantes e ouvintes registram correspondências conceptuais e, também, constroem novas inferências durante o discurso. Os autores defendem que o processo de instauração da metáfora se dá a partir de relações entre espaços mentais.

Aplicamos a referida teoria nas formações metafóricas presentes no *corpus* escolhido e verificamos que se trata de uma teoria de suma importância para os estudos acerca da metáfora. O resultado de nossa análise comprova que a metáfora é um fenômeno conceptual e um instrumento de projeção mental.

ABSTRACT

This dissertation intends to study the metaphors generated in journalistic *corpus* in the 90's, which is part of the *Projeto Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (TermNeo)*. Thus, we have selected among the neologic lexical units of semantic tenor, the metaphoric formations that compound our study. This aims to do an interpreting analysis of the metaphor under the optics of cognitive linguistics. In this manner, we have taken into account to our analysis that the metaphor is a cognoscitive activity and is present in the various discourses produced in human activities, as well as it permeates our everyday. It is about a cognoscitive activity which evidence is seen in the natural language we use to communicate and, as well, produce knowledge.

Our analysis has that *Conceptual Integration Theory* as its basis offered by Fauconnier in his postulates from 1997 and is being amplified and improved in association with Turner and his collaborators. To the author, the metaphor constitutes a conceptual phenomenon, as well as a mental projection instrument. This theory is based in the *Mental Spaces Theory* – of Fauconnier – that seeks to explain how speakers and listeners register conceptual correspondence and, also, build new inferences during the speech. The authors defend that the process of instauration of the metaphor starts in the relations between mental spaces.

We have applied the cited theory in metaphoric formations present in the chosen *corpus* and verified that it is of extreme importance for metaphor studies. The result of our analysis confirms that the metaphor is a conceptual phenomenon and a mental projection instrument.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Objetivos e Justificativa	12
1.2. Metodologia.....	13
1.2.1. <i>Corpus</i>	13
1.2.2. Coleta de dados.....	15
1.2.3. Procedimento da análise	15
2. A DINÂMICA DA RENOVAÇÃO LEXICAL: NEOLOGIA E NEOLOGISMO	17
2.1. Processos de formação de neologismos	20
3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIGNIFICADO	26
3.1. Significante e significado	26
3.2. Transferência de sentido	29
3.3. Mudança de sentido	32
3.4. Extensão e restrição do significado	34
4. A METÁFORA	39
4.1. Breve percurso histórico.....	39
4.1.1. A metáfora na Retórica Antiga.....	39
4.1.2. A metáfora nos estudos de Ullmann.....	41
4.1.3. A metáfora na teoria de Paul Ricoeur.....	43
4.1.4. A metáfora na lingüística cognitiva.....	45
4.1.5. A teoria de Lakoff e Johnson.....	46
4.1.5.1. Metáforas da vida cotidiana.....	47
4.6. A metáfora na teoria proposta por Fauconnier e Turner	50
4.6.1. A Teoria dos Espaços Mentais	51
4.6.2. Teoria da Integração Conceptual (ou Mesclagem Conceptual ou Fusão Conceptual) e a construção do significado	57
4.6.4. A metáfora na teoria de Gilles Fauconnier e Mark Turner.....	62
5. ANÁLISE DAS FORMAÇÕES METAFÓRICAS	72
5.1. Metáforas animais	73
5.2. Metáforas referentes à ação policial	101
5.3. Metáforas referentes a ações diversas	105
5.4. Metáforas referentes à economia e às finanças	111
5.5. Metáfora referente à área da educação	125
5.6. Metáforas referentes aos esportes.....	127
5.7. Metáforas referentes a estilo de vida e características pessoais	133
5.8. Metáforas referentes à linguagem de indivíduos homossexuais	141
5.9. Metáforas referentes à área jornalística	145
5.10. Metáforas referentes à política	151
5.11. Metáfora referente a programa televisivo.....	157
5.12. Metáfora referente à vestimenta	159
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
7. REFERÊNCIAS	163

Neologia semântica na década de 90: um estudo sobre a metáfora em um *corpus* jornalístico

1. INTRODUÇÃO

As palavras são criações humanas: é por meio delas que pensamos, analisamos o mundo, a realidade ao nosso redor, bem com nos integramos e nos relacionamos em sociedade.

Cotidianamente, qualquer palavra pode se enriquecer de novos significados, de novos sentidos, a partir dos quais o mundo, a sociedade e o ser humano podem ser interpretados, compreendidos e entendidos de muitas e distintas maneiras.

“O acervo de todas as línguas vivas de renova” (ALVES, 2004, p. 5). À medida que a humanidade avança em seus conhecimentos, a linguagem segue o mesmo caminho, auxiliando na modificação de antigos conceitos, criando novos significados para palavras já existentes, bem como fazendo desaparecer palavras que não mais se prestam à representação criativa e para expressar a emoção humana.

O acervo lexical de uma língua é formado pelo saber partilhado existente na consciência do falante da língua, constituindo-se no acervo do saber de um grupo sócio-linguístico-cultural.

Como bem destaca Vilela (1994, p. 6), o léxico constitui o repositório do saber lingüístico, é uma espécie de janela pela qual vemos o mundo. Trata-se de “um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade”. Ele revela os valores, as crenças, os costumes e os modismos que viabilizam a sociedade em que vivemos. É por meio do léxico que gravamos as designações que rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos da humanidade. Ademais, é através do léxico que compomos um cenário de revelação da realidade, bem como dos fatos culturais que atravessaram e atravessam a História de determinada sociedade.

As palavras têm a sua história: nascem, evoluem, transformam-se e, algumas vezes, desaparecem. Sua história está intrinsecamente ligada à do ser humano, à fala humana, ao crescimento e à transformação da humanidade.

A neologia, processo de criação lexical, e o neologismo, elemento resultante, ou seja, a nova palavra, refletem a história, o progresso, a aquisição contínua do saber humano.

Este estudo tem como foco mostrar como utilizamos domínios de distintas esferas de nossa vida e de nossa experiência para conceptualizar outros domínios. Para isso, escolhemos um *corpus* jornalístico que integra a *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*, constituída no âmbito do *Projeto Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*, projeto *TermNeo*, coordenado pela Professora Doutora Ieda Maria Alves, da Universidade de São Paulo.

Nossa análise incide sobre as formações neológicas de cunho semântico. Escolhemos, dentre as unidades lexicais neológico-semânticas, as metafóricas, que constituem a maior parte dos neologismos semânticos.

1.1. Objetivos e Justificativa

Nosso objetivo consiste em mostrar como é o processo de criação dos neologismos semânticos metafóricos, como eles são construídos na mente humana. Pretendemos mostrar também que tais metáforas não são arbitrárias e como elas permeiam a língua geral, como são construídas ao longo dos mais distintos discursos presentes na linguagem jornalística impressa.

Pretendemos defender nesta dissertação que uma das maneiras de se construir metáforas, utilizando-se de lexias simples, está revestida de toda a propriedade referencial dessas categorias, realizando-se tal propriedade de maneira muito mais complexa do que a simples referência nominal, visto que envolve distintos domínios cognitivos (espaços mentais).

A coleta dos neologismos semânticos num *corpus* jornalístico composto por quatro veículos de comunicação de quase uma década (1993-2000) é apenas um recorte dentro da inumerável produção jornalística brasileira dessa época, mas reflete, de forma rica e considerável, os processos de renovação lexical pelos quais a língua portuguesa enriquece e amplia o seu acervo lexical.

A metáfora, como bem salientam Lakoff e Johnson (1995 [1980]), faz parte da vida cotidiana e os discursos presentes na mídia impressa corroboram essa afirmação. Ela tem uma importante contribuição para o enriquecimento do léxico – enriquecimento este cuja autoria e responsabilidade são nossas, falantes da língua.

Pretendemos, com este estudo, verificar como são construídas as imagens metafóricas das unidades lexicais neológico-semânticas coletadas no *corpus*. É nossa intenção, ademais, mostrar de que maneira a metáfora é apresentada no discurso jornalístico impresso, tendo em vista o fato de que a função deste é informar o público-leitor. Objetivamos responder à pergunta: Como é realizada a metáfora, visto que se trata de um recurso semântico refletor das convenções culturais?

A adoção desse *corpus* para a recolha do nosso objeto de estudo justifica-se na medida em que consideramos ter a imprensa jornalística contemporânea um importante papel na sociedade brasileira por se tratar de um veículo de comunicação em larga escala, que comporta discursos pertencentes a distintas esferas da sociedade, ou seja, à língua geral. Além disso, possui um público-leitor variado e numeroso, exercendo influência tanto na escrita quanto na fala de seus leitores e, mais do que isso, reflete a língua “viva”, em seu constante processo de renovação.

1.2. Metodologia

1.2.1. *Corpus*

As unidades lexicais neológicas que constituem nossa análise integram a *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* que está circunscrita no âmbito do *Projeto Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (TermNeo)*, coordenado pela Professora Doutora Ieda Maria Alves.

Sua criação, em 1988, cumpre os seguintes objetivos: observar, analisar e difundir aspectos da criatividade lexical, tanto de unidades lexicais da língua geral como de unidades lexicais especializadas. Assim, o *Projeto* tem a finalidade de coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo do Brasil, observada em um *corpus* jornalístico, fornecendo subsídios para o estudo da evolução do léxico português (variante brasileira) e para a elaboração de repertórios de unidades lexicais neológicas. Tem ainda a finalidade de elaborar glossários e dicionários terminológicos em algumas das áreas estudadas. Cumpre ainda os objetivos específicos de constituir um *corpus* para a elaboração de dissertações e teses; bem como fornecer dados para a elaboração de dicionários da língua geral do português brasileiro.

Atualmente, o *Projeto* conta com cerca de 28.000 termos coletados nas áreas das Ciências Agrárias, da Economia, da Informática, da Medicina, da Psicologia e do Turismo.

A *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* conta, atualmente, com mais de 13.500 unidades lexicais referidas em mais de 25.000 contextos distintos. Trata-se de um projeto cujo objetivo é a observação da neologia da língua geral.

Para a constituição da *Base* foi coletado um *corpus* constituído pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e pelas revistas *IstoÉ* e *Veja* a partir de 01-1993 até 12-2000, observado segundo um sistema de amostragem (um veículo por semana). Nesses veículos, foram coletados neologismos de caráter vernáculo (derivação, composição, truncção, transferência semântica...) e de caráter estrangeiro. São consideradas como neológicas as unidades lexicais que não estão incluídas em um *corpus de exclusão* constituído por um conjunto de dicionários da língua geral, que listamos a seguir:

- Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 2ª ed. RJ: Academia, 1981. **(Para as unidades lexicais encontradas no corpus correspondente ao período de 1993 a 1996)**
- Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 2ª ed. RJ: Academia, 1998. 1ª ed. 1981 **(Para as unidades lexicais encontradas no corpus correspondente ao período de 1999 a 2000)**
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição (revista e aumentada). RJ: Nova Fronteira, 1986. **(Para as unidades lexicais encontradas no corpus correspondente ao período de 1993 a 1997)**
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. RJ: Nova Fronteira, 1999. 1ª ed. 1975. **(Para as unidades lexicais encontradas no corpus correspondente ao período de 2000)**
- *MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa*. SP: Melhoramentos, 1998. **(Para as unidades lexicais encontradas no corpus correspondente ao período de 1999 a 2000).**

O material coletado visa também a fornecer dados para o Projeto *Dicionário de Neologismos do Português Contemporâneo do Brasil (década de 90)*, do qual constarão aproximadamente 3000 unidades lexicais neológicas escolhidas pelo critério de frequência na referida *Base*.

Todas as unidades lexicais neológicas analisadas possuem seus respectivos contextos, que foram retirados da *Base de Neologismos*, que, no corpo do trabalho, será referida apenas como *Base*. As referências aos veículos dos quais foram retirados os contextos serão feitas pelas seguintes abreviaturas: *FSP* para Folha de S. Paulo, *IE* para IstoÉ, *G* para O Globo e *V* para Veja, seguidas da respectiva data e da página. Alguns contextos foram retirados de jornais e revistas on-line e deles constarão o veículo de publicação, a data, em alguns casos a página e o caderno e, em outros, apenas a indicação “banco de textos”.

Cabe aqui destacar que o contexto é imprescindível para o estudo da neologia, pois, conforme salienta Barbosa (1981, p. 105), não se pode compreender uma unidade lexical de maneira isolada, sem que esteja inserida em um enunciado.

1.2.2. Coleta de dados

Dentre as unidades lexicais formadas por metáfora e que constituem neologismos semânticos (483), selecionamos, para nosso estudo 43 unidades lexicais. Não consideramos os estrangeirismos para nossa análise, pois esse acréscimo excederia os propósitos desta pesquisa.

1.2.3. Procedimento da análise

Nossa análise tem uma abordagem semântico-conceptual, de viés cognitivo. Atemo-nos à análise minuciosa das unidades lexicais resultantes do processo de transferência semântico-metafórico, tendo como parâmetro a teoria proposta por Fauconnier e Turner (1997).

No segundo capítulo traçamos algumas breves considerações acerca da neologia e dos processos de formação de palavras, destacando a neologia semântica, nosso objeto de estudo.

Em seguida, fazemos um resumo de algumas teorias semânticas relevantes para o estudo da metáfora. O quarto capítulo, por sua vez, tem como foco o percurso que os estudos sobre a metáfora seguiram ao longo dos séculos, desde Aristóteles até a Linguística

Cognitiva.¹ Do quinto capítulo consta a análise das unidades lexicais neológicas semânticas de cunho metafórico coletadas na *Base*.

Fizemos especulações sobre como cada conceito metafórico pode ter se originado, tomando por base nossa experiência física e cultural. Para tanto, procuramos examinar as bases experienciais da maioria das metáforas coletadas com o intuito de verificar quais conceitos-fontes são utilizados, bem como as relações que podemos estabelecer entre conceito-fonte e conceito-alvo. Trata-se de especulações que são hipóteses plausíveis, mas não definitivas. Dessa forma, pretendemos reconstruir a atividade cognitiva a partir de um ponto de vista sincrônico para, no último capítulo, mostrarmos as conclusões a que chegamos.

Adotamos a perspectiva sincrônica, uma vez que “embora trate de mudança lingüística, a neologia é antes uma questão sincrônica que diacrônica, pois trata sempre do momento presente” (CARVALHO, 2001, p. 66)². Usando as palavras de Guilbert (1972, apud CARVALHO, 2001, p. 66), a neologia está num campo que se pode denominar sincronia dinâmica.

¹ Selecionamos apenas alguns autores para compor esse capítulo.

² In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de & ISQUERDO, A. N. (org.). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*.

2. A DINÂMICA DA RENOVAÇÃO LEXICAL: NEOLOGIA E NEOLOGISMO

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade lingüística. (ALVES, 2004, p. 5)

Esse processo de renovação lexical próprio das línguas vivas é nomeado *neologia*, e a palavra nova – resultado desse rico processo – é o que comumente se denomina como *neologismo*.

De acordo com Alves (2004, p. 5), a gênese da unidade lexical nova, ou seja, do neologismo, pode ter duas fontes: processos autóctones (mecanismos oriundos da própria língua) e itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos (estrangeirismos). Os dois recursos têm sido empregados constantemente na língua portuguesa, tanto na esfera diacrônica quanto na sincrônica.

Para atender às transformações sociais, econômicas e culturais, a língua se vale da criação de novas unidades lexicais ou de novos significados para lexias já existentes. Dessa forma, os neologismos constituem o reflexo de como a língua acompanha as mudanças e as inovações na sociedade.

Segundo Carvalho (1987, p. 9), quando pensamos em neologismo, temos como referência conceitos tais como mudança, novidade, evolução, novo, surgimento, criação, inovação:

Além de testemunhar a criatividade e a imaginação fértil de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as manifestações do mundo exterior e as mais diversas áreas de conhecimento.

Entretanto, nós, falantes da língua, temos a impressão de que ela não é dinâmica. Essa aparência não é gratuita, pois, conforme salienta Martinet (1975, p. 177):

Tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e homogeneidade da língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem de como falavam dez ou vinte anos antes.

Isso ocorre por dois motivos: o fato de os elementos da língua estarem em sincronia, ou seja, apresentarem-se em um estado de língua do qual se apreende uma estrutura; e o fato

de o falante estar sincronizado com sua língua de forma a não percebê-la em movimento, uma vez que a continuidade da língua se confunde com sua continuidade de sujeito histórico.

Com respeito à neologia, Barbosa (1981, p. 79) destaca que o léxico reflete o universo das coisas, “*das modalidades do pensamento, do movimento do mundo e da sociedade*”. Assim, ela deve ser estudada tendo em vista um período preciso da vida da comunidade lingüística, uma vez que é pertinente à história do léxico.

A autora salienta, também, que a renovação lexical não ocorre de forma caótica, pois a dinâmica da inovação do léxico é suscetível de um controle tanto no que se refere à tipologia quanto ao processo gerador do aparecimento de uma nova unidade em seu inventário.

Alves (2002, p. 208) afirma que a renovação lexical sempre sofreu, em todas as línguas, reações puristas, que se mostram contrárias ao emprego dos neologismos ou os aceitam de forma restrita, isto é, sob determinadas condições.

Bastuji (apud BARBOSA, 1981, p. 79) destaca que a neologia é, concomitantemente, uso e subversão do código, reconhecimento e transgressão da norma e, mais que isso, é criatividade governada por regras, mas que muda as regras.

Tal afirmação nos remete ao que afirma Alves (2002, p. 208) sobre o fato de o uso de neologismos no português ter propiciado distintas posições, ora favoráveis (estudiosos que vêem na neologia uma necessidade das línguas), ora desfavoráveis (estudiosos que condenam as inovações vocabulares, concebendo-as como substituíveis por elementos já introduzidos no acervo lexical).

Entretanto, podemos aferir, tomando como base as palavras de Quemada (apud ALVES, 2002, p. 216), que a inovação lexical é o ponto de partida para que um idioma permaneça como instrumento de comunicação nacional – ou até internacional. Assim, “uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia”.

No que tange à origem do neologismo, Barbosa (2001, p. 37)³ destaca que é no ato de fala que esta ocorre, mesmo que os modelos de estrutura sejam fornecidos pelo sistema. Cada ato de fala é inédito e exclusivo:

Essa criação se dá, evidentemente, num ato de enunciação, na linguagem oral ou escrita. Contudo, a passagem do estatuto de neologia de fala para a neologia de língua, que começa nesse momento concreto de criação não depende somente dele. Se se limitasse àquele ato de enunciação do locutor-autor, estaria condenado ao

³ In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2ª edição. MS: Campo Grande, Editora UFMS, p. 33-53, 2001.

esquecimento. Assume o estatuto de neologismo de língua, se, depois de criado, é aceito pelos interlocutores e reempregado noutros atos de comunicação.

Para Barbosa (1981, p. 78), a neologia constitui o processo que pode ser definido em termos de uma tipologia, ao passo que o neologismo é o produto que pertence a uma tipologia de neologia.

A neologia, portanto, é um processo dotado de dinamicidade: vai do momento da criação do neologismo até a desneologicidade e, desta, para uma nova situação neológica.

O neologismo tem como principal característica ser um suporte eficiente no que diz respeito à transmissão de informação, bem como de conhecimento, visto que a um novo referente corresponde uma nova forma lexical. Assim, o neologismo só pode ser compreendido e, também, definido, em situação de produção, na qual temos o contexto intralingüístico e extralingüístico:

Não se pode chegar a compreender uma lexia isoladamente, sem que pertença a um enunciado, nem chegar a aprender toda a significação de um discurso, sem levar em consideração as circunstâncias de comunicação, uma vez que nem sempre o contexto intralingüístico é explícito em si mesmo. (BARBOSA, 1981, p. 105)

Dessa forma, a unidade lexical neológica é mais dependente do contexto do que outra palavra já consagrada pelo uso. No que concerne à neologia semântica – nosso objeto de estudo – cabe essa mesma observação, visto que, sem o contexto, é praticamente impossível compreender a unidade lexical neológico-semântica.

Dando continuidade à origem do neologismo, convém destacar, segundo afirma Barbosa (1981, p. 118), que esta, assim como a origem do signo, tem sua gênese ligada às necessidades sociais do grupo. Assim, a função social constitui o elemento primordial e constitutivo do signo:

Com efeito, a formação do signo é como uma resposta às necessidades criadas por uma nova situação social. O grupo social, em determinado momento de sua existência, tem necessidade de formar um novo signo, ou criando uma grandeza-signo inteiramente nova (significante/significado), ou atribuindo um novo significado a um signo já existente.

Esse mecanismo de formação de um novo signo, bem como de atribuição de um novo significado a um signo já existente é um processo dotado de complexidade de formulação e de seleção das proposições feitas no quadro do grupo social que o criou.

Após ser criado num ato de fala, o neologismo passa a ter estatuto de neologismo de língua quando da aceitação pelos interlocutores, resultando no seu reemprego em outros contextos e atos de comunicação.

Dessa forma, há dois momentos: o primeiro é a criação do neologismo e o segundo é a sua recepção ou aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua integração no conjunto das unidades lexicais memorizadas. Segundo Barbosa (1981, p. 143), o neologismo somente passa a ter esse estatuto se o seu uso se generalizar a ponto de constituir um vocábulo de, pelo menos, um grupo de indivíduos. O resultado da aceitação da unidade lexical neológica é o seu registro no dicionário, o que faz com que a unidade não mais seja tida como neológica.

2.1. Processos de formação de neologismos

De acordo com Alves (2004), os processos de formação de novas palavras no português brasileiro são: **neologismo fonológico**, **neologismos sintáticos** (neologismos formados por derivação prefixal, derivação sufixal, composição subordinativa, composição coordenativa, composição sintagmática, composição por siglas ou acronímica) **conversão**, **neologismos semânticos e outros processos** (tais como truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva) e **neologismo por empréstimo**.

1. Neologismo fonológico: trata-se de uma neologia em que a criação de um item léxico supõe que o significante seja totalmente inédito. Assim, constitui um tipo de neologia não muito freqüente na língua portuguesa, embora alguns recursos fonológicos possam ser utilizados com a intenção de provocarem alterações no item lexical. Como exemplo de neologismo fonológico, Alves (2004, p. 12) cita as onomatopéias, calcadas em significantes inéditos, mas cuja formação não é totalmente arbitrária, visto que se baseiam numa relação entre a unidade léxica criada e alguns ruídos ou gritos.

2. Neologismos sintáticos

2.1. Neologismos formados por derivação prefixal: trata-se de um processo muito produtivo na língua portuguesa. A autora mostra os tipos mais freqüentes de prefixos

no português brasileiro contemporâneo e mostra a significação que cada um deles impinge à palavra à qual se junta.

2.2. Neologismos formados por derivação sufixal: por meio deste processo, é atribuída à palavra à qual se junta o sufixo uma idéia acessória. Frequentemente, o sufixo pode alterar a classe gramatical da palavra. Trata-se de um processo também produtivo no português brasileiro contemporâneo.

2.3. Neologismos formados por composição subordinativa: trata-se de uma formação na qual há uma relação de caráter determinante/determinado entre os elementos que formam a composição. Ocorre entre dois substantivos, sendo o primeiro o determinado e o segundo, o determinante, entre substantivo e adjetivo e ente verbo e substantivo. Há casos, também, de formações com numerais, bem como de substantivos ligados por uma preposição.

2.4. Neologismos formados por composição coordenativa: trata-se da justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical, que constituem bases de mesma distribuição, ou seja, não há relação de determinante/determinado.

2.5. Composição sintagmática: Alves (2004, p. 50) assim a define: “processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica”. Neste tipo de formação, a ordem em que se apresenta a unidade sintagmática difere da composição propriamente dita, pois, na formação sintagmática, o primeiro elemento é o determinado e o segundo o determinante (na composição, essa ordem pode ser invertida). Geralmente, as formações sintagmáticas têm seus elementos constituintes ligados por preposição.

2.6. Composição por siglas ou acronímica: trata-se de um tipo especial de composição sintagmática e resulta da lei de economia discursiva, uma vez que o sintagma sofre uma redução para tornar-se mais simples e eficaz na comunicação. Frequentemente, as formações acronímicas constituem-se das iniciais dos elementos que compõem o sintagma. Ademais, as siglas podem originar neologismos, por exemplo: de *PT* resultou o neologismo *petista*.

2. Conversão:

“A conversão, também denominada derivação imprópria, designa um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais” (ALVES, 2004, p. 60). Os casos mais freqüentes são os de adjetivos empregados como substantivos.

4. Outros processos:

4.1. Truncação: trata-se de uma espécie de abreviação na qual uma parte da palavra, geralmente a final, é retirada. Por exemplo: *euro*, forma reduzida de *européu*.

4.2. Palavra-valise: também é um tipo de redução em que duas unidades léxicas ou somente uma delas são privadas de uma parte dos elementos que as compõem, formando um novo item lexical. Geralmente, uma perde sua parte final e a outra, a inicial. Exemplo: *brasiguai*.

4.3. Reduplicação: é uma tipologia não muito produtiva no português contemporâneo e “refere-se a um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico, geralmente pitoresco, por causa do inusitado procedimento de formação” (ALVES, 2004, p. 71).

4.4. Derivação regressiva: trata-se de um fenômeno em que se suprime um elemento da palavra, considerado de caráter sufixal, por exemplo: *amasso*, forma substantiva do verbo *amassar*.

5. Neologismos por empréstimo

Compreende as unidades lexicais provenientes de outros idiomas. Alves (2004, p. 72) afirma que, em uma primeira etapa, “o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema lingüístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”. A sua função é

imprimir ao contexto no qual é empregado uma “cor local” do país estrangeiro a que se refere. “Quando da incorporação do estrangeirismo ao sistema lingüístico, este passa a ser denominado empréstimo”, podendo ou não sofrer alterações fonológicas e/ou ortográficas.

6. Neologismo semântico

A neologia semântica é o resultado da transformação semântica num item lexical. Ela pode ocorrer de distintas maneiras, mas a forma mais usual ocorre quando se observa “uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica” (ALVES, 2004, p. 62). Os significados podem ser atribuídos a uma unidade léxica através dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque, entre outros.

De acordo com Barbosa (1981, p. 203), a neologia semântica surge quando se empregam signos já existentes no código em combinações inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. Dessa forma, o neologismo semântico resulta de uma combinação sêmica:

Toda unidade lexical resulta de um conjunto de semas descritivos constantes, que garantem a sua autonomia e a distinguem paradigmaticamente das outras unidades comutáveis com ela no mesmo contexto; ela pode, pois, ser definida como correspondente a um conjunto de traços mínimos de significado semântico-sintático, tanto inerentes como contextuais, que asseguram a constância lexical indispensável ao bom desempenho da comunicação. (BARBOSA, 1981, p. 204)

A autora destaca que uma unidade lexical possui os semas invariantes, os quais delimitam as possibilidades e impossibilidades combinatórias com as demais lexias presentes no enunciado. Dessa forma, “é que *em língua* já se configuram os tipos de contexto em que pode ocorrer, em princípio, a lexia, já se tem definida a sua compatibilidade contextual, isto é, a possibilidade que têm dois núcleos sêmicos de entrar em combinação com um mesmo sema contextual”. (cf. p. 204)

Os semas podem ser enriquecidos e isso ocorre à medida que a lexia vai sendo atualizada em outros contextos. Assim, uma lexia detentora de um determinado significado, quando da atualização em diferentes contextos, passa a adquirir novos traços. Isso resulta num neologismo semântico.

O lugar em que se dá a origem do neologismo semântico são, portanto, os contextos enunciativos, mesmo não sendo idênticos os processos que geram esse tipo de neologia. Barbosa (1981, p. 207) salienta que há vários modos de gerar a neologia semântica.

Dentre os tipos citados pela autora, está presente a metáfora. Esta é o resultado da exploração de uma relação de oposição transitiva ente unidades léxicas ou sintagmáticas que pertencem a *topoi* diferentes. Trata-se de uma relação *inter-topoi* e *intra-macrotopos*.

O *topos*, segundo afirma a autora, é o que define “uma classe de equivalência semântica que reúne todos os fatos semiológicos caracterizados por aquele classema” (BARBOSA, 1981, p. 208):

(...) tomemos a noção de isotopia, proposta por Greimas (1973, 93), e os modelos de *topos* e *macrotopos* propostos por Pais (1974b, 222-4). Temos de considerar quatro grandes classes de equivalência semântica ou *macrotopoi* – biofatos, sociofatos, manufatos e psicofatos –, cada um deles definido por um traço semântico (macro-classema). É definida uma relação de ordem parcial sobre cada macrotopos, tal que este sofre uma série de participações binárias sucessivas que dão origem a uma rede de ramificações binárias ou arborescência semiológica. (...) Cada nó da arborescência dá origem a uma sub-arborescência que se chama *topos*. Esse nó é um traço semântico, um *classema* relativo ao *topos* que inicia.(cf. BARBOSA, 1981, p. 207-208)

A autora cita como exemplo a ocorrência: “o lobo discursava”. Neste caso, houve uma ruptura, uma vez que lobo pertence ao *topos* “não-humano” e *discursava* ao *topos* “humano”. Assim, com essa ruptura de isotopia, ocorreu uma criação neológica semântica, que se configura como uma metáfora.

Concernente à criação neológica semântica geradora da metáfora, Barbosa (1981, p. 211) destaca que há graus de maior ou menor ruptura da isotopia, ruptura *transtópica*, em vários níveis, e ruptura *transmacrotópica*.⁴

Bastuji (1974, p. 19, apud BARBOSA, 1981, p. 228-229) salienta que toda neologia semântica produz uma tripla mudança, a saber, mudança na combinatória da unidade, mudança no referente criado ou modificado por esta combinatória, com interação entre significado e referente e mudança no domínio discursivo. A este último pode-se acrescentar o jogo metalingüístico chamado de figura de estilo: metáfora, metonímia, tracadilho, dentre outros. Assim, toda a análise de um neologismo semântico deveria ser acompanhada de indicações sistemáticas acerca dessas quatro rubricas.

Muitas vezes, o neologismo semântico nasce quando se começa a empregar uma mesma unidade lexical em diferentes meios especializados:

Nos diferentes domínios de experiência em que essa lexia apresenta uma maior frequência de emprego, adquire semas próprios àqueles domínios, semas que passam a integrar o seu semema dando-lhe, com isso, certo número de sentidos

⁴ Não nos deteremos aqui nestes dois casos. Para maiores esclarecimentos, conferir Barbosa (1981, p. 210-211)

especializados, dos quais, em geral, um só será aplicável em determinado universo do discurso. (BARBOSA, 1981, p. 229)

Assim, um mesmo signo lingüístico dotado de polissemia apresenta a ampliação de diferentes setores de semas conforme esteja sendo empregado nos diferentes discursos (coloquial, científico, literário, etc.).

Ainda citando Bastuji, Barbosa destaca que a mudança de domínio traduz a diversidade das experiências sociais, bem como a necessidade de comunicação. Dessa forma, “a batalha das palavras é, também, uma batalha em relação às coisas e pela mudança das coisas”. (cf. BARBOSA, 1981, p. 230)

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIGNIFICADO

3.1. Significante e significado

De acordo com Guilbert (1975, p. 17), a língua é uma construção social, não apenas pelo seu funcionamento, pela sua natureza de sistema que regula as trocas lingüísticas entre locutores de uma comunidade, mas também como instituição essencial a essa sociedade.

Sua função não consiste somente em expressar memórias e experiências, partilhar o saber e divulgá-lo, mas também em gerá-los. Assim, a língua é indissociável da cultura de determinada comunidade.

A língua não existe por si só. Ela consiste num sistema abstrato de normas, condição necessária para que haja comunicação. Como bem afirma Borba (1967, p. 65), a língua, embora seja um fato social, não escapa à influência do indivíduo – que é mínima, mas existe.

Sem o uso individual, a língua permaneceria estática. Dessa forma, “uma língua só se transforma através dos tempos porque os falantes introduzem inovações” (BORBA, 1967, p. 66). O indivíduo é fator presente na mudança porque a sociedade não é uma realidade que independe de seus membros.

Para que a inovação passe para o domínio da língua é necessário que ela saia da esfera pessoal e/ou familiar e se coletivize.

Segundo Ianni (2001, p. 13), “a língua é, simultaneamente, produto e condição da vida social”. Ao longo do tempo e, também, dependente da dinâmica das configurações históricas e sociais, tudo adquire nome, significado. O nome, o conceito, bem como a metáfora constituem um momento essencial para que a realidade que nos cerca se configure como existência.

Numa perspectiva semântico-cognitiva, a língua e a realidade estabelecem entre si uma relação indireta, uma vez que os signos lingüísticos não correspondem diretamente à realidade – visto ser o signo arbitrário (MENDONÇA, 2006, p. 123).

Em sentido lato, o signo é constituído por uma forma que se associa a outro elemento, uma espécie de “idéia” que é interpretada como o seu significado. O signo lingüístico é convencional e não permite que se identifique uma relação lógica evidente entre a forma e a “coisa” evocada.

Conforme salienta Delbecque (2002, p. 20), a relação entre o referente, o significante e o significado é o resultado de um acordo tácito no contexto da língua.

A unidade lexical é constituída por

SIGNIFICANTE + SIGNIFICADO (denotação e conotação).

Trata-se, assim, de um signo arbitrário no sentido atribuído por Saussure (1977, p. 124): a relação que une o significante ao significado é necessária, pois um não existe sem o outro; e arbitrária, uma vez que subentende uma relação alogicamente motivada entre o som ou a grafia que lhe serve de significante e as propriedades e/ou características do conceito.

O significante representa a forma material (sonora e/ou escrita) do signo, inscrevendo-o no sistema da língua por meio de um conjunto de propriedades formais, sintáticas, morfológicas e distribucionais.

No que concerne ao signo lingüístico, Guiraud (1972, p. 38) ressalta que sua essência é a convencionalidade e não a arbitrariedade. O signo é convencional, uma vez que resulta de um acordo lingüístico entre os indivíduos que o utilizam, que o empregam. Entretanto, só é arbitrário quando a relação entre o significante e o significado é puramente convencional, em caso contrário, é motivado.

Para a lingüística moderna, a língua constitui um sistema de signos arbitrários e imotivados. No entanto, como bem salienta Guiraud, ao observarmos os fatos lingüísticos, podemos notar que a maioria das palavras que utilizamos é, de fato, motivada. Tal motivação, de caráter mais ou menos consciente, dependendo do caso, determina o emprego dessas palavras e de sua evolução.

Para o autor, “toda criação verbal é portanto sempre motivada” (p. 44), uma vez que “ela repousa sobre associações extra-convencionais, associação natural entre o significante e o significado, associações internas (morfológicas ou paronímicas)”.

Guiraud faz uma classificação das motivações: elas podem ser externas e internas.

As externas são baseadas na relação entre a coisa significada e a forma significante fora do sistema lingüístico. As internas, por seu turno, originam-se no interior do sistema lingüístico, baseadas na relação de motivação entre a palavra e outras palavras existentes na língua.

O autor destaca que as motivações externas podem ser fonéticas (onomatopéias) ou metassêmicas (mudança de sentido que ocorre geralmente por meio da metáfora). As internas podem ser de duas espécies: morfológicas, que consistem no tipo mais geral e fecundo de motivação, ou seja, a derivação e a composição; paronímicas: mais raras e que ocorrem

devido à assimilação ou confusão de duas formas idênticas (homonímicas) ou vizinhas (paronímicas).

Contudo, o autor ressalta que, mesmo sendo todas as palavras etimologicamente motivadas – caso dos empréstimos⁵, das onomatopéias, dos derivados e compostos e das decorrentes de mudança de sentido – tal motivação não é determinada nem determinante. Ou seja, não é totalmente determinada porque a criação de palavras é, dentro de certos limites, livre. E não-determinante porque não é necessária ao sentido. Este é atualizado por uma associação convencional. Em muitos casos, o apagamento da motivação é necessário, visto que a palavra deve evocar o conjunto de características que nomeia e não seu caráter motivador.

No que tange à motivação, Ullmann (1977 [1964], p. 167-240) ressalta sua relativização: ela é relativa tanto no caso das onomatopéias quanto no caso das motivações morfológica e semântica⁶, cujos componentes são, algumas vezes, opacos. Uma palavra pode possuir várias camadas de motivação, as quais podem ser identificadas por um processo conhecido como redução semântica.

O significado possui uma dimensão lingüística. Dessa dimensão fazem parte a denotação e a conotação (MENDONÇA, op. cit., p. 160).

A denotação consiste num conjunto de semas que garantem um caráter estável e que estão arbitrariamente associados ao significante:

(...) os semas denotativos, que também conferem ao significado uma dimensão lógica, podem evocar propriedades relevantes e imediatos do objecto, quer sejam propriedades intrínsecas, quer extrínsecas ou, por abstracção, características inerentes ao conceito (...). (MENDONÇA, op. cit., p. 160)

Por sua vez, os semas conotativos alicerçam-se nas características complementares ou circunstanciais dos conceitos. Entretanto, esses semas dependem do contexto e dos locutores, atribuindo ao significado uma dimensão individual, virtual e instável.

De acordo com Rebelo (1981: 103, apud MENDONÇA, op. cit., p. 160), a denotação se refere a um objeto bem determinado, desprovido de carga especial (ideológica ou afetiva). A conotação, por sua vez, depende da experiência individual, “da vivência de uma atitude emotiva em face do objeto, de um juízo de valor acerca dele”.

Guiraud (op. cit., p. 35-36) destaca que uma palavra pode ter vários sentidos, mas que esses sentidos são virtuais, dado que é sempre somente um deles que se atualiza num

⁵ No caso dos empréstimos, a motivação ocorre dentro da língua original.

⁶ Motivação semântica é o mesmo que motivação metassêmica, segundo a terminologia de Guiraud.

determinado contexto: “Toda palavra está ligada ao seu contexto, do qual ela tira o seu sentido (...)”.

O autor ressaltar que o sentido de base e o sentido contextual não se superpõem, pois há sempre um único sentido em uma dada situação: “à palavra em seu contexto corresponde uma única imagem conceitual” (p. 37).

3.2. Transferência de sentido

A função da linguagem é, segundo Guiraud (op. cit., p. 38), lógica ou cognitiva, visto que serve para a comunicação de conceitos, evocando no espírito do interlocutor as imagens que se formam em nosso próprio espírito.

A criação de palavras tem um porquê: a finalidade de dar nomes às coisas, seja porque elas ainda não os tenham, seja porque os nomes que elas possuem não realizam eficazmente a sua função (função esta dupla: cognitiva ou semântica, expressiva ou estilística), como bem salienta o autor. A nomenclatura é, portanto, a atribuição de um novo nome a um conceito.

Disso decorre uma dupla forma de nomenclatura: a palavra designa de maneira objetiva um conceito ou, então, pode colorir um conceito com expressivas associações. Ou seja, é por meio da nomenclatura que a língua assegura a sua dupla função cognitiva e expressiva. A nomenclatura cognitiva ou intelectual consiste em se dar um nome a uma “coisa” porque ela ainda não o tem ou porque o que a designa não garante muito bem a sua função (BORBA, 1967, p. 134). A nomenclatura expressiva, por sua vez, consiste na criação de um nome que designe a “coisa” sob determinado aspecto. A primeira é objetiva, ao passo que a segunda é subjetiva.⁷

Para tanto, a língua dispõe de várias formas, que são elencadas por Guiraud (op. cit., p. 43-44):

- a) onomatopéias
- b) empréstimos
- c) derivação e composição

⁷ Cabe destacar que a nomenclatura expressiva é objeto de estudo da estilística, visto que não se trata apenas da identificação do objeto com determinado nome, mas de imprimir-lhe certo valor expressivo, extralinguístico. Só passa a ser objeto da semântica quando determina mudanças de sentido. Trata-se de um mecanismo psico-associativo cujas raízes se encontram no “espírito popular, que gosta de depreciar, ironizar” (BORBA, 1967, p. 135).

d) transferência de sentido

Para o objeto de análise da nossa pesquisa, é importante destacar apenas o papel da transferência de sentido.

A transferência consiste na designação de um conceito por um nome que já pertence a um outro. Ela se dá por intermédio de similitudes de forma, de cor, de função, etc. com um outro objeto, ou conceito.

Citando os primeiros semanticistas (Darmesteter, Bréal e Paul), Guiraud (op. cit., p. 49) destaca que os tropos são agrupados em um quadro lógico, segundo a função desempenhada por eles: restrição, extensão ou transferência de sentido.

A metáfora e a metonímia configuram a transferência de sentido, ao passo que a sinédoque e a elipse constituem casos de restrição ou de extensão do sentido. Há restrição quando se toma a parte pelo todo, a espécie pelo gênero, etc. e extensão no caso contrário.

Stern (apud GUIRAUD, op. cit., p. 54) distingue a nomenclatura intencional e consciente da transferência não-intencional. Existe:

- a) nomenclatura intencional: quando se forma uma nova palavra por meio da composição e da derivação;
- b) transferência intencional e não figurativa: quando há uso de metáforas puramente nocionais, por exemplo: “pé-de-cabra”, “bola-de-neve”;
- c) figuras de estilo de origem expressiva, litote, hipérbole, e, mais especialmente, metáfora estilística, tanto quanto o eufemismo e a ironia.

A transferência, chamada por esse autor de regular, opõe-se à transferência intencional e “repousa sobre a identidade de aparência (uma folha de papel), de função (o leito de um rio), ou de situação (o pé de uma montanha), entre dois referentes” (GUIRAUD, op. cit., p. 54).

Além da transferência, o autor destaca que há PERMUTA, que consiste no resultado de uma mudança na idéia que o locutor tem do referente, que ele considera em algumas de suas características. É o caso da sinédoque e da metonímia da antiga retórica.

Guiraud cita que Ullmann faz uma reclassificação dos tipos de Stern, baseando-se num esquema semiológico mais saussuriano. Para Guiraud (op. cit., p. 55), essa reclassificação é um pouco rígida e abstrata, se analisada do ponto de vista prático:

(...) Ullmann constata que pode haver transferência do nome ou transferência do sentido, e que, em cada caso, isso se dá por similaridade ou por contigüidade dos nomes ou dos sentidos; uma última classe agrupa as mudanças compostas devidas a associações complexas (...). (GUIRAUD, op. cit., p. 55-56)

Disso resulta um esquema apresentado por Guiraud da seguinte maneira:

a) Mudanças devidas ao conservantismo lingüístico.

b) Mudanças devidas à inovação lingüística.

I) Transferências do **nome**:

a) Por *similaridade* entre os sentidos;

b) Por *contigüidade* entre os sentidos.

II) Transferências do **sentido**:

a) Por *similaridade* entre os nomes;

b) Por *contigüidade* entre os nomes.

III) Mudanças compostas

	a) similaridade	b) contigüidade
I) Sentidos	I a	I b
II) Nomes	II a	II b

Ao apresentar o esquema acima reproduzido (GUIRAUD, 1972, p. 55-56), o autor salienta que tal classificação engloba as características da significação, evidenciando-as. Há, por um lado, a bipolaridade significante (nome)/significado (sentido) e, por outro, “a natureza psico-associativa do processo em sua dupla forma, similaridade ou contigüidade das imagens mentais associadas”. Esse esquema, em suma, engloba todos os tipos possíveis de associações e de mudanças de sentido e Guiraud explica cada um deles.

I a, que consiste na transferência do nome por similaridade dos sentidos, é, de todas as mudanças de sentido, a que ocorre com maior freqüência, sendo a metáfora o seu tipo mais comum. Essa **similaridade dos sentidos** pode ser: substancial, sinestésica e afetiva, que serão abordadas no capítulo referente à metáfora.

Em I b (transferência do nome por contigüidade dos sentidos), estão a sinédoque e a metonímia, que consistem em se tomar a parte pelo todo, o conteúdo pelo continente, o instrumento pela ação, dentre outros e vice-versa. A contigüidade pode ser: espacial, temporal ou causal, características essas que serão abordadas no capítulo referente à metonímia e à sinédoque.

Em II a (transferência do sentido por similaridade dos nomes), Ullmann salienta que o contágio fonético, bem como a etimologia popular constituem esse tipo de transferência de sentido. II b (transferência de sentido por contigüidade do nome), por sua vez, se dá por meio da elipse e do contágio sintático, os quais têm sua fonte em uma associação entre dois nomes contíguos em um mesmo contexto. É o caso de *cidade capital*, que passou a ser usado como

capital apenas, pois cidade está intimamente associada à capital (esta evoca cidade). Essa transferência de sentido pode resultar em mudanças gramaticais, como a conversão de um adjetivo em substantivo.

Por fim, III (transferência composta) reflete a complexidade das relações semânticas que, geralmente, englobam várias transferências de nome e de sentido no processo de evolução de uma palavra. O autor cita como exemplo o *beujolais* (um copo de vinho de Beaujolais), em que há dupla elipse baseada sobre a contigüidade sintática dos nomes e, ao mesmo tempo, uma dupla metonímia com a associação de dois sentidos contíguos (o continente pelo conteúdo e o lugar pelo produto).

Para Guiraud (op. cit., p. 62), o esquema de Ullmann, observado pela sua esquematicidade, engloba as mudanças de sentido valendo-se de um quadro muito simplificado, mas, visto de outro ângulo, tem a vantagem de evidenciar o caráter psico-associativo e funcional do processo. Além disso, essa classificação pode integrar quaisquer outros esquemas. Tal característica é, como bem afirma Guiraud, observada pelo próprio Ullmann.

3.3. Mudança de sentido

O sentido muda, como bem salienta Guiraud (op. cit., p. 64), porque se dá, de forma deliberada, um nome a um conceito para fins cognitivos ou expressivos, ou melhor, porque as coisas são nomeadas.

Muda, também, porque uma das associações é de caráter secundário: sentido contextual, valor expressivo, valor social. Neste caso, o sentido, usando as palavras do autor, “desliza progressivamente sobre o sentido de base e o substitui; o sentido evolui” (p. 64).

No primeiro caso, a mudança se caracteriza por ser individual, consciente e descontínua. Ao passo que no segundo, é coletiva, inconsciente e progressiva. No entanto, nos dois casos o que ocorre é o resultado de uma modificação estrutural das associações psíquicas que constituem o sentido, bem como os valores da palavra.

De acordo com Ullmann (op. cit., p. 409), as mudanças de significado são, muitas vezes, provocadas por várias causas. Antoine de Meillet identificou, segundo Ullmann, três causas principais da mudança semântica, mas Ullmann lista seis. São elas:

- a) Causas lingüísticas: as mudanças podem ocorrer por causa das associações as quais as palavras estão sujeitas na fala. O sentido de uma determinada palavra

pode ser transferido para uma outra pelo fato de ambas ocorrerem simultaneamente em vários contextos. Como exemplo, Ullmann (op. cit., p. 411) cita a história da negativa em francês: certas palavras, cujo sentido original era positivo, passaram a ter um valor negativo por causa do uso constante com a partícula negativa *ne*.

- b) Causas históricas: a língua pode, muitas vezes, ser mais conservadora que a sociedade. Embora os objetos, as idéias, as instituições, etc. mudem com o tempo, o nome pode, em diversos casos, conservar-se e contribuir para que um sentido de tradição e continuidade seja assegurado.
- c) Causas sociais: “quando uma palavra passa da linguagem vulgar para uma nomenclatura especializada (...) tende a adquirir um sentido mais restrito” (ULLMANN, op. cit., p. 15) e as palavras provenientes da linguagem de um grupo que passam para o uso comum podem ter seu significado ampliado. Trata-se de **especialização**, no primeiro caso, e de **generalização**, no segundo. Ambas consistem num processo comum dentro da língua e participam, também, das principais causas geradoras da polissemia.
- d) Causas psicológicas: uma palavra pode ter seu significado alterado devido ao estado de espírito de quem a utiliza. “Uma semelhança ocasional que a vista capta, uma associação humorística que ocorre à mente, podem produzir uma imagem que, pela sua adequação ou pela sua qualidade expressiva, passará do estilo individual para o uso comum” (ULLMANN, op. cit., p. 417). Daí resultam as metáforas, que, por sua vez, poderão resultar em mudanças permanentes de significado. As mudanças de significado mais interessantes psicologicamente são as advindas dos fatores emotivos e do tabu. 1) **Fatores emotivos**: de acordo com Ullmann (op. cit., p. 418), baseado em H. Sperber, “se estamos intensamente interessados por um assunto, temos tendência a falar dele freqüentemente; vamos mesmo referir-nos a ele ao falarmos de questões totalmente diferentes. Tais assuntos estão sempre presentes na nossa mente e, assim, sugerirão comparações e metáforas para a descrição de outras experiências”. Elas serão **centros de expansão**. Concomitantemente, estas esferas também poderão formar **centros de atração**: “acolheremos analogias de outros campos para as descrevermos com o máximo de precisão, frescura e variedade”. Por exemplo, na Primeira Guerra Mundial, os feijões eram chamados de *balas* e uma mulher com muitos filhos, *metralhadora*. As armas, por sua vez, também tinham suas alcunhas metafóricas

de caráter pitoresco e humorístico: uma metralhadora podia ser chamada de *moinho de café* e um tanque, de *cozinha rolante*. 2) **Tabu**: “O tabu é de importância vital para o linguista porque impõe uma proibição não só sobre certas pessoas, animais e coisas, mas também sobre os seus nomes. Na maioria dos casos, embora não em todos, a palavra tabu será abandonada e introduzir-se-á um substituto inofensivo, um *eufemismo*, para preencher a fenda” (ULLMANN, op. cit., p. 426). Há três grupos de tabus da linguagem: tabu de medo, tabu de delicadeza, tabu de decência.

- e) Influência estrangeira: muitas das mudanças do significado se dão pela influência de modelos estrangeiros, como é o caso de *bear*, palavra usada para designar duas constelações – a Ursa Maior e a Ursa Menor – e que tem paralelo em várias línguas – francês, italiano, espanhol, dentre outras e cujo berço é o latim, que, por seu turno, baseou-se no grego.
- f) Necessidade de um nome novo: a alteração do significado de uma palavra antiga para designar uma idéia ou um objeto novo também constitui importante fator da mudança de sentido. Trata-se de um artifício mais simples, mais discreto e mais elegante, como bem afirma Ullmann (op. cit., p. 438).

3.4. Extensão e restrição do significado

“O vocabulário é o elemento mais concreto e mais móvel da língua” (BORBA, 1967, p. 259). Sua mobilidade é constante, pois palavras tornam-se arcaicas enquanto outras são criadas por razões diversas, tais como o progresso cultural e científico, atividades novas, etc. Além disso, as palavras evoluem de sentido.

O significado pode se expandir ou se retrair. Muitas palavras aumentaram o seu significado enquanto outras o estreitaram. As razões para esses dois fenômenos lingüísticos podem ser diversas.

De acordo com Ullmann (op. cit., p. 478), vários lingüistas afirmam que a extensão consiste num processo menos comum que a restrição. Isso foi comprovado através das experiências dirigidas por um psicólogo, Heinz Werner, que afirmou haver duas razões para essa tendência.

- 1) A tendência evolutiva predominante segue no sentido da diferenciação mais que no da síntese.

- 2) A segunda razão está relacionada à primeira: “a formação de conceitos gerais a partir de termos específicos é de reduzida importância na comunicação não-científica”. Ou seja, a linguagem da vida diária está voltada mais para o concreto e específico do que para o abstrato e geral.

Contudo, Ullmann (op. cit., p. 479) ressalta serem os casos de ampliação semântica muito frequentes em várias línguas e Borba (2003, p. 160) afirma que a expansão se dá em maior escala que a retração⁸.

Como já citado anteriormente, a língua é um produto social. Portanto, a extensão e a restrição também ocorrem por causa de fatores sociais:

(...) uma palavra que passa de um meio limitado para o uso comum alargará algumas vezes o seu significado e perderá no processo alguns dos seus traços distintivos. (ULLMANN, op. cit., p. 479-480)

De acordo com Marques (1976, p. 28-29), na história da semântica tradicional, as primeiras tentativas classificatórias das alterações de sentido tiveram como embasamento critérios oriundos da gramática greco-latina. Tais critérios levavam em conta os resultados da comparação entre os sentidos das palavras antes e depois da constatação da mudança de significado:

A extensão de sentido englobava todos os casos em que um termo passava a se aplicar a um número maior de referentes do que antes: macaco “espécie de símio” passa a designar “mecanismo para levantar grandes pesos” (...). (MARQUES, op. cit., p. 29)

A restrição de sentido, por sua vez, ocorria quando os referentes de uma determinada palavra sofriam diminuição, como é o caso de *boato*, atualmente mais usado como “notícia anônima que corre publicamente” e cujo sentido original era *grito ruidoso*. *Fortuna*, por exemplo, tinha um significado mais neutro: *o que sucede por acaso* e, nos dias atuais, seu significado restringiu-se a *boa sorte, bens, riqueza*.

A transferência de sentido englobava as alterações de caráter mais complexo e abrangentes de extensão de sentido: *planta*, por exemplo, *parte inferior do pé*, passou a designar genericamente qualquer *vegetal*, bem como *desenho que representa a projeção horizontal de um edifício*.

⁸ Usamos, para as citações de cada autor aqui discutidos, sua respectiva terminologia.

Sob a influência dos trabalhos de Geografia Lingüística e de análises detalhadas de transformações fonético-semânticas em numerosas palavras, passou-se a assinalar a complexidade dos fenômenos de mudança de sentido: tornava-se necessário examinar-lhes as *causas*, no nível dos processos mentais que os determinavam, das circunstâncias sócio-culturais que os impeliam, e dos condicionamentos lingüísticos estritos que os acompanhavam. (MARQUES, op. cit., p. 29)

Entidade histórica, instrumento de intercomunicação social e de expressão cultural: é assim que a língua passa a ser vista. Dessa maneira, as alterações semânticas seriam decorrentes das mudanças históricas e sócio-culturais. Concomitantemente, são enfatizados os mecanismos psicológicos “subjacentes às mudanças de relação entre os elementos vocabulares na estrutura da língua”. (MARQUES, op. cit., p. 30)

Assim, as inovações lingüísticas resultariam de um esforço de ajuste de expressão/pensamento e se dariam por meio de associações de semelhança ou de contigüidade entre a forma e o sentido das palavras. Atuariam fatores internos e externos, dos quais decorreriam mudanças nas relações entre o sentido da palavra e:

- a) o seu referente;
- b) o sujeito falante;
- c) as demais palavras da língua.

A extensão e a restrição resultam na polissemia. Todo signo lingüístico pode ser polissêmico, uma vez que é arbitrário e convencional e o significado é um conjunto de traços sêmicos. Esses traços podem se expandir em diversas direções resultando numa pluralidade significativa. Tal fato está intimamente ligado à convenção lingüística, possibilitadora não apenas da comunicação interpessoal, mas também da sobrevivência do código como sistema instituído e suprapessoal:

Se o nome não se liga à coisa como sabemos desde Platão, nada mais natural que um mesmo significante represente coisas ou estado de coisas diversos. (Borba, 2003, p. 161).

A polissemia constitui um traço fundamental da fala humana e pode surgir de distintas maneiras (ULLMANN, op. cit., p. 331). Uma única palavra pode ser símbolo de diversas realidades, ou seja, pode ter vários conteúdos ou significações, como bem destaca Baldinger (1970, p. 35).

Ullmann examina cinco fontes geradoras de polissemia, das quais quatro são nativas e uma resultante da influência de uma língua estrangeira. São elas:

- a) Mudanças de aplicação: as palavras possuem determinado número de aspectos diferentes, de acordo com o contexto em que são utilizadas. Destes aspectos, alguns são efêmeros, ao passo que outros podem se transformar em matizes permanentes de significado. À medida que vai aumentando a separação entre esses aspectos, pode-se até chegar a considerá-los como sentidos distintos da mesma palavra. O autor ressalta que as mudanças de aplicação constituem o agente principal da abundância de significados de uma palavra, com o emprego figurado sendo um importante fator de cooperação.
- b) Especialização num meio social: uma palavra pode adquirir certa quantidade de sentidos especializados. Existem vários casos de palavras que possuem um significado geral da linguagem comum e sentidos especializados em esferas mais restritas. Ullmann (op. cit., p. 335) cita como exemplo as palavras “companhia”, “interesse”, “ação”, dentre outras.
- c) Linguagem figurada: a metáfora, bem como outras figuras são importantes na motivação e nas tonalidades emotivas. O autor destaca o fato de uma palavra poder adquirir um ou mais sentidos figurados sem, contudo, perder o seu significado original. O antigo e o novo significados poderão conviver lado a lado, uma vez que não exista possibilidades de confusão nos seus usos. Assim, um conjunto de metáforas pode ser a fonte de polissemia de uma palavra. Entretanto, ela não é a única figura que pode gerá-la, pois a metonímia pode agir da mesma maneira.
- d) Homônimos reinterpretados: a polissemia pode nascer de uma forma especial de etimologia popular, que ocorre quando duas palavras possuem som igual, mas cuja diferença de significado é mínima. Assim, haverá uma tendência para considerá-las como apenas uma palavra provida de dois sentidos. Ullmann (op. cit., p. 340) destaca que esse tipo de polissemia é muito raro e os casos são duvidosos.
- e) Influência estrangeira: consiste num processo em que uma língua pode influir em outra, mudando o significado de uma palavra já existente. “Algumas vezes, o sentido importado abolirá completamente o antigo” (ULLMANN, op. cit., p. 342). Trata-se de **empréstimo semântico** e ocorre com freqüência quando há contato íntimo entre duas línguas. Contudo, esta espécie de polissemia não está restrita apenas ao contato entre duas línguas particulares. Muitos empréstimos semânticos são de âmbito internacional, “com os idiomas copiando-se uns aos outros ou imitando um modelo comum” (ULLMANN, op. cit., p. 345).

Aristóteles criticou a polissemia, pois alegava que as palavras de significado ambíguo serviam para que o sofista desorientasse seus ouvintes (ULLMANN, op. cit., p. 346-347).

Com isso, os filósofos passaram a condenar a polissemia: concebiam-na como um defeito da linguagem e como um obstáculo para a eficiência da comunicação, bem como para um pensamento claro.

De acordo com Bréal (apud ULLMANN, op. cit., p. 357), “quantos mais significados uma palavra acumulou, mais diversos aspectos de atividade intelectual e social é capaz de representar”.

A polissemia não consiste num defeito da língua, mas sim numa condição essencial da sua eficiência. Se a polissemia não fosse possível, haveria uma sobrecarga na nossa memória, pois “teríamos que possuir termos separados para cada tipo de tema concebível sobre o qual quiséssemos falar” (ULLMANN, op. cit., p. 347). Trata-se de um fator de economia e flexibilidade da língua.

O que garante a polissemia é a influência do **contexto**, pois não importa o número de significados de uma palavra constantes do dicionário: não ocorrerá confusão se somente um deles fizer sentido em determinada situação. O papel do contexto na determinação do significado tem despertado entre os semanticistas uma preocupação, visto que em todas as línguas existem formas significantes passíveis de realizações conceituais distintas.

Considera-se que uma palavra possuiria “tantas significações quantas fossem as suas possíveis realizações contextuais diferentes” (MARQUES, op. cit., p. 37). Tais sentidos seriam de caráter virtual e somente um deles se concretizaria num determinado contexto. Em outras palavras, apenas um sentido é concretizado num determinado ambiente lingüístico e na dependência das circunstâncias extralingüísticas que presidem ao ato de comunicação.

4. A METÁFORA

4.1. Breve percurso histórico

Como o nosso objeto de estudo é a metáfora, neste capítulo abordaremos seu percurso histórico desde os estudos clássicos até os dias atuais com o advento da Linguística Cognitiva.

Selecionamos alguns autores cujos trabalhos tiveram e têm relevância para o estudo da metáfora. Nosso propósito é não apenas elencar e citar as opiniões desses autores, mas também mostrar como o estudo da metáfora pode ser amplo, abrindo um leque de opções para aqueles que a adotam como objeto de estudo.

4.1.1. A metáfora na Retórica Antiga

Os estudos acerca da metáfora remontam à época de Aristóteles (século IV a.C.), que a considerava a rainha das figuras (cf. VALENTE, 2001, p. 54). Entendia que a linguagem metafórica abarcava tanto o domínio da Retórica como o da Poética.

Para Aristóteles, a metáfora consistia em se transportar para uma coisa o nome de outra, bem como do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia. Afirmava que a metáfora possui uma maior importância que as outras mencionadas espécies de nomes, de nomes duplos e de palavras estrangeiras, uma vez que ela não se aprende nos demais, revelando o engenho natural. Para ele, saber descobrir as metáforas significava perceber bem as semelhanças.

A metáfora era vista como transposição e a transferência baseada na analogia de quatro termos era vista como a forma mais popular de metáfora: se A está para B tal como C está para D, podemos, portanto, substituir A por C e vice-versa, além de podermos criar um elo entre A e D ou entre C e D. Citemos um exemplo: a velhice está para a vida assim como o entardecer para o dia, portanto, podemos falar metaforicamente do entardecer do dia e da velhice da vida, bem como do entardecer da vida e da velhice do dia.

De acordo com Valente (op. cit., p. 55), da Retórica Antiga herdamos a idéia de que a metáfora é uma comparação entre dois termos: A e B, tomados como impropriamente semelhantes entre si.

Dos estudos aristotélicos seguiram-se outros que interpretavam a comparação como sendo uma expansão da metáfora por analogia na qual o confronto seria dado por um termo explícito (o “como”, por exemplo). Quintiliano e Cícero não viam a metáfora por este prisma e apresentaram uma proposta diferente: a metáfora seria uma comparação abreviada – concepção esta que, por muito tempo, sobrepôs-se à de Aristóteles.

Como bem destaca Lopes (1987, p. 24-25), na Retórica Antiga a metáfora passou a ser definida como sendo uma comparação abreviada, elíptica, “concebida nos termos de uma figura do plano de conteúdo (um metassemema) resultante de uma comparação entre dois termos”. O autor salienta que A seria o termo a definir, ou seja, o comparado, ao passo que B seria o comparante que o define tendo como ponto de partida um fundamento impróprio (sema comum a A e B), em que se suprime a partícula comparativa (como, tal, qual, tal como, etc).

Essa concepção da metáfora resultava no entendimento de que a comparação seria dotada de maior clareza do que a metáfora, com um caráter mais prosaico e mais compreensível, “de algum modo mais relacionável com algum tipo de grau zero da linguagem”. A metáfora, então, seria mais obscura ou misteriosa, sendo assim, mais apropriada para expressar a intuição poética.

Ricoeur (apud SACKS (org.), 1992, p. 146) afirma que a primeira análise da metáfora, ou seja, a de Aristóteles fornece sugestões relativas ao que denominamos função semântica da imaginação na expressão do sentido metafórico. Para Aristóteles, a metáfora é uma das figuras dentro da *lexis* geral (dicção, elocução e estilo). Para ele, elaborar boas metáforas depende da capacidade de ponderar sobre semelhanças e a “clareza de boas metáforas resulta de sua capacidade de ‘colocar frente aos olhos’ o sentido por elas exposto”. Isso é o que Ricoeur chama de dimensão pictórica, cuja denominação seria “função pictórica do sentido metafórico”. O autor também salienta que

A tradição da retórica confirma a existência de um elo além de qualquer teoria específica relacionada a um status semântico da metáfora. A própria expressão ‘figura de linguagem’ implica que na metáfora, como em outros tropos ou recursos de expressão, o discurso toma o formato de um corpo, assumindo formas e características que usualmente caracterizam a face humana, a ‘figura’ do homem; é como se os tropos dessem ao discurso uma exteriorização *quase corpórea*.

De acordo com Zir (2003), Aristóteles deu início à tradição de conceber a metáfora como um uso desviante da linguagem, em oposição ao uso normal desta última.

Na *Arte Poética*, Aristóteles focaliza o uso da metáfora no “estilo poético”. Ao tratar da metáfora no “estilo oratório”, ele a trata como uma qualidade de estilo, devendo pressupor clareza para que o discurso cumpra sua missão. Para o autor, desviar uma palavra de seu sentido ordinário permite imprimir ao estilo maior dignidade. Além disso, afirma que o termo próprio, o vocábulo usual, bem como a metáfora constituem as únicas expressões de utilidade para o estilo do discurso simples e puro. A metáfora, para Aristóteles, serve para dar clareza, agrado e “ar estrangeiro” de que falamos, sendo um enigma velado.

Ademais, Aristóteles afirma que as metáforas servem como imagem e que as imagens constituem metáforas com perda de uma palavra. O autor também enfatiza a metáfora como forma de se expressar com “graça e urbanidade”.

No capítulo XXI da *Arte Poética*, Aristóteles define as figuras tomando como base a caracterização do *nome*. Nome, para ele, é uma parte da elocução (*lexis*), junto com a letra, a sílaba, a conjunção, o verbo, o artigo, a flexão (caso) e a expressão (locução, *logos*). O nome é apresentado como som composto, significativo, desprovido de indicação de tempo e a metáfora, portanto, estaria ligada ao nome, à palavra (*onoma*) e não ao nível do discurso, o que parecia ser defendido na Retórica. Assim, Aristóteles defendia que todo nome poderia ser, então, um termo próprio ou um termo dialetal, bem como uma metáfora ou um vocábulo ornamental, etc.

Dentro da visão aristotélica, o que caracteriza a dinâmica da metáfora é a percepção das semelhanças. Isso está mais palpável na aproximação que Aristóteles faz entre a metáfora e a imagem (comparação): a metáfora aparece como o princípio dinâmico da comparação, constituindo duas dimensões de um mesmo fenômeno, que surge com efeitos diferenciados. Estes efeitos concernem a um caráter sutil que apenas a metáfora tem, isto é, o *icônico*⁹.

4.1.2. A metáfora nos estudos de Ullmann

De acordo com Ullmann (1977 [1964], p. 337), o fato de um signo poder designar algo sem, contudo, deixar de designar outra coisa é o que faz da linguagem um instrumento de conhecimento.

Para ele, a metáfora encontra-se intimamente relacionada à tessitura da fala humana e, por isso, a encontramos sob diversos aspectos, tais como: um fator primordial da motivação,

⁹ Abordaremos mais adiante a questão do icônico, ou melhor, do aspecto icônico que a linguagem metafórica possui, quando tratarmos da metáfora sob a ótica de Paul Ricoeur.

um artifício expressivo, uma fonte de sinonímia e de polissemia, uma fuga para as emoções intensas, uma forma de preencher lacunas no vocabulário, dentre outros aspectos.

A transferência de nome por semelhança – como é o caso da metáfora – pode ser: **substancial** (semelhança de forma, de função e de situação), **sinestésica** (assimilação de um som a uma cor, de uma cor a um odor) e **afetiva** (assimilação das qualidades de um objeto concreto a um sentimento).

Ullmann (op. cit., p. 442-443) destaca que a estrutura básica da metáfora é simples, visto que há sempre dois termos presentes, ou seja, a coisa da qual falamos e aquilo com que a estamos comparando. Fazendo referência à teoria de I. A. Richards, Ullmann destaca que os dois termos presentes na metáfora são classificados respectivamente como **teor** e **veículo** e o traço ou traços que possuem em comum são o **fundamento** da metáfora.

O autor ilustra sua afirmação com um exemplo: a forma latina *musculus* (ratinho), diminutivo de *mus* (rato), era usada figurativamente como *músculo* e resultou no inglês *muscle*. Assim, *músculo* é o teor, *ratinho* é o veículo e a semelhança que se vislumbra das duas formas é o fundamento da imagem, isto é, o elemento comum que possibilita a transferência:

Em vez de declarar explicitamente, sob a forma de uma comparação, que um músculo *parece* um ratinho, o teor identifica-se com o veículo por uma espécie de taquigrafia verbal. Neste sentido, pode-se dizer que uma metáfora é uma ‘comparação condensada que afirma uma identidade intuitiva e concreta’. (ULLMANN, op. cit., p. 443)

A semelhança entre o teor e o veículo pode ser de duas naturezas: **objetiva**, quando, por exemplo, chamamos o cimo de uma montanha de *crista* por se parecer com a crista da cabeça de um animal; **emotiva**, quando, por exemplo, falamos de um *amargo* contratempo por este possuir um efeito semelhante ao de um sabor amargo.

Para Ullmann, a metáfora exprime a faculdade imaginativa do ser humano. Ele a divide em quatro grupos:

- **metáforas antropomórficas:** têm sua gênese na relação do homem com seu corpo. Neste tipo, há uma transferência de nomes das partes do corpo humano para nomear objetos inanimados. Vejamos dois exemplos citados por Ullmann (op. cit., p. 445): frente de uma colina e boca de um rio. O autor ressalta que há, também, muitas transferências na direção oposta, isto é, em que partes do corpo humano recebem

nomes de animais ou de objetos inanimados, por exemplo: *músculo*, *pólipo*, *espinha*, *maçã de Adão*, *maçã do rosto*, *tímpano do ouvido*, dentre outros. Citando Sperber, Ullmann destaca que o corpo humano constitui um poderoso centro de expansão metafórica bem como de atração (...); “no geral, todavia, as metáforas provenientes desta esfera parecem ser muito mais freqüentes que as que lhe são dirigidas”.

- **metáforas animais:** originam-se do fato de o reino constituir uma fonte perpétua de imagens, movendo-se em duas direções principais. Algumas são aplicadas a plantas ou a objetos insensíveis. Outro grupo é constituído pelas que se transferem para a esfera humana, podendo, muitas vezes, ter significados irônicos, pejorativos, humorísticos e grotescos.
- **metáforas do concreto ao abstrato:** consistem em traduzir experiências abstratas em termos concretos. “Em muitos casos a transferência é ainda transparente, mas noutros será necessária uma investigação etimológica para recapturar a imagem concreta que está por baixo da palavra abstrata.”
- **metáforas sinestésicas:** consistem na transposição de um sentido para outro, tal como do ouvido para a vista, do tato para o ouvido, etc. Por exemplo: voz quente ou fria.

4.1.3. A metáfora na teoria de Paul Ricoeur

Acreditamos que a abordagem da teoria de Paul Ricoeur seja importante, uma vez que concebe o processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento.

Ricoeur defende, com base no princípio da imaginação, que a linguagem metafórica possui aspecto icônico:

O que se sugere aqui é um tipo de dimensão pictórica, que pode ser chamada de **função pictórica** do sentido metafórico.

A tradição da retórica confirma a existência de um elo além de qualquer teoria específica relacionada a um status semântico da metáfora. A própria expressão ‘figura de linguagem’ implica que na metáfora, como em outros tropos ou recursos de expressão, o discurso toma o formato de um corpo, assumindo formas e características que usualmente caracterizam a face humana, a ‘figura’ do homem; é como se os tropos dessem ao discurso uma exteriorização *quasi corporea*. Ao dar à mensagem uma capacidade de atuar como um retrato, os tropos fazem com que surja o discurso. (RICOEUR, 1992, p. 146)¹⁰

¹⁰ In: SACKS, S. (org.).

Ricoeur defende o aspecto icônico da linguagem metafórica baseando-se no princípio de que a imaginação é uma das fontes da criação metafórica. Para ele, a imaginação aparece como o “lugar da emergência do sentido figurativo no jogo da identidade e da diferença” (RICOEUR, 1983, p. 299).

Entretanto, o ícone é descrito e não apresentado. Dessa forma, se quisermos falar de uma expressão literal – com a premissa de que tudo é literal – esse “literal” constituirá uma regra para encontrar objeto ou situação; funcionará depois iconicamente: “a coisa visada é pensada como aquilo que o ícone descreve” (RICOEUR, 1983, p. 283).

Ricoeur defende que a metáfora acrescenta modos de conhecimento do mundo e, também, modos de sentir, bem como perspectivas:

(...) ao simbolizar uma situação por meio de outra, a metáfora ‘infunde’ no coração da situação simbolizada os sentimentos ligados à situação que a simboliza. (RICOEUR, 1983, p. 283)

O autor discute, ademais, a *teoria predicativa* (interacional), na qual se desloca a questão da metáfora da esfera da *denominação* – como salientava Aristóteles – para o quadro da *predicação* (enunciado, discurso). Assim, somente um enunciado pode fazer referência a uma coisa ou a uma situação “simbolizando o seu ícone”. A metáfora é uma criação do discurso e surge do contexto, ou seja, não é localizada lexicalmente, mesmo que se possa afirmar que exista um foco metafórico. Dessa maneira, pode-se falar em enunciação metafórica (o acontecimento) e enunciado metafórico (unidade discursiva produzida).

Para Ricoeur (1992, p. 154-155) o sentido de uma nova metáfora “é o aparecimento de uma nova congruência ou pertinência semântica a partir das ruínas do sentido literal compartilhado por incompatibilidade ou absurdez semântica”:

Da mesma maneira como o sentido metafórico não só abole mas preserva o sentido literal, a referência metafórica mantém a visão usual em tensão com aquela que ela sugere. Como diz Berggren em “The Use and Abuse of Metaphor”: “A possibilidade ou compreensão da construção metafórica requer, assim sendo, uma habilidade intelectual peculiar e um tanto quanto sofisticada, que W. Bedell Stanford metafóricamente rotula ‘visão estereoscópica’: a habilidade de entreter dois pontos de vista diferentes ao mesmo tempo. Ou seja, a perspectiva prévia e subsequente à transformação do princípio da metáfora e os assuntos subsidiários devem ser conjuntamente conservados”.

O autor defende que a imaginação e o sentimento sempre estiveram ligados nas teorias clássicas da metáfora: na retórica, a metáfora sempre foi definida como estratégia do discurso que tem como função persuadir ou agradar. Assim, imaginação e sentimento não são

extrínsecos ao surgimento do sentido metafórico. Embora não sejam substitutos para certa carência de conteúdo informativo nas expressões metafóricas, eles completam sua intenção cognitiva total. (RICOEUR, 1992, p. 159)

Por fim, o autor salienta que seu estudo sugere que existe uma analogia estrutural entre os componentes cognitivos, imaginativos e emocionais do ato metafórico completo. É a partir dessa analogia estrutural e desse funcionamento complementar que o processo metafórico delinea sua solidez e sua totalidade.

4.1.4. A metáfora na lingüística cognitiva

A metáfora consiste no emprego de um símbolo por outro, mas, de ordem diferente. Não está em comparar símbolo com símbolo, mas, no fato de empregar um símbolo tão fora do seu meio natural que, através dele, seja a mente humana levada a evocar o outro. (SILVEIRA BUENO, 1956, p. 167)

De acordo com Silva (s/d, p. 2)¹¹ a lingüística cognitiva se opõe aos dois paradigmas lingüísticos anteriores: o estruturalismo e o gerativismo. O primeiro entende e estuda a linguagem como um sistema que se basta a si mesmo, ou seja, com a sua própria estrutura, seus próprios princípios constitutivos, sua própria dinâmica e, “por conseguinte, o mundo que ela representa e o modo como através dela o percebemos e conceptualizamos considera-os como aspectos ‘extralingüísticos’”. A gramática gerativa, por sua vez, tem como princípio que a faculdade da linguagem é um componente autônomo da mente, específico e independente de outras faculdades mentais; assim, o conhecimento da linguagem é independente de outros tipos de conhecimento.

A lingüística cognitiva rejeita os postulados da lingüística moderna que decorrem do princípio de autonomia da linguagem: a separação entre conhecimento semântico (ou lingüístico) e conhecimento enciclopédico (ou extralingüístico), que tem como fundamento o postulado da existência de um nível estrutural ou sistêmico de significação lingüística, que difere do nível no qual o conhecimento do mundo encontra-se associado às formas lingüísticas; o postulado saussureano da arbitrariedade do signo lingüístico; a afirmação da discrição e homogeneidade das categorias lingüísticas; a idéia de que a linguagem é gerada

¹¹ SILVA, Augusto Soares. A lingüística cognitiva – Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. Universidade Católica – Faculdade de Filosofia de Braga. [s/d], 37p. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>. Acesso em 20/07/2008.

por regras lógicas e por traços semânticos ‘objetivos’; a tese chomskyana da autonomia e da não-motivação semântica e conceptual da sintaxe. (SILVA, s/d, p. 3)

Para a lingüística cognitiva, a linguagem deve ser explicada em termos semânticos e funcionais. Ela atribui importância aos aspectos funcionais dos fenômenos lingüísticos e desenvolve uma análise lingüística com base na observação do uso lingüístico, ou seja, opõe-se ao abandono chomskyano da “performance” lingüística. A lingüística cognitiva constitui uma espécie de lingüística pragmaticamente orientada tanto teórica quanto metodologicamente:

Ela sintoniza, portanto, com várias escolas e teorias (recentes e antigas) que se concentram no uso da linguagem e nas funções por esta desempenhadas. Em particular, é grande a sintonia entre a lingüística cognitiva e a lingüística funcional e tipológica, tal como tem sido desenvolvida por Givón (1979, 1984, 1989, 1995) e outros. Mas a lingüística cognitiva não é uma reduplicação da pragmática lingüística, já que esta é apenas uma das disciplinas lingüísticas, que se ocupa das línguas como instrumentos de acção e de comportamento. (SILVA, s/d, p. 3-4)

A metáfora é vista na lingüística cognitiva como uma atividade cognoscitiva que define a natureza do sistema conceptual humano. Assim, como bem destaca Silva (2003, p. 15), a metáfora constitui um fenómeno conceptual por natureza, um processo e modelo cognitivo que integra nosso sistema conceptual, bem como nosso modo de pensar e de falar, seja na linguagem corrente ou nos discursos científicos.

Ademais, ela é um importante mecanismo cognitivo que permite que domínios mais abstratos da nossa experiência possam ser conceptualizados em termos do que é mais concreto e imediato.

4.1.5. A teoria de Lakoff e Johnson

De acordo com Silva (2003, p. 13), a concepção tradicional da metáfora, bem como da metonímia, de que constituíam instrumentos lingüísticos retóricos, cedeu espaço para uma nova teoria. Nas últimas décadas, houve mudança no enfoque da metáfora, que passou a ser vista como um mecanismo cognitivo.

O passo inicial foi dado por G. Lakoff e M. Johnson em *Metaphors We Live By*¹² (1980) e, desde então, a metáfora foi objeto de estudo de diversos autores que seguem a linha da Linguística Cognitiva, tais como Gibbs & Steen, Panter & Radden, Barcelona, Dirven & Porings, Fauconnier & Turner, entre outros.

Silva (2003, p. 15) ressalta que a metáfora passou a ser vista como um fenômeno conceitual por natureza, bem como processo e modelo cognitivo, constitutivos do nosso sistema conceitual, um modo natural de pensar e de falar, seja na linguagem do dia-a-dia, seja no discurso científico:

Especificamente, a metáfora é um importante mecanismo cognitivo pelo qual domínios da experiência mais abstratos e intangíveis podem ser conceptualizados em termos do que é mais concreto e imediato. Esta deslocação para o plano do sistema conceitual de fenômenos tradicionalmente identificados na linguagem e relegados para um nível anormal e este reconhecimento da naturalidade e ubiquidade do pensamento metafórico e metonímico enformam a teoria cognitiva contemporânea da metáfora e da metonímia (...).

Neste subcapítulo, abordaremos a teoria proposta por Lakoff & Johnson. Para tanto, fizemos um resumo de sua obra-mestra: *Metáforas da Vida Cotidiana*.

4.1.5.1. Metáforas da vida cotidiana

De acordo com Lakoff e Johnson (1995 [1980], p. 39), a maioria das pessoas concebe a metáfora como sendo um recurso da imaginação poética. Além disso, ela é vista apenas como uma característica da linguagem, ou seja, uma coisa mais das palavras do que do pensamento e da ação. Tal fato não é verdadeiro, pois a metáfora está presente em todo o nosso cotidiano não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação.

Os dois autores ressaltam que chegaram à conclusão de que o sistema conceitual humano, ou seja, a maneira como conceituamos nós mesmos e tudo o que está ao nosso redor, é de natureza metafórica.

Sobre *Metaphors We Live By*, Pontes (1990, p. 36) destaca que o trabalho magistral dos autores mostra como as metáforas estruturam nosso pensamento. Por exemplo, quando pensamos em determinados conceitos abstratos, como o tempo, nós o fazemos principalmente através de metáforas:

¹² Metáforas da Vida Cotidiana.

O estudo das metáforas revela que elas nos fornecem o meio de falar desses conceitos (...) de uma maneira coerente. Isso significa que nós estruturamos esses conceitos de maneira metafórica. Mas, como essas metáforas são incorporadas ao nosso dia-a-dia, nós esquecemos que elas são metáforas.

Os autores destacam que há verdadeiros sistemas metafóricos e que nós podemos, por meio deles, compreender de qual forma nós concebemos a realidade. Por isso, eles sustentam que a questão da metáfora não pode ser tratada como marginal pelos estudos lingüísticos, visto que a língua que usamos no cotidiano “se assenta numa base em grande parte metafórica” (KNEIPP, 1990, p. 55)¹³.

Pontes (1990, p. 40) destaca que Lakoff e Johnson mostram como as distintas metáforas estruturadoras de um conceito são coerentes entre si. Essa coerência se dá pela sobreposição de suas implicações.

De acordo com o que eles mostram, as metáforas servem para podermos falar daquilo que escapa ao terreno do concreto, do observável. Assim, todos os conceitos abstratos, tais como o amor, o tempo, o trabalho são estruturados metaforicamente. (PONTES, 1990, p. 50)

Lakoff e Johnson (1995 [1980], p. 41) afirmam que a essência da metáfora consiste em entender, bem como experimentar uma coisa em termos de outra. Dessa forma, tendemos a estruturar os conceitos menos concretos e mais vagos em termos de conceitos mais concretos, os quais são delineados de forma mais clara em nossa experiência. Os autores salientam que nenhuma metáfora pode ser entendida e nem mesmo representada independentemente de seu fundamento na experiência. (LAKOFF e JOHNSON, 1995 [1980], p. 56).

Kneipp (1990, p. 57) salienta que devemos observar que a afirmação dos autores de que um conceito é estruturado em termos de outro não quer dizer que os dois conceitos sejam uma coisa só. Ademais, Lakoff e Johnson asseguram que as metáforas não possuem como base similaridades pré-existentes, inerentes aos conceitos: são as próprias metáforas que criam essas semelhanças que, de outra maneira, não existiriam.

Por exemplo, quais são as semelhanças que justificam a metáfora AS IDÉIAS SÃO O ALIMENTO DA MENTE? Kneipp (1990, p. 57) ressalta que não há nenhuma semelhança. Embora o conceito de digerir um alimento seja independente da metáfora, o de digerir uma idéia só surge graças à metáfora:

¹³ In: PONTES, 1990.

Nesse sentido é que se afirma que as metáforas criam novas realidades, pois as similaridades que estabelecem passam a ser reais para a cultura que as adota. As metáforas convencionais estruturam nossa realidade atual. Novas metáforas têm o poder de criar novas realidades. Quando uma nova metáfora é acolhida no nosso sistema conceitual, ela modifica esse sistema e, por esse mesmo fato, o que é real para nós.

A autora cita que William Cooper, em uma resenha acerca do livro *Metaphors we live by*, observa que é difícil, em uma escala social ampla, mensurar o verdadeiro impacto de metáforas já existentes sobre o comportamento e o pensamento verbal, tanto historicamente quanto nos dias atuais. Entretanto, o autor destaca que o uso contínuo e muitas vezes deliberado da metáfora nos âmbitos da publicidade, da política e outras áreas pode ser visto como um indício da importância de tal impacto.

De acordo com Lakoff e Johnson (op. cit., p. 46), a mesma sistematicidade que nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro também oculta outros aspectos do conceito em questão:

Um caso muito mais sutil da maneira em que um conceito metafórico pode ocultar um aspecto de nossa experiência pode ser observado no que Michael Reddy denominou como “metáfora do canal”. Reddy observa que nossa linguagem acerca da própria língua está estruturada de uma maneira geral por meio da seguinte metáfora complexa:

AS IDÉIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS
AS EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES
A COMUNICAÇÃO CONSISTE EM UM ENVIO

Um falante põe idéias (objetos) nas palavras (recipiente) e as envia (por meio de um canal) a um ouvinte que extrai as idéias-objetos de seus recipientes.¹⁴

Quando dizemos que um conceito está estruturado por uma metáfora, estamos dizendo que está parcialmente estruturado e que pode ser entendido de uma certa maneira, mas não de outra.

Lakoff e Johnson (op. cit., p. 50) classificam as metáforas da seguinte maneira:

- **Metáforas estruturais:** são os casos em que um conceito está estruturado metaforicamente em termos de outro. Por exemplo: TEMPO É DINHEIRO estrutura nossa concepção de tempo, resultando em metáforas do tipo “perder dinheiro”, “gastar meu tempo”, uma vez que o tempo, em nossa experiência cultural, é tido como um bem valioso.

¹⁴ Tradução livre nossa.

- **Metáforas orientacionais:** estas não estruturam um conceito metafórico em termos de outro, mas organizam um sistema global de conceitos com relação a outro. Elas têm a ver com a orientação espacial: em cima – embaixo, dentro – fora, na frente – atrás, profundo – superficial, central – periférico. São metáforas que imprimem a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA, que resulta em metáfora do tipo “Hoje me sinto alto”. Essas orientações metafóricas não são arbitrárias, pois têm uma base em nossa experiência física e cultural. Assim, BOM É PARA CIMA, MAL É PARA BAIXO, MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO, etc.
- **Metáforas ontológicas:** nossas experiências com objetos físicos – em especial com o nosso corpo – proporcionam a base para um grande leque de metáforas ontológicas, ou seja, maneiras de considerarmos acontecimentos, atividades, emoções, idéias, dentre outros, como entidades e substâncias. Dessa forma, compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias nos permite que selecionemos partes de nossa experiência e que as tratemos como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. Assim, podemos nos referir às nossas experiências, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las, bem como raciocinar sobre elas como entidades ou substâncias. As metáforas ontológicas servem para efeitos diversos e os distintos tipos de metáforas refletem os tipos de fins para os quais servem. Por exemplo, A INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE: “A inflação está baixando nosso nível de vida”. Este exemplo mostra que ver a inflação como uma entidade permite que nos refiramos a ela, que a quantifiquemos, identifiquemos um aspecto particular, que identifiquemos causas e também acreditemos que a entendemos. Assim, usamos as metáforas ontológicas para: **fazer referência** (Nós trabalhamos pela paz); **quantificar** (Acabar este livro exigirá muita paciência); **identificar aspectos** (A brutalidade da guerra nos desumaniza); **identificar causas** (O peso da responsabilidade provocou depressão nele); **fixar objetivos e motivar emoções** (Ela viu no casamento a solução para seus problemas). Lakoff e Johnson (op. cit., p. 64) afirmam que metáforas ontológicas, como a citada acima, são necessárias para enfrentarmos racionalmente nossas experiências.

4.6. A metáfora na teoria proposta por Fauconnier e Turner

Os estudos em ciência cognitiva, que datam do final da década de 70, trazem uma nova forma de conceber a linguagem. Com isso, surge uma nova visão a respeito da metáfora e de seu processamento.

A metáfora tem sido objeto de estudo há muitos séculos, como vimos. A leitura dos estudos mais recentes nos permite observar que a visão aristotélica de que a metáfora é uma forma de dizer algo com um termo do outro e que sua função se restringe ao âmbito da estética e da retórica tem sido questionada e suplantada, uma vez que, com o advento da Linguística Cognitiva, esse fenômeno passou a ser visto como um mecanismo cognitivo gerador de uma riqueza de expressão maior do que a que antes se supunha.

As pesquisas referentes à metáfora sofreram interferências de ciências diversas: lingüística, filosofia geral e da linguagem, psicologia, dentre outras, o que acarretou controvérsias e um difícil consenso referente à qual âmbito a metáfora pertence. Ademais, há muita discórdia sobre onde situar os estudos analíticos da metáfora: ela está inserida no campo semântico ou pragmático, lingüístico ou conceitual? A discórdia também aparece quanto à sua natureza, criação, reconhecimento e interpretação (cf. BORBOREMA FILHO, 2004, p. 1-2). O mais importante, entretanto, consiste na afirmação e no consenso de que seu uso não está restrito à retórica e à literatura: o uso da metáfora se dá na linguagem como um todo, permeando o nosso cotidiano.

Neste capítulo, abordaremos a teoria proposta por Fauconnier, para no próximo capítulo contrastá-la com a de Lakoff no que diz respeito à metáfora do ponto de vista cognitivo. Nos próximos capítulos, tendo como base a teoria proposta por Fauconnier, mostraremos como a metáfora participa da construção perceptiva da realidade.

4.6.1. A Teoria dos Espaços Mentais

Os estudos cognitivos recentes tiveram uma considerável influência dos estudos desenvolvidos por Gilles Fauconnier e Mark Turner.

Fauconnier desenvolveu a *Teoria dos Espaços Mentais*, cujo resultado foi a publicação de um livro em 1985¹⁵. Esta nova teoria desenvolvida pelo autor originou a *Teoria da Integração Conceptual*, que tem sido desenvolvida por Mark Turner e seus colaboradores.

¹⁵ FAUCCONNIER, G. *Mental Spaces – aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge University Press, 1994 [1985].

Para que possamos compreender a Teoria da Integração Conceptual (ou Mesclagem Conceptual) faz-se necessário que abordemos, primeiramente, a Teoria dos Espaços Mentais.

Trata-se de uma teoria cujo foco é o “papel de fatores cognitivos como princípios de organização do conhecimento e estratégias de processamento, para a interpretação semântica de expressões lingüísticas em linguagem natural”, como bem salienta Feltes (2007, p. 116).

Os espaços mentais são domínios conceituais estruturadores de variados tipos de informações, tais como imagens, representações pictoriais, fotografias, jogos, esportes, campos científicos, obras literárias, sistemas hipotéticos, etc. (FELTES, op. cit., p. 116).

Eles são concebidos por Fauconnier como domínios cognitivos cuja natureza é semântico-pragmática e se configuram no processamento discursivo ativados por determinadas expressões lingüísticas, bem como por mecanismos de reconhecimento de elementos em distintos campos: psicológico, cultural, ficcional, histórico, dentre outros. O modelo dos espaços mentais é articulado a partir das capacidades da mente humana: ativamos variados espaços mentais e inter-relacionamos elementos desses espaços em qualquer prática comunicativa, estabelecendo uma rede de projeções que resulta na configuração da linguagem como uma complexa teia de elementos, domínios e projeções.

Trata-se de um modelo que se alinha com uma perspectiva integradora da cognição, considerando a organização cognitiva como sendo um conjunto integrado de sistemas, dentre os quais está presente a linguagem. Esta é, portanto, postulada como um instrumento cognitivo:

Linguagem, como nós conhecemos, é uma manifestação superficial de construções cognitivas escondidas e altamente abstratas. A operação de projeção de estrutura entre domínios é essencial a tais construções. E, portanto, essencial ao entendimento da construção cognitiva é a caracterização dos domínios que o discurso constrói para prover um substrato cognitivo ao raciocínio e conexões com o mundo. (FAUCONNIER, 1997, p. 34)¹⁶

Borborema Filho (op. cit., p. 90), citando Coulson & Oakley (2000, p. 176), destaca que os espaços mentais são usados na organização dos processos cognitivos relacionados à criação do significado:

Sendo uma teoria de semântica cognitiva, a Teoria dos Espaços Mentais situa o significado nas representações mentais dos falantes, e interpreta as estruturas lingüísticas como dicas que instigam os falantes a instituir elementos na estrutura inferencial. Os elementos nos espaços mentais se referem aos objetos no mundo

¹⁶ Tradução livre nossa de: “Language, as we know it, is a superficial manifestation of hidden, highly abstract, cognitive constructions. Essential to such constructions is the operation of structure projection between domains. And therefore, essential to the understanding of cognitive construction is the characterization of the domains that discourse builds up to provide a cognitive substrate for reasoning and for interfacing with the world.”

apenas indiretamente, como objetos nas representações mentais dos falantes, quer reais ou não.

De acordo com Feltes (op. cit., p. 116), o processo de construção dos espaços mentais ocorre levando-se “em conta um falante-ouvinte engajado num processo de produção-compreensão de enunciados lingüísticos, numa relação íntima com o contexto situacional”. Essa construção está relacionada, portanto, com princípios de organização do conhecimento humano e estratégias de processamento cognitivo atuantes na interpretação semântica dos enunciados lingüísticos:

A Teoria dos Espaços Mentais opera a partir do princípio de que os espaços são representados como conjuntos estruturados, com elementos ou indivíduos e relações entre eles. O autor sustenta que a linguagem “constrói espaços mentais, relações entre eles, e relações entre elementos dentro deles”.

Borborema Filho (op. cit., p. 91) destaca que esses espaços constituem estruturas parciais de caráter temporário, que surgem no decorrer da fala e do pensamento, representando entidades e relações de uma situação que lembramos, imaginamos ou experimentamos seja no passado, no presente ou no futuro. Trata-se de um tipo de receptáculo de informação importante sobre um domínio específico.

Da construção desses espaços mentais participam as expressões e as estruturas lingüísticas, que desempenham papel fundamental nessa construção. Além disso, elas também participam da criação dos elementos dentro desses espaços, bem como nas relações existentes entre os mesmos:

Os elementos representam cada uma das entidades do discurso e os enquadres simples representam as relações existentes entre eles. Como a mesma situação pode ser interpretada de várias formas, os espaços mentais geralmente são usados para fazer uma partição na informação que está vindo de fora sobre os elementos nas representações referenciais dos falantes. (Coulson & Oakley, 2003, apud BORBOREMA FILHO, op. cit., p. 91).

Os domínios conceptuais – de que tratamos no capítulo anterior – participam também desse processo. Entretanto, convém destacar que espaços mentais e domínios conceptuais são conceitos distintos, como bem salienta Grady et al. (1999, apud BORBOREMA FILHO, op. cit., p. 91):

Os espaços mentais não são equivalentes aos domínios e inclusive dependem destes: os espaços representam cenários particulares que são estruturados por certos domínios [...] um espaço mental é um construto de curta duração informado pelas estruturas de conhecimento mais gerais e mais estáveis associadas com um certo domínio.

Borborema Filho (op. cit., p. 91) ressalta que é possível ativar não apenas os dados lingüísticos utilizados, “mas também o conhecimento prévio e contextual na construção, estabelecimento e modificação dinâmica de espaços mentais na memória do operante”. Convém destacar que os dados lingüísticos desempenham um papel apenas de motivação neste processo, uma vez que os espaços não possuem uma natureza lingüística: são de natureza cognitiva, embora sejam gerados com base nas diretrizes que as formas lingüísticas estabelecem.

Outro fator relevante é que os espaços podem servir para modelar projeções dinâmicas no pensamento e na linguagem (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 102, apud BORBOREMA FILHO, op cit., p. 91-92)

Os espaços mentais consistem de elementos, bem como de relações cuja ativação se dá simultaneamente como uma estrutura integrada única. Com freqüência, a organização de um espaço mental ocorre pelo que chamamos de enquadre conceptual (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 104, apud BORBOREMA FILHO, op cit., p. 92).

Nestes enquadres estão inclusos o que Lakoff nomeia como “esquemas imagéticos”, os quais citamos no capítulo anterior. Borborema Filho (2004, p. 92) cita que:

Os espaços mentais viabilizam a partição das estruturas do discurso e de conhecimento de forma bem determinada. Os elementos que compõem cada espaço fazem parte de um enquadre específico e mantêm uma relação com suas contrapartes noutros espaços.

Fauconnier e Turner (1997, p. 72, apud BORBOREMA FILHO, op cit., p. 92) salienta que à medida que o pensamento humano desabrocha, ele estabelece elaboradas configurações de espaços mentais ligados uns aos outros e ao conhecimento anterior. Assim, gerenciar o discurso é essencial: o pensador, o falante, o ouvinte do discurso deve manter-se informado acerca dos espaços criados, bem como de seus conteúdos, das ligações entre eles e da ordem em que eles aparecem. Trata-se de um processo dinâmico e, portanto, em qualquer estágio, deve-se saber como se mover discursivamente pela configuração.

Fauconnier (1985, apud FELTES, op. cit., p. 116), ressalta que a base de sua teoria é a pragmática da referencia de Numberg, afirmando que estabelecemos ligações entre objetos de

natureza distinta devido a razões psicológicas, culturais ou pragmáticas. Após serem estabelecidas, essas ligações permitem a referência a um objeto em termos de outro ligado a ele apropriadamente. Assim, objetos em distintos espaços podem se relacionar por meio de conectores – “uma espécie de relação cognitiva que prevalece numa dada situação” e que se baseia no Princípio de Identificação, segundo o qual:

se dois objetos (no sentido mais geral), **a** e **b**, estão ligados por uma função pragmática $F(b=F(a))$, uma descrição de **a**, pode ser usada para identificar sua contraparte **b**.

Assim, se num hospital, uma enfermeira diz a outra:

A apendicite supurada é Carlos Alves

Temos um conector pragmático DOENÇA (‘apendicite supurada’) que leva até PACIENTE (‘Carlos Alves’). (FELTES, op. cit., p. 117)

A autora salienta que, para Fauconnier, os conectores pragmáticos podem representar ligações entre objetos do mundo real; além de desejos, crenças, etc. eles operam sobre objetos mentais que podem pertencer a distintos domínios:

Fauconnier trata da realidade como uma representação mental construída pelo falante-ouvinte; e afirma, adicionalmente, que não é sua ‘preocupação (imediate) dizer se (ou em que medida) tais representações podem ser acuradas, nem [...] descobrir a natureza filosófica, psicológica ou neurológica da realidade, crenças, desejos e imagens’. (FELTES, op. cit., p. 117)

Ainda acerca dos espaços mentais, Feltes (op. cit., p. 118) destaca que Lakoff os considera como fundamental no que concerne aos estudos sobre categorização, uma vez que tudo o que categorizamos está representado em termos de espaços mentais. Trata-se de “um meio em que os pensamentos ocorrem e em que as entidades conceituais estão localizadas”. Para o autor, essa teoria soluciona um grande número de problemas “anteriormente recalcitrantes na linguagem e na cognição” (LAKOFF, 1987, p. 282 apud FELTES, op. cit., p. 118).

Os espaços mentais, de uma forma geral, não possuem nenhum *status* ontológico fora da mente, não sendo, portanto, “o tipo de coisa que poderia funcionar dentro de uma teoria do significado baseada na relação entre símbolos e coisas do mundo”, uma vez que é de caráter exclusivamente cognitivo. Em outras palavras, eles “estão livres para operar numa semântica baseada no realismo interno ou experiencial” (LAKOFF, 1987, apud FELTES, op. cit., p. 118).

Fauconnier (1994) apresenta esse modelo teórico para representar o processamento do sentido na nossa linguagem, incluindo o processamento metafórico. Ele defende que um determinado modelo pode acionar um conhecimento cognitivo pertencente a outro domínio por meio de expressões lingüísticas e do conhecimento de mundo que o usuário da língua tem.

A teoria dos espaços mentais prova que a nossa linguagem, ou seja, a dos seres humanos é de caráter tipicamente analógico, uma vez que, a todo momento, estamos fazendo analogias entre elementos de distintos espaços mentais. Fauconnier e Turner pretenderam abarcar uma multiplicidade de fenômenos cognitivos e não somente a linguagem metafórica e, portanto, propuseram a substituição do termo *domínio conceptual* por *espaço mental*.

Fauconnier e Turner vão mais além na questão dos espaços mentais e alegam que eles são conjuntos parciais que contêm elementos estruturados por *frames*¹⁷ ou modelos cognitivos. Os elementos nos espaços mentais correspondem a grupos neuronais ativados e a conexão entre tais elementos corresponde a uma espécie de ligação neurobiológica como ativação (FELTES, op. cit., p. 121).

O domínio não é a unidade da organização mental e sim o espaço mental, que constitui estrutura representacional parcial e temporária (um construto na memória de curto prazo).

Convém destacar que os espaços mentais não equivalem a domínios, uma vez que os espaços representam cenários particulares estruturados por dados domínios. Estes, por seu turno, são estruturas de conhecimento mais estáveis e mais gerais na memória de longo prazo. Contudo, “os *blends* podem representar domínios conceptuais construídos por falantes e ouvintes, de caráter temporário” (FELTES, op. cit., p. 121).

A construção dos espaços mentais se dá a partir de distintas fontes: de um conjunto de domínios conceptuais já conhecidos por nós, “e um único espaço pode ser construído pelo conhecimento de distintos domínios separados (*blend*)”, de experiências imediatas e do que as pessoas nos dizem ao longo de uma conversação.

Borborema Filho (op. cit., p. 93) alega que:

(...) os espaços mentais foram sem sombra de dúvida a grande virada do jogo. Com ele Fauconnier pôde lançar mão de um conceito que alicerçou toda a concepção da rede de projeções, carro-chefe no seu raciocínio de como o significado é construído (...)

¹⁷ Para Fillmore (1976, 1977, 1982a, 1982b, 1985), *frames* são estruturas cujo papel é representar entidades conceptuais. Tais estruturas têm o papel de “emoldurar” uma grande quantidade de conhecimento sobre um determinado conceito. “Elas caracterizam um cena ou situação abstrata como um mecanismo de estruturação cognitiva, sendo algumas partes indexadas por palavras associadas a elas e usadas no processo de compreensão. Desse modo, palavras ou expressões lingüísticas evocam *frames*, os quais são conduzidos da memória de longo prazo para, por exemplo, a memória operacional, não como pacotes destacados, mas como estruturas em contínua construção a partir da experiência.” (FELTES, op. cit., p. 135)

A construção do significado segundo a Teoria dos Espaços Mentais é o assunto sobre o qual discorreremos no subcapítulo a seguir.

4.6.2. Teoria da Integração Conceptual (ou Mesclagem Conceptual ou Fusão Conceptual) e a construção do significado

No que tange à construção do significado, convém destacar que o foco abordado por Fauconnier está circunscrito ao que se convencionou denominar como “projeções” ou “correspondências” (*mappings*), que se dão tanto entre elementos e estruturas de domínios distintos quanto de espaços mentais distintos.

Neste subcapítulo, o que nos interessa, em particular, é entender como o significado é construído a partir dessas projeções interespaciais na concepção de Fauconnier, bem como o autor descreve esse processo.

Silva (2003, p. 55) ressalta que a Teoria da Integração (ou mesclagem) Conceptual (*blending*) é uma extensão dos estudos iniciais de Fauconnier sobre os espaços mentais. Trata-se de uma teoria que visa a explicar como falantes e ouvintes registram correspondências conceptuais e constroem novas inferências durante o processo discursivo.

A Teoria da Integração Conceptual (TIC) incorpora a Teoria de *Blending*. Para Fauconnier e Turner (2002, p. 89, apud FELTES, op. cit., p. 119), a integração conceptual reside no coração da imaginação.

Convém que abordemos, primeiramente, o que vem a ser *blending*, para prosseguirmos com o processo de construção do significado.

O *blending* conceptual consiste numa “operação mental ubíqua e básica”, que opera de maneira que não se tem consciência de todas as suas complexidades ocultas (cf. FELTES, op. cit., p. 119).

A Teoria da Integração Conceptual tem como base os seguintes conceitos que a compõem:

- **Espaços mentais:** “pequenos pacotes conceptuais construídos à medida que pensamos ou falamos, para os propósitos do entendimento local da ação”.
- **Espaços de *input*:** constituem duas ou mais estruturas parciais que correspondem a um conceito ou traços de conceitos entendidos como informação prévia relacionada a

experiências definidas. **Substituem**, de certo modo, as expressões ‘domínio-fonte’ e ‘domínio-alvo’ no modelo bidimensional.

- **Mapeamento através de espaços:** mapeiam por meio de conexões parciais contrapartes através de espaços de *input*.
- **Espaço genérico:** consistem em espaços mentais genéricos que mapeiam o que cada um dos espaços de *input* têm em comum.
- **Blending:** constitui um novo espaço mental, separado, um espaço de *blend*.
- **Estrutura emergente:** é desenvolvida a partir de *blend* e não se encontra nos espaços de *input*, ocorrendo **composição** de elementos a partir de *inputs* que fazem relações disponíveis no *blend* e que não existem nos *inputs* separadamente; **complementação**, trazendo uma estrutura adicional ao *blend* e, finalmente, por meio dessa complementação, o *blend* é integrado. (cf. FELTES, 2007, p. 119)

Sobre o *blending*, Feltes (2007, p. 120), citando Fauconnier, destaca que:

(...) *blending* combina dois ou mais espaços de *input* através de um mapeamento parcial transespacial e projeta seletivamente a partir de ambos os *inputs* para um terceiro espaço, o *blend*, que é elaborado dinamicamente. Esse mapeamento transespacial explora estruturas esquemáticas nos *inputs* ou desenvolve estruturas esquemáticas compartilhadas. A estrutura comum é contida e elaborada em um quarto espaço chamado espaço genérico. Esses quatro espaços são conectados através de conexões projetivas e constituem uma **rede de integração conceptual**.

Em outras palavras, trata-se de um novo modelo no qual a estrutura de dois ou mais espaços mentais é projetada num espaço-mescla (*blended space*). Este último herda parte da estrutura dos espaços de entrada (*input spaces*), apresentando uma estrutura emergente própria. O espaço genérico contém a estrutura esquemática que se aplica aos dois espaços de entrada (*input spaces*) e nele são observados aspectos comuns aos dois espaços de *input*, que é o da estrutura de evento. É por conta do espaço genérico que se dá a mescla. O espaço-mescla, por sua vez, é um espaço fértil, que integra estruturas específicas dos espaços de entrada, além de também poder incluir outros elementos próprios. Convém destacar que não é necessário que todos os elementos pertinentes aos conceitos sejam correlacionados entre si e estejam presentes no espaço-mescla. Este espaço é composto pelos aspectos mais relevantes à compreensão para um determinado momento.

Para Fauconnier e Turner, a construção da rede de integração envolve o estabelecimento de espaços mentais, bem como o de fazer equiparações entre espaços, projetar seletivamente um *blend*, localizar estruturas compartilhadas, projetar de volta para os

inputs, recrutar novas estruturas para os *inputs* ou para o *blend* e realizar várias operações no próprio *blend*.

Os autores ressaltam que o *blending* (mesclagem) se caracteriza como um processo cognitivo geral, que opera sobre espaços mentais como *inputs*. O *blend* (mescla), por seu turno, constitui um espaço separado cuja projeção se dá a partir desses espaços, formando uma estrutura emergente. Quando ocorre o estabelecimento do *blend*, opera-se cognitivamente dentro desse espaço – isso permite que manipulemos os variados eventos como uma unidade integrada. Outra característica do *blend* é o fornecimento de uma estrutura, uma integração e uma eficiência que não se encontra em outros espaços. Sua origem se encontra em: ações criativas, analogias, realizações dramáticas, contrafactuais, significados integrados e construções gramaticais. Durante o *blending*, então, espaços, domínios e *frames* podem proliferar, bem como ser modificados.

A Teoria da Mesclagem Conceptual prima por ser um modelo não-fechado, isto é, um modelo suscetível ao estabelecimento de relações conceituais infinitas numa rede de espaços mentais extensa.

Borborema Filho (op. cit., p. 93) salienta que o que levou Fauconnier a elaborar essa teoria foi a sua preocupação em dar conta de enunciados de cujas correspondências entre seus elementos estruturantes surgiam novos elementos, estruturas e significados: a estrutura emergente.

Concernentemente a esta última, convém destacar, como bem afirma Feltes (op. cit., p. 120), que pode ser resultado de três processos distintos, que se inter-relacionam: a **composição**, a **complementação** e a **elaboração**.

O processo de composição consiste em que elementos podem ser compostos, bem como relações podem ser disponibilizadas através de *blending*. Isso pode se dar a partir dos espaços de *inputs*. Eles não existem nos espaços de *input* separadamente. Assim, tomadas juntas, as projeções dos *inputs* fazem com que apareçam novas relações que não existiam nos *inputs* distintos.

A complementação de padrão consiste na forma mais básica de seleção: “vemos algumas partes do *frame* familiar de significado, e muito do *frame* é selecionado silenciosa mas efetivamente para o *blend*” (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 48, apud FELTES, op. cit., p. 120). O *blend* seleciona uma ampla rede de significados, *frames* e cenários. Dessa forma, o padrão na fusão precipitado pelas estruturas herdadas é completado (complementado) na estrutura emergente maior.

Na elaboração, “os *blends* são elaborados à medida que são tratados como simulações e processos de forma imaginativa de acordo com certos princípios” (cf. FELTES, op. cit., p.120). A estrutura, na fusão, pode então ser elaborada, ou seja, trata-se de fazer a fusão “funcionar”. Isso consiste num trabalho cognitivo realizado dentro da fusão, de acordo com a sua própria lógica emergente (FAUCONNIER, 1997, p. 149-151). Uma vez que é um processo criativo, o *blending* possibilita a geração de novas estruturas ilimitadamente, embora seja regido por princípios. Fauconnier e Turner destacam que isso é possível porque o *blending* opera com a riqueza de nossos mundos físico e mental.

O processo de construção do significado é proposto por Fauconnier com base em um complexo organizacional cognitivo que envolve as projeções citadas acima:

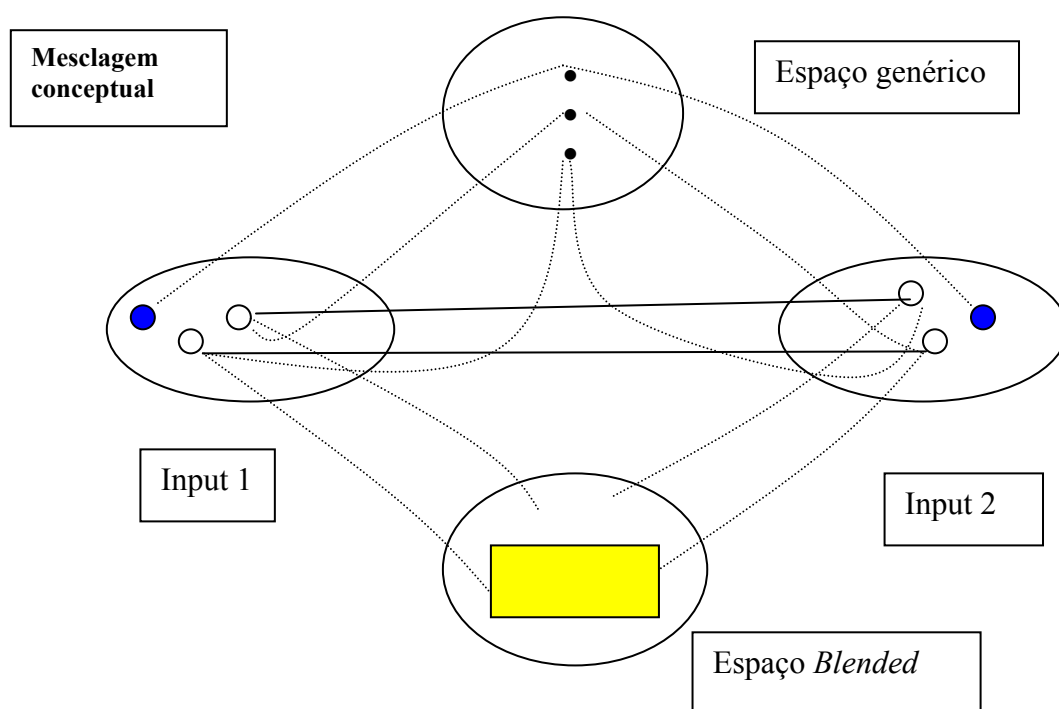


Fig. 1: Processo de integração conceitual

O modelo gráfico acima nos permite ver que nem todos os elementos dos *inputs* são projetados (círculos azuis), ou seja, há uma seleção daquilo que vai ser projetado de um espaço para outro. Em suma: o processo de integração tem certas restrições e não ocorre de qualquer maneira.

Borborema Filho (op. cit., p. 95) destaca que a estrutura emergente (que no gráfico acima está representada pelo retângulo amarelo) é aquela que mais desperta atenção e

interesse, pois é o princípio que nos fornece o resultado final de todo o processo. Dentro dessa estrutura, a composição, a complementação e especialmente a elaboração imprimem um certo dinamismo a todo o processo de integração, resultando em uma forma de compreender a realidade “como não havia sido vislumbrada antes”.

Fauconnier constatou que a integração normalmente não é percebida. Além disso, ela normalmente é convencional. Isso está de acordo com “o fato de que a ativação da metáfora conceptual descrita por Lakoff se dá comumente de forma inconsciente”. Ademais, Fauconnier observa que a ligação entre o espaço de integração e os de *input* é feita de forma que possibilita a projeção de propriedades estruturais de integração de volta para os *inputs*, conforme citamos anteriormente.

Fauconnier (1997, p.162) salienta que

(...) uma característica marcante da construção da integração é sua subespecificação. Embora haja fortes restrições à integração (...), não existem receitas para se saber o que será projetado dos *inputs* e o que será projetado de volta. Com respeito a isso, o sistema é muito flexível.¹⁸

Borborema Filho (op. cit., p. 95) salienta que embora exista essa flexibilidade e que a questão da integração seja resolvida pontualmente levando-se em consideração o contexto e o conhecimento prévio relacionado ao enunciado, Fauconnier e Turner desenvolveram seis princípios de integração conhecidos como Princípios de Satisfação Plena (*Optimality Principles*). Tais princípios respondem por uma grande parcela das restrições impostas à construção de integrações:

Primeiramente o princípio da *integração* prevê que as representações na fusão¹⁹ devem ser integradas de tal forma que possam ser manipuladas como uma unidade; em seguida o princípio da *rede* (web) prevê que as representações no espaço de fusão devem manter projeções com os espaços de *input* de maneira facilmente operável; depois temos o princípio da *descompactação* (*unpacking*) que prevê que o intérprete deve ser capaz de rastrear as projeções de volta para os espaços de *input* e genérico e as respectivas projeções entre esses, além de também dever ser capaz de reconstituí-los; um outro princípio é o da *topologia* – ele prevê que as relações entre os elementos dos espaços de *input* que são projetadas na fusão combinem com suas contrapartes naquele espaço. A esse propósito Coulson & Oakley nos alertam para o fato de que todos esses princípios aqui descritos despertam pressões comuns à questão da projeção e que, no caso do princípio da Topologia, *Na pesquisa relativa à projeção metafórica nos referimos a essa pressão por Hipótese da Invariância; a constatação que as projeções subjacentes nas expressões*

¹⁸ Tradução livre nossa de: “(...) a striking feature of the blended construction is its underspecification. Although there are strong constraints on blending, (...) there is no recipe for knowing what will be projected from the inputs and what will be projected back. In that respect the system is very flexible.”

¹⁹ Na terminologia adotada por Borborema Filho, a integração conceptual é chamada de *fusão conceptual* ou apenas *fusão*.

metafóricas são quase sempre baseadas em estruturas esquema imagéticas compartilhadas.

Borborema Filho (op. cit., p. 96-98) destaca que há, também, o princípio da *Retroprojeção*. Este prevê que não deve existir retroprojeção de estrutura emergente para um *input* que provoque uma desorganização na integração do próprio *input*. Por último, o pesquisador cita o princípio da *Projeção Metonímica*, o qual prevê “que quando elementos metonimicamente relacionados são projetados de um espaço de fusão eles devem ter sua distância metonimicamente encurtada”:

Este último princípio é o caso da representação personificada da morte por uma caveira, amplamente conhecida como o ceifeiro horrível (*the grim reaper*), que carrega uma foice e veste um capelo de monge sacerdote.

(...)

Para Fauconnier e Turner (2002), (...) esta fusão é resultado da projeção múltipla entre os seguintes espaços de *input*: um espaço com um ser humano morrendo; um espaço com padrão abstrato de tautologia causal no qual um evento de um certo tipo é causado por um elemento causal abstrato, por exemplo, a morte causa a morte; um outro espaço com um assassino humano prototípico e finalmente um espaço com ceifeiros num cenário de colheita. Ele observa que são as conexões metonímicas nos *inputs* que promovem a combinação entre elementos que não têm contrapartes em outros *inputs*. Ceifeiros e esqueletos não são contrapartes. A morte e o esqueleto são associados metonimicamente numa compressão de causa e efeito. O ceifeiro assassino e o esqueleto são combinados na fusão, também metonimicamente, tendo em vista que ceifeiros, ou seus corpos, têm esqueletos. A morte e os sacerdotes se combinam metonimicamente pois estes estão direta ou indiretamente ligados àquela por meio de suas atividades inerentes. A ligação metonímica entre sacerdotes e a morte no *input* é projetada para a fusão como uma relação parte-todo. Um exemplo disso é como o capuz usado pelo ceifeiro horrível evoca conotações religiosas tanto da morte quanto de sua aura de mistério e solidão.

4.6.4. A metáfora na teoria de Gilles Fauconnier e Mark Turner

Para Fauconnier e Turner (2003), a metáfora representa uma espécie de subcaso da mesclagem. Os mapeamentos entre espaços mentais são concebidos como o núcleo da habilidade cognitiva humana no que tange à produção, transposição e processamento de significado. Dessa forma, como bem salienta Fauconnier (1999, p. 1), a linguagem visível constitui somente o *pico do iceberg* da construção invisível que permanece enquanto pensamos e falamos.

A mesclagem é, portanto, o fenômeno responsável pelo fato de que não apenas reproduzimos os mundos simbólicos existentes, mas, inclusive, produzimos novidades.

Em seu livro publicado em 1999, *Mappings in thought and language*, Fauconnier, pela primeira vez, observa a metáfora como um subcaso da mesclagem e volta seu foco para a desconcordância entre os dois espaços *input*.

Concernentemente à metáfora, Silva (2003, p. 55) ressalta que essa teoria não constitui uma nova teoria específica acerca desta: trata-se de uma teoria dos mecanismos de interação, bem como de inovação conceptual que se dão no discurso e que se aplicam a um grande leque de fenômenos, entre eles a metáfora, a metonímia, a integração, a categorização, as inferências, a ironia, processos e mecanismos discursivos, construções sintáticas, morfossintáticas e fonológicas.

A proposta de Fauconnier e Turner, embora não se limite à teoria bidimensional da metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson, também não a descarta: trata-se de duas teorias que se complementam.

Comparando o modelo bidimensional lakoffiano com o de múltiplos espaços de Fauconnier e Turner, podemos destacar que no primeiro a projeção (ou mapeamento) vai do domínio-fonte para o domínio-alvo. Trata-se, portanto, de um modelo de caráter unidirecional. Diferentemente, no modelo dos múltiplos espaços, as projeções são multidirecionais: de um espaço de *input* para outro ou de ambos para o espaço de *blend*.

Silva (2003, p. 56) elenca as principais diferenças entre as duas teorias: a teoria lakoffiana “postula representações entre pares de representações mentais, ao passo que a Teoria da Integração Conceptual permite correlações entre mais do que duas representações”. A Teoria da Metáfora Conceptual define a metáfora como um processo de cunho direcional, restringindo-a a tal caráter. A Teoria da Integração Conceptual prima por rejeitar a unidirecionalidade e propor os múltiplos espaços. Além disso, a primeira concerne principalmente às relações conceptuais estabelecidas, ao passo que a segunda tem como foco novas conceptualizações que podem ser temporárias. Silva (2003, p. 56) destaca que a complementaridade entre as duas teorias está no fato de “as relações inter-domínios identificadas pela teoria da metáfora conceptual darem forma e condicionarem o processo mais complexo de integração conceptual”.

No que tange à Teoria da Integração Conceptual, Feltes (op. cit., p. 122) salienta que nem sempre as influências são geradas da fonte para o alvo, sendo possível que existam projeções de “ida e volta” ente os espaços para a derivação de inferências. A Teoria da Metáfora Conceptual não abarca essa possibilidade.

Para Fauconnier e Turner, há distintos tipos de rede de integração conceptual:

- **Redes de *frames*:** constituem redes de integração nos quais os espaços de *input*, *genérico* e *blend* compartilham um *frame* organizado que fornece um esquema direto para definir mapeamentos transespaciais entre *inputs*.
- **Redes de um-lado:** nestas os *inputs* possuem *frames* organizados de forma distinta, sendo um deles projetado para organizar o *blend*. Em outras palavras, existe uma assimetria, uma vez que um dos *inputs* é que fornece o *frame* organizado e, assim, a tipologia do *frame*.
- **Redes de dois-lados:** possuem *inputs* cuja organização se dá por diferentes *frames*, mas alguma tipologia é projetada de ambos os *frames* para organizar o *frame* do *blend*. “Em geral, o espaço *blended* desenvolve sua estrutura emergente e acaba com um *frame* específico mais rico”. (FELTES, op. cit., p. 122)
- **Emolduramento do *blend*:** possui quatro alternativas de projeções formais, que são: *frames* projetados realísticos, *frames* emergentes realísticos, *frames* estendidos realísticos e *frames* emergentes específicos do *blend*.
- ***Blending* e metáfora:** consiste no processo do qual tratamos no início deste capítulo.

Para nosso estudo, interessa apenas ilustrar o processo de ***blending* e metáfora**. Para isso, selecionamos um exemplo retirado de Grady et al, (1999, apud BORBOREMA FILHO, op. cit., p. 102-104).

- ESTE CIRURGIÃO É UM AÇOUGUEIRO

De acordo com Borborema Filho (op. cit., p.102-103), esta metáfora constitui uma rede de integração de escopo duplo. Trata-se de uma metáfora que faz uma afirmação sobre a incompetência de um cirurgião. Nela, há dois domínios: um domínio-fonte e um domínio-alvo, que correspondem, respectivamente, à cirurgia e à carnificina ou ofício de açougueiro.

Grady et al. (apud BORBOREMA FILHO, op. cit., p. 102-103) ressalta que as projeções realizadas da fonte para o alvo possuem correspondências fixas entre as contrapartes, que são:

- açougueiro corresponde a cirurgião
- animal corresponde a ser humano

- mercadoria corresponde a paciente
- cutelo de açougueiro corresponde a bisturi
- abatedouro corresponde à sala de operação
- cortar carne (alimento) corresponde a cortar carne (corpo humano)

Entretanto, tais projeções não são suficientes para que possamos inferir delas a incompetência do cirurgião, “uma vez que podemos ter açougueiros com tanta habilidade no que fazem quanto qualquer cirurgião, embora tenham uma profissão supostamente menos prestigiada” (BORBOREMA FILHO, op. cit., p. 103).

Feltes (op. cit., p. 172) detalha o processo da seguinte maneira:

- O *blend* adquire sua estrutura a partir de espaços de *inputs*. Do espaço de *input* estruturado pelo domínio da cirurgia, o *blend* adquire elementos como a identidade de uma pessoa sob operação cirúrgica, a identidade de um outro indivíduo que está realizando a operação e detalhes da sala de cirurgia (...).
- A partir dos espaços de *input*, que atrai o domínio de AÇOUGUE, o *blend* adquire o papel do açougueiro e suas atividades associadas.
- Os dois espaços de *input* compartilham a mesma estrutura, representada no espaço genérico, em que a pessoa se utiliza de um instrumento afiado para realizar o procedimento em outro ser. (...)
- Além da estrutura parcial de cada espaço de *input*, o *blend* desenvolve o conteúdo ou a estrutura emergente, que resulta da justaposição de elementos a partir dos *inputs*. O espaço de AÇOUGUE projeta uma relação meios-fins incompatível com os meios-fins do espaço da cirurgia, pois que, no açougue, o objetivo do procedimento é matar o animal (não necessariamente) e, então, separar a carne dos ossos. O objetivo dado de uma cirurgia é salvar o paciente (...).
- No espaço mesclado, os meios do açougue foram combinados com os fins, os indivíduos e o contexto do espaço cirúrgico. Nesse *blend* metafórico, as contrapartes importantes de um espaço de *input* projetam-se para um único elemento no espaço de *blended*. No *blended*, um único elemento corresponde a um elemento em cada um dos espaços de *input*.

Borborema Filho (op. cit., p. 103) destaca que a ligação entre o papel de cirurgião no espaço de *input* 1 (alvo) e o papel de açougueiro no espaço de integração é de suma importância para podermos analisar a metáfora *Este cirurgião é um açougueiro*, uma vez que no espaço de integração ainda há um cirurgião cujo papel não mais é de um profissional da medicina, mas o de um açougueiro.

O papel do cirurgião é salvar seu paciente, ao passo que o do açougueiro é matar o animal e cortar sua carne: há um cruzamento entre os meios do açougueiro e os objetivos do cirurgião na estrutura emergente do espaço de integração, resultando na inferência de que o cirurgião é um incompetente.

Todo o processo descrito pode ser visualizado no esquema a seguir:

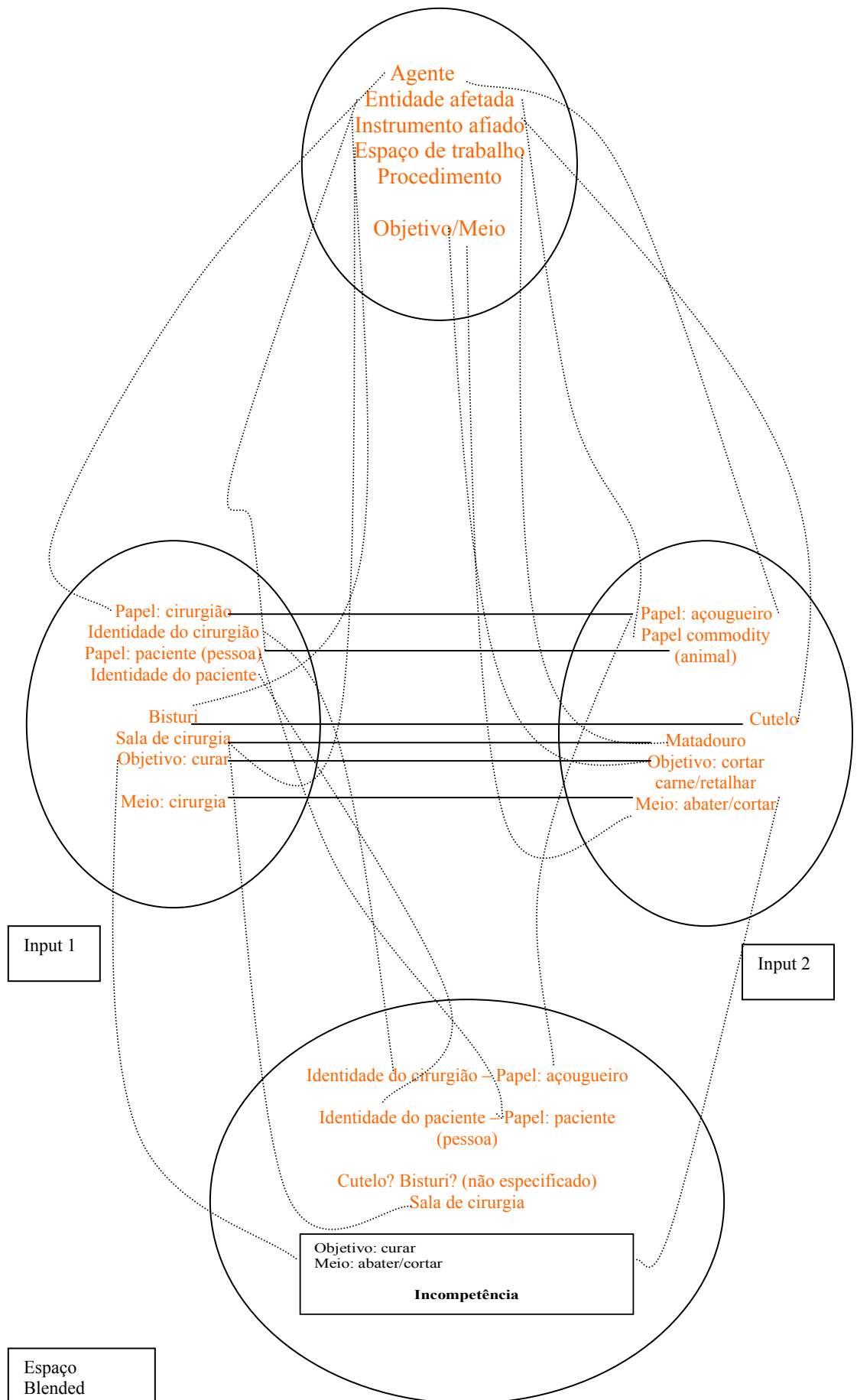


Fig. 2: “Este cirurgião é um açougueiro”

Feltes (op. cit., p. 123) ressalta que Fauconnier e Turner (2002, p. 130) sustentam que uma teoria dos poderes cognitivos humanos não deve ter como objetivo somente abordar a riqueza e variedade da inovação humana: cabe a ela mostrar como tal inovação é guiada. Assim, existem os princípios de optimilidade, os quais são restrições que servem como guias e princípios constitutivos, bem como de regulação da integração conceptual. “O princípio que guia todos os demais é ‘Alcance a escala humana’”.

A autora destaca que um dos mais importantes princípios a partir da teoria proposta por Fauconnier e Turner (2002) consiste no Princípio de Compressão. Existem variados tipos de compressão. Trata-se de um fenômeno que, na integração conceptual, possibilita aos seres humanos controlar simultaneamente extensas e difusas cadeias de raciocínio lógico, bem como capturar os significados globais dessas cadeias. Seu objetivo máximo consiste, através de *blending*, alcançar a escala humana no espaço de *blend*, onde muitas de nossas operações conscientes acontecem.

Citando Fauconnier e Turner (2002, p. 132), Feltes (op. cit., p. 123) destaca:

Os princípios constitutivos e reguladores têm o efeito de criar espaços *blended* em escala humana. As mais óbvias situações de escala humana têm percepção e ação diretas em *frames* familiares que são facilmente apreendidos pelos seres humanos: um objeto cai, alguém levanta um objeto, duas pessoas conversam, uma pessoa vai a algum lugar. Elas, em geral, têm muito poucos participantes, intencionalidade direta, um efeito corporal imediato e são imediatamente apreendidas como coerentes.

De acordo com os autores, estes são os tipos de redes que fazem parte desse fenômeno de integração:

- **Redes de escopo-individual:** em que há dois espaços de *input* com *frames* organizadores diferentes. Um deles é projetado para organizar o *blend* e sua propriedade definidora consiste em que o *frame* que organiza o *blend* é uma extensão do *frame* organizador de um dos *inputs*, mas não do outro.
- **Redes de duplo-escopo:** com *inputs* com diferentes *frames* organizadores, assim como um *frame* organizador para o *blend*, que inclui partes de cada um desses *frames* e possui estrutura emergente própria. Neste caso, ambos os *frames* contribuem significativamente para a constituição do *blend*, resultando num *blend* altamente criativo.

- **Redes de duplo-escopo com alta assimetria:** neste caso, o *blend* recebe projeções de topografia do *frame* organizador dos dois *inputs*, mas o *frame* organizador do *blend* é uma extensão do *frame* organizador de apenas um dos *inputs*.
- **Redes de duplo-escopo sem-colisão (*nonclashing*):** neste caso, os *frames* organizadores de rede de duplo-escopo não precisam, necessariamente, colidir, mesmo que os dois *frames* organizadores contribuam para o *blend* que os incorpora.

Essas operações são baseadas em conceitos como **rede-espelho** (redes de integração nas quais todos os espaços de *input*, *genérico* e *blend* compartilham o mesmo *frame* organizador), **colisão** (ocorre em níveis mais específicos, havendo conflito entre elementos abaixo do nível dos *frames*) e **compressão**. As redes-espelho realizam compressões sobre relações vitais de TEMPO, ESPAÇO, IDENTIDADE, PAPEL, CAUSA-EFEITO, MUDANÇA, INTENCIONALIDADE e REPRESENTAÇÃO, “tornando muito fácil encontrar os candidatos à compressão e realizá-la, porque não há colisões entre os *frames* de diferentes espaços” (FELTES, op. cit., p. 124).

A autora (p. 124) cita outros princípios de otimilidade defendidos por Fauconnier e Turner, a saber:

- **Integração:** em que o *blend* constitui uma cena firmemente integrada, podendo ser manipulada como uma unidade. Geralmente, todo o espaço na rede deveria ter integração.
- **Rede:** “Manipular o *blend* como uma unidade mantém a rede de conexões apropriadas para os espaços de *input* fáceis e sem supervisão adicional ou computação.” (FAUCONNIER e TURNER, 1998b, p. 280, apud FELTES, op. cit., p.124)
- **Desempacotamento:** cabe ao *blend* habilitar o entendedor a desempacotar o *blend* para reconstruir os *inputs*, os mapeamentos transespaciais, o espaço genérico bem como a rede de conexões que há entre esses espaços.
- **Topologia:** “Para qualquer espaço de *input* e qualquer elemento naquele espaço projetado dentro do *blend*, é ótimo, para as relações dos elementos no *blend*, associar as relações de suas contrapartes”. (FAUCONNIER e TURNER, 1998, p. 280, apud FELTES, op. cit., p. 124)
- **Boa razão:** “Todas as coisas sendo iguais, se um elemento aparece no *blend*, haverá pressão para encontrar significância para esse elemento. A significância incluirá

relações relevantes a outros espaços e funções relevantes em organizar o *blend*". (FAUCONNIER e TURNER, 1998b, p. 281, apud FELTES, op. cit., p.124)

O princípio da **Boa Razão** também é chamado de **Princípio de Relevância**. Trata-se de um princípio em que outras coisas sendo iguais, um elemento no *blend* deveria ter relevância. Isso inclui relevância para estabelecer *links* com outros espaços para operar o *blend*.

Cabe destacar que Fauconnier e Turner, a partir de 2006, apresentam uma terminologia modificada e não citam somente os dois espaços *input*: apresentam uma rede de integração que indica uma estrutura mais rica e complexa se comparada com a mesclagem aos pares. Os autores defendem que produtos conceptuais não representam apenas o resultado de um único mapeamento. Assim, o que chamamos de metáfora conceptual, como, por exemplo, TEMPO É DINHEIRO ou TEMPO É ESPAÇO, constituem construções mentais que envolvem muitos espaços e vários mapeamentos em redes de integração elaborados, cuja construção se dá por meio de princípios gerais distintos (FAUCONNIER e TURNER, 2006, apud SCHORÖDER, 2008, p. 46).

Essas redes de integração são criadas a partir de vários espaços *input* e constituídas por estruturas convencionais e inovações. Os autores denominam esse processo dinâmico como *cobbling & sculpting*, ou seja, por um lado culturas constroem redes ao longo dos anos que são transmitidas de geração em geração, ao passo que nós também somos capazes de criar algo novo em qualquer contexto particular. Daí resulta o fato de que nas redes de integração podemos encontrar partes convencionais e, também, mapeamentos novos. Além disso, encontramos as chamadas compressões que surgem quando as topologias de espaços distintos se chocam. A partir dos processos de compressão e descompressão, na mesclagem, são criadas contrafactuais nas relações espaciais, temporais e de identidade.

Vejamos um exemplo citado em Fauconnier e Turner (2006, apud SCHORÖDER, 2008, p. 46).

A imagem de dois homens boxeando fornece um *frame* para comprimir nosso entendimento acerca de dois chefes de empresas diferentes que competem entre si. O que ocorre é um mapeamento entre os espaços *input* "boxe" e "negócios" cuja topologia de *frame* é organizada pela topologia do espaço *input* "boxe". Assim, os "dois boxeadores" são mapeados aos "dois chefes", "um soco no estômago" a "um esforço de um dos chefes" e "continuar no ringue" a "continuar na competição".

A questão seria: onde ocorre a compressão?

Ela ocorre nos níveis temporal, local e dos agentes envolvidos, isto é, na mesclagem: há duas pessoas que são boxeadores e se encontram num ringue, por exemplo, por meia hora, diferentemente dos dois chefes das empresas que se encontram competindo por um período temporal maior. Assim, as ações relevantes dos dois chefes também se dão num período temporal maior e envolvem não apenas dois agentes – visto que envolvem mais pessoas – e acontecem em locais distintos.

Os autores apresentam mesclagens múltiplas em que podemos observar uma fusão de vários espaços *input* a qual, muitas vezes, é baseada em mesclagens já existentes. Tais mesclagens passam a servir como um novo espaço *input* e, dessa maneira, possibilidades são abertas para variadas novas mesclagens.

Nosso propósito, entretanto, não é o de aplicar em nosso *corpus* a teoria da mesclagem defendida por Fauconnier e Turner em 2006, mas, sim, a teoria da mesclagem em que há dois espaços *inputs*, visto tratar-se de uma dissertação de mestrado. Uma abordagem cuja análise incidisse numa rede de integração com mais de dois espaços *inputs* requer um trabalho de maiores dimensões.

Feltes (op. cit., p. 125) destaca que as operações cognitivas envolvendo a integração conceptual (*blending*) não são fáceis de descrever detalhadamente. Assim, a explanação, geralmente, consiste em fornecer os elementos de cada espaço mental para, em seguida, fazer uma diagramação, ou seja, uma forma iconizada de formalização. Depois, os mapeamentos e a geração dos espaços de *blends* são comentados. Por isso, é que optamos, neste trabalho, por analisar as unidades lexicais metafóricas seguindo o padrão de análise presente nas obras que tratam da Teoria da Integração Conceptual. Fornecemos os elementos que compõem cada espaço mental, apresentamos a diagramação desses espaços, ou seja, um gráfico, e fazemos uma explanação acerca de como é formada a estrutura emergente, que consiste na parte mais criativa do processo de integração conceptual, uma vez que traz inferências ou informações que, em muitos casos, não estavam presentes nos *inputs*.

5. ANÁLISE DAS FORMAÇÕES METAFÓRICAS

Nosso propósito não é fazer uma análise exaustiva de todos os casos de neologia semântica do *corpus* escolhido. Primeiramente, selecionamos somente as formações metafóricas, ou seja, os demais processos de neologia semântica, tais como a metonímia, a sinédoque, dentre outros não constituem nosso objeto de análise.

Dentre as metáforas, não foi possível aplicar a teoria proposta por Fauconnier e Turner em todas as ocorrências. Portanto, aplicamos a referida teoria em 43 ocorrências, quantidade esta significativa para nosso intento: demonstrar como se dá o processo de instauração da metáfora na mente humana, de acordo com a Teoria da Integração Conceptual proposta por Fauconnier e Turner.

Para nossa análise, separamos as metáforas de acordo com área a que pertencem. Assim, analisamos metáforas animais, bem como pertencentes a diversas áreas do conhecimento humano e da vida cotidiana, a saber, metáforas referentes à ação policial, a ações diversas, à economia e finanças, à educação, aos esportes, a estilo de vida e características pessoais, à linguagem de indivíduos homossexuais, ao jornalismo, à política, a programa televisivo e à vestimenta. Apresentamos o contexto em que a metáfora ocorre, a análise e, por fim, o gráfico ilustrativo do processo de instauração da metáfora.

Alguns neologismos semânticos metafóricos possuem suas respectivas definições. Tratam-se das ocorrências que farão parte do *Dicionário de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (década de 90)*.

5.1. Metáforas animais

Abelha – sm

Tecnologia aprimora trabalho de <'abelhas'>

O <'abelha'> surgiu pela primeira vez no país em novembro de 87 no "TV Mix", na TV Gazeta.

Na época sem dinheiro para montar equipes de reportagem, a Gazeta investiu em jornalistas que saíam às ruas com uma câmera VHS, de vídeo doméstico. "A gente praticamente voava", lembra Mario Rezende, 34, um dos <"abelhas">. "Eu recebia a pauta, fazia a reportagem e as entrevistas e selecionava a melhor imagem na hora, (...)" (FSP, 15-06-97, p. 4)

Para podermos aplicar a teoria proposta por Fauconnier, é necessário estabelecer, em cada caso, quais são os elementos que compõem a metáfora para, a partir disso, podermos estabelecer os *inputs 1* e *2* (espaços de entrada) e, então, estabelecer as relações ente eles.

Na ocorrência acima, a metáfora é: JORNALISTA QUE SAI ÀS RUAS PARA FILMAR REPORTAGEM É ABELHA. O que dá suporte para essa afirmação é a inferência revelada no contexto, em que se explica qual era a função dos “abelhas” (jornalistas). Trata-se de uma ocorrência metafórica em que o espaço-alvo é “jornalista” e o espaço-fonte, “abelha”. O primeiro constitui o *input 1*, cabendo ao segundo o *input 2* e entre ambos há projeções de suas contrapartes. Temos o espaço genérico em que é possível observar os elementos comuns aos dois espaços de entrada (*inputs*). Por fim, temos o espaço da mescla (ou fusão), no qual são realizadas projeções a partir dos dois espaços de entrada e que tem como resultado a estrutura emergente. Observemos, primeiramente, o gráfico ilustrativo a seguir:

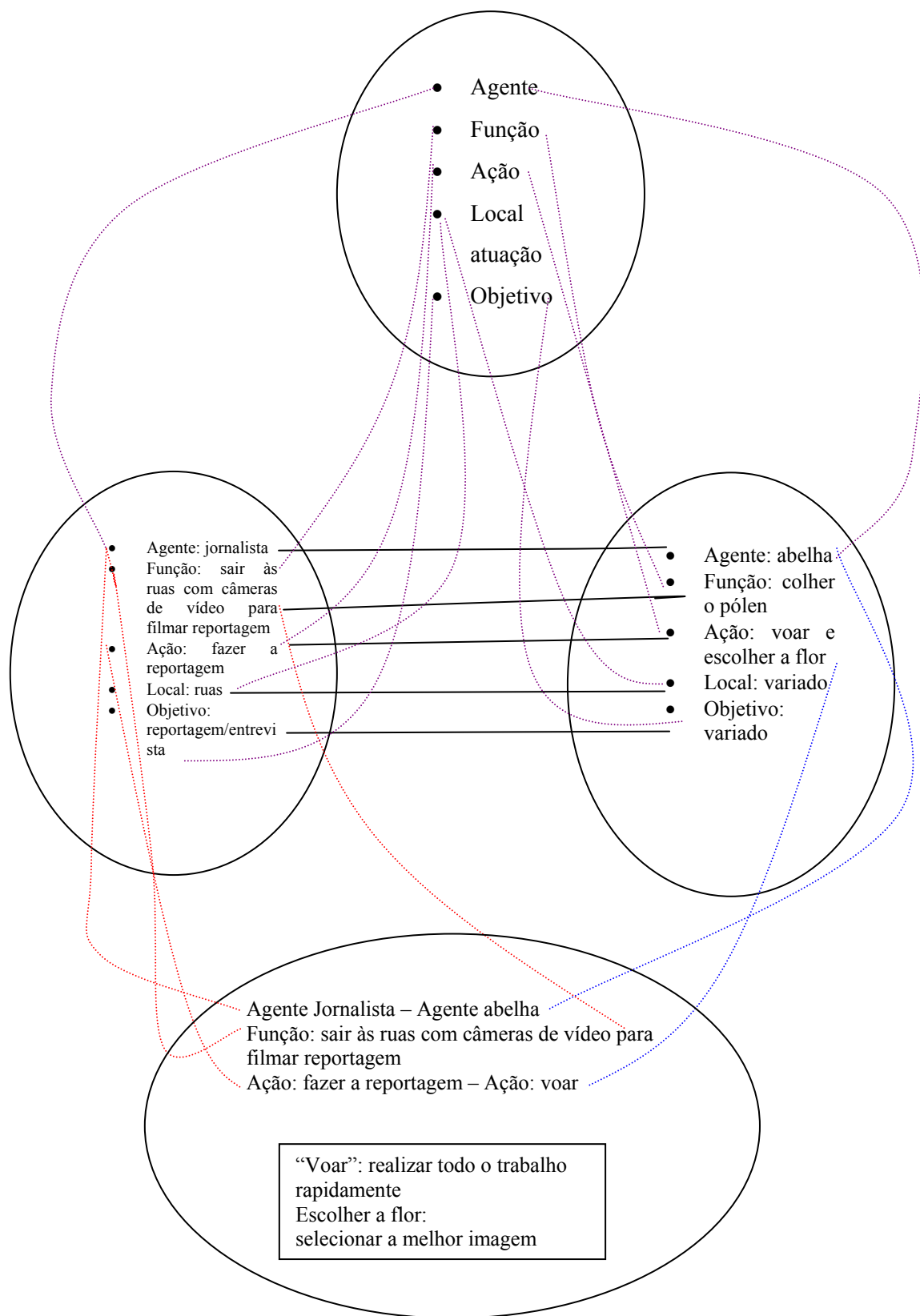


Fig. 3: Processo de instauração da metáfora “Jornalista que sai às ruas para filmar reportagem é abelha”.

A partir do gráfico acima, podemos observar que algumas das características que o espaço genérico nos mostra em comum aos dois espaços de entrada (*inputs*) são as seguintes: ambos – jornalista e abelha – são os agentes da ação, possuem, em seus respectivos “mundos”, uma função, um modo de agir para realizar essa função (ação), o local onde a realizam e um objetivo.

Nos dois espaços de *input*, podemos observar os seguintes elementos estruturais: o jornalista como agente e a abelha como agente; a função do jornalista de sair às ruas com câmeras de vídeo para filmar reportagem e a função de colher o mel realizada pela abelha; a rua, que é o local de trabalho do jornalista e o local da ação da abelha, que pode ser variado e, por fim, o objetivo, que, para o jornalista consiste em obter a reportagem e para a abelha é variado.

Podemos observar que não são todos os elementos estruturadores dos dois *inputs* que são projetados para o espaço da mescla (espaço fértil). Ademais, podemos observar que para compor a estrutura emergente (no gráfico, representada pelo retângulo) são necessários não apenas elementos projetados dos dois *inputs*, mas também elementos retirados do contexto em que a metáfora ocorre, como podemos ver em: “voar”: *realizar todo o trabalho rapidamente e escolher a flor: selecionar a melhor imagem*. Esses dois elementos que compõem a estrutura emergente não estão de todo nos *inputs*. E isso é o que a Teoria da Mesclagem Conceptual nos permite observar quando da sua aplicação: é a estrutura emergente que nos fornece o resultado final de todo o processo e nos permite compreender a realidade como, muitas vezes, não havíamos compreendido antes. O fato de os jornalistas precisarem selecionar a melhor imagem não salta aos nossos olhos de imediato como um elemento estruturador da metáfora *Jornalista que sai às ruas para filmar reportagem é abelha*. Num primeiro momento, o que se destaca é o fato de os jornalistas praticamente “voarem” – como podemos ler no contexto. Essa afirmação ajuda a entender o estabelecimento da metáfora, mas não dá conta de explicá-lo como um todo. A Teoria da Mesclagem Conceptual prima por nos permitir fazer inferências que outras teorias não permitem. No exemplo acima, inferir que os jornalistas selecionavam a melhor imagem na hora está relacionado ao fato de as abelhas escolherem a flor de onde retiram o pólen é possível graças à aplicação da referida teoria.

Águia – adj

Conhecido por conquistas amorosas que incluíram a cantora alemã Nina Hagen, Supla está numa nova fase: "Deixei de ser galinha. Estou mais pra <águia>". (IÉ, 17-jan-96, p. 73)

Neste contexto a metáfora presente é: INDIVÍDUO DO SEXO MASCULINO QUE SABE ESCOLHER UMA PARCEIRA (NAMORADA) É ÁGUIA. O que nos permite afirmar que é assim que se entende tal metáfora é o conhecimento enciclopédico sobre o animal águia. O contexto não nos fornece pistas para analisarmos como se estrutura a metáfora. Apenas há uma comparação subentendida entre “galinha” e “águia” e nada mais. Assim, para procedermos à análise, necessitamos levantar aspectos inerentes à águia.

O que primeiro se destaca no espaço genérico é o “status”: os dois *inputs* projetam o elemento “status” para o espaço da mescla e fornece a inferência para compormos a estrutura emergente. Vejamos: no *input 1* (espaço do indivíduo do sexo masculino), o “status” do indivíduo do sexo masculino que sabe escolher uma parceira é ser um conquistador. No *input 2* (espaço da águia), o “status” da águia é ser uma ave de rapina, ou seja, uma predadora. No espaço genérico, o “saber focalizar” está projetado ao “focalizar e selecionar o alvo (namorada)” do *input 1* e “agudeza de visão e de foco” do *input 2*, colaborando na composição do espaço da mescla, mas nem tanto para a estrutura emergente. O elemento “vigor” presente no espaço genérico e projetado para os dois *inputs* também colabora para a inferência presente na estrutura emergente: saber escolher uma namorada e saber conquistá-la requer, muitas vezes, demonstração de virilidade. Enfim, outro elemento do espaço genérico que também possui forte influência para o advento da estrutura emergente – nesta metáfora – é a “perspicácia”: saber conquistar a parceira escolhida requer, também, ser perspicaz.

No espaço da mescla, podemos observar as seguintes relações: ser conquistador está relacionado a ser predador; demonstração de virilidade está relacionada ao vigor (característica da águia); focalizar e selecionar o alvo relaciona-se com a agudeza de visão da águia e a perspicácia está presente nos dois *inputs*, uma vez que uma conquista amorosa requer saber conquistar o alvo (namorada).

Essas observações podem ser visualizadas no gráfico abaixo:

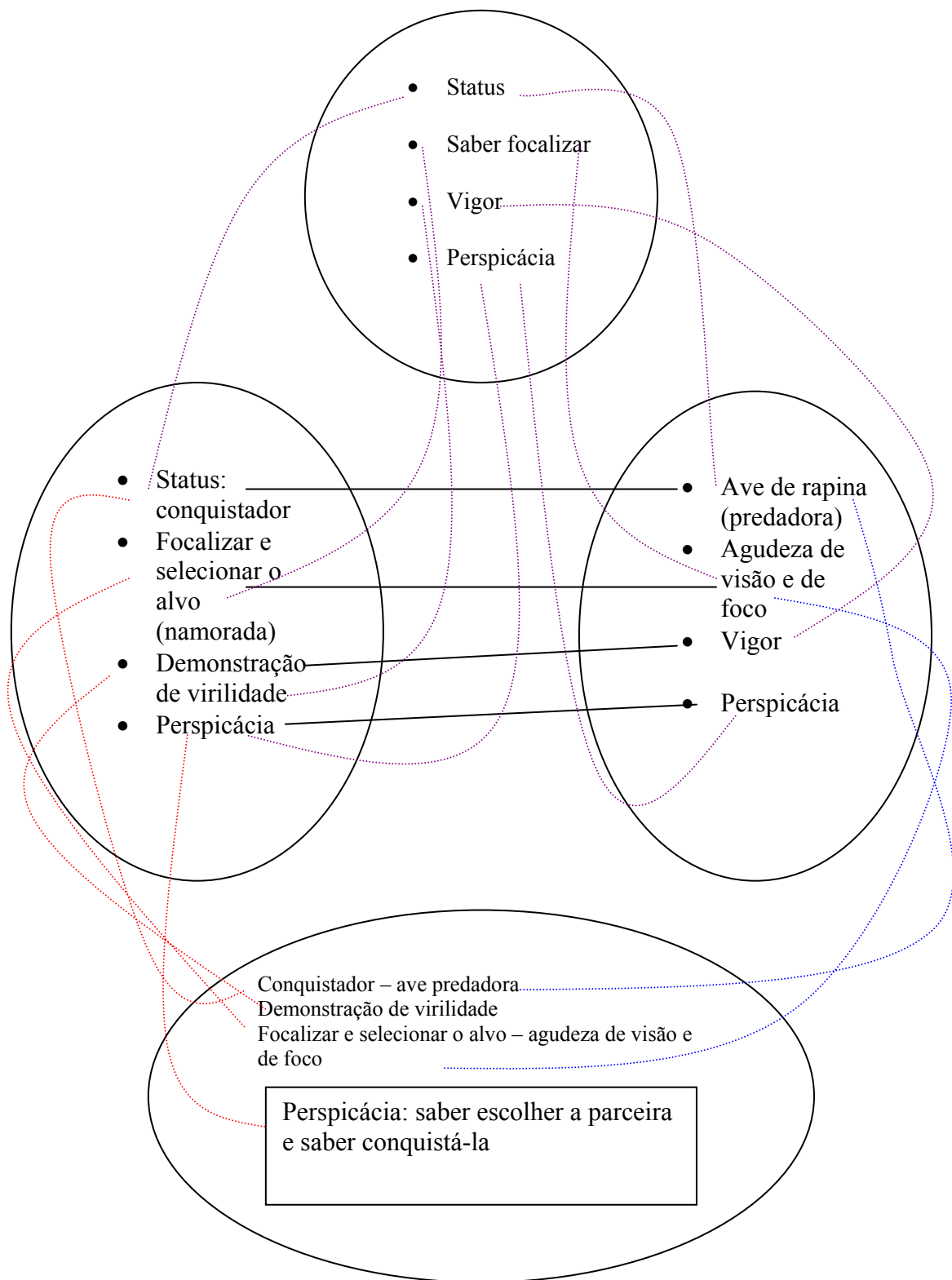


Fig. 4: Processo de instauração da metáfora “indivíduo do sexo masculino que sabe escolher parceira (namorada) é águia”

Andorinha – sm

Como os juros já subiram em 96 e a região não foi abalada, a instituição afirma que está diminuindo a dependência de capitais de curto prazo, os <"andorinhas">. (FSP, 25-08-96, p. 2)

A metáfora presente no contexto acima pertence à área da economia: CAPITAL DE CURTO PRAZO É ANDORINHA. Para analisarmos essa metáfora, foi necessário buscar informações acerca do capital de curto prazo (que integram o *input 1*), bem como da andorinha (*input 2*).

O espaço genérico é composto dos elementos: características (migração/retirar-se a qualquer momento), estadia e motivação da saída/migração. Esses elementos são projetados nos espaços *inputs* da seguinte forma: temos as características do capital de curto prazo relacionadas às características da andorinha; o tempo de estadia do capital de curto prazo relacionado ao tempo de estadia da andorinha e, por fim, a motivação da saída do capital de curto prazo relacionada à motivação da migração da andorinha.

A andorinha é uma ave migratória e de pequeno porte, o que torna a metáfora mais clara: o capital é de curto prazo, podendo ser retirado rapidamente de onde está sendo investido. A motivação da retirada do capital de curto prazo ocorre devido à busca por melhores juros no mercado financeiro e é regida por este. Isso está relacionado ao motivo da migração da andorinha: ela migra devido aos fatores climáticos (fato que podemos relacionar com a dependência que o capital de curto prazo tem em relação ao mercado financeiro) e para poder garantir sua sobrevivência, ou seja, migra para poder se alimentar. Este último fato está relacionado com a busca por melhores juros do capital de curto prazo.

A estrutura emergente será composta pelo “tempo de estadia dependente do mercado financeiro” relacionado ao “tempo de estadia: curto” selecionados dos *inputs 1* e *2*, respectivamente. Essa relação entre os dois elementos que compõem os *inputs* resulta na inferência do caráter do capital de curto prazo: sua volatilidade. Assim, a partir dos elementos que compõem os espaços de entrada, podemos inferir a principal característica do capital de curto prazo. Característica esta dada pela metáfora estabelecida: de um lado, uma instância financeira e de outro, uma andorinha. Observemos o gráfico abaixo:

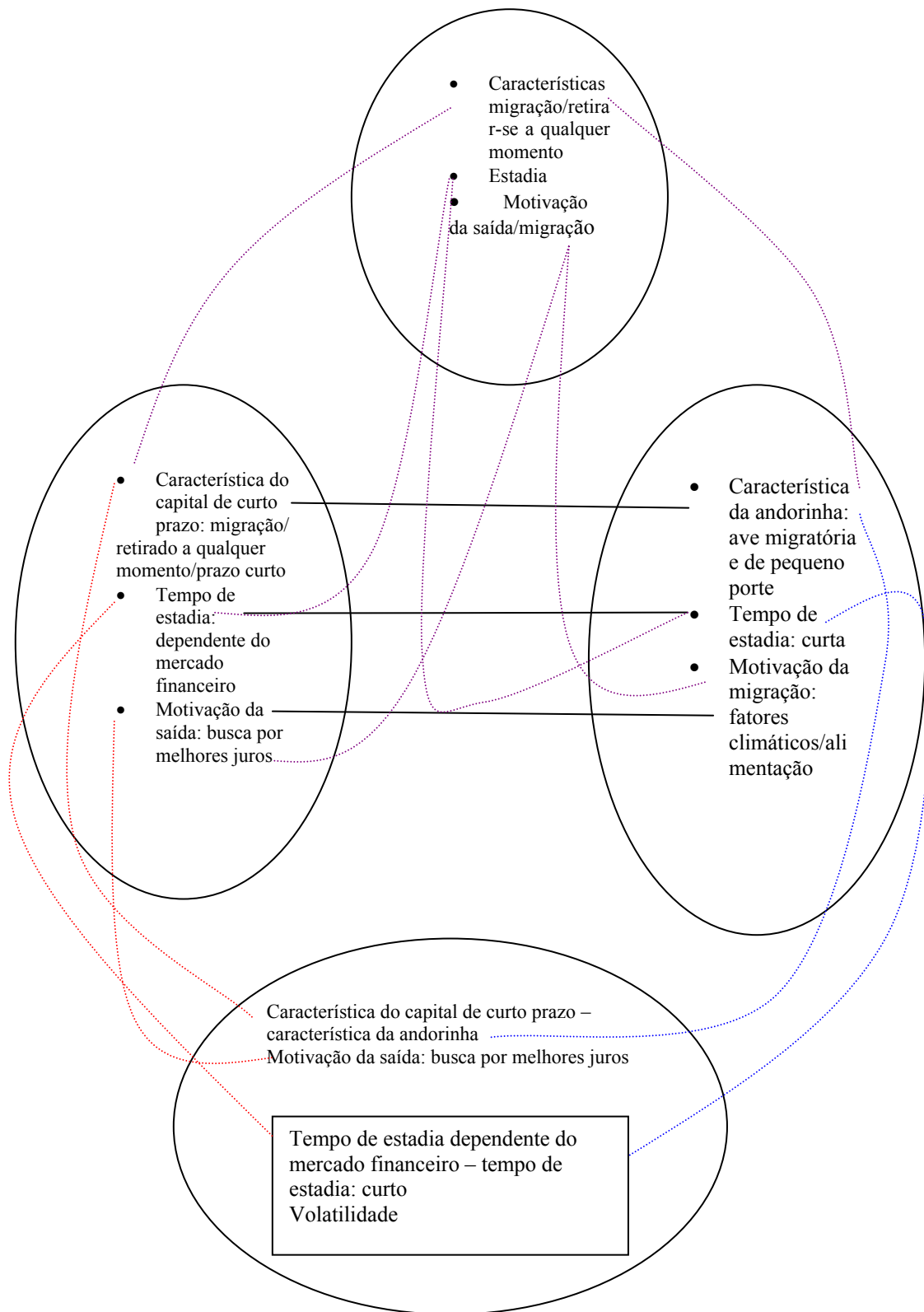


Fig. 5: Processo de instauração da metáfora “capital de curto prazo é andorinha”

Ave de rapina – sf

"Quero um general" - O presidente Itamar decidiu convidar para ministro dos transportes Bayna Denis na terça-feira, numa conversa telefônica com o ministro do Exército, Zenildo Lucena. "Quero um general", disse Itamar. "Não vou permitir que o ministério seja alvo de <"aves de rapina">. Por <"aves de rapina">, entendam-se os políticos fisiológicos, os técnicos ligados a grupos econômicos e os empreiteiros. (V, 09-mar-94, p. 43)

A metáfora presente no contexto acima é: **POLÍTICO INTERESSEIRO E INDIVÍDUO QUE ALMEJA BENEFICIAR-SE OU BENEFICIAR A TERCEIROS ATRAVÉS DE SEU CARGO, POSIÇÃO OU INFLUÊNCIA É AVE DE RAPINA.**

O contexto fornece pistas sobre quem são as “aves de rapina”: certos tipos de políticos, técnicos ligados a grupos econômicos e empreiteiros. Para estabelecer as relações entre esses grupos e a ave de rapina, é necessário buscar informações sobre a ave, bem como conhecer o contexto em que a metáfora foi utilizada.

No espaço genérico, podemos encontrar dois elementos: o “status” e o “objetivo”. No *input 1*, temos “status: indivíduo que ocupa cargo político ou posição relevante no setor econômico”, que está relacionado ao “status” da ave de rapina, a saber, “ave de grande porte”. O objetivo do *input 1*, “almeja favorecimento próprio ou para terceiros”, relaciona-se, no *input 2*, com “alimentar-se de outros animais” e a uma outra característica da ave de rapina: ser predadora.

Para o espaço da mescla serão projetados todos os elementos presentes nos *inputs 1 e 2*. São raros os casos em que isso ocorre, pois, geralmente, para o espaço da mescla são projetados alguns elementos presentes nos *inputs*. A estrutura emergente traz uma informação que não aparece nos espaços de entrada. Através das relações estabelecidas entre os elementos que compõem os *inputs*, podemos inferir a seguinte informação sobre o objetivo dos políticos interesseiros, etc., ou seja, das “aves de rapina”: obstruir objetivos da área de transportes que estejam contra seus interesses, bem como obter benefícios próprios ou para terceiros de forma ilícita. Essa inferência é possível porque podemos relacionar os objetivos desses indivíduos com o fato de a ave de rapina ser predadora. Assim, ser um indivíduo “predador” significa não permitir que sejam realizados os objetivos do Ministério dos Transportes quando estes não trazem benefícios, em geral financeiros, para os “predadores”. Vejamos o gráfico:

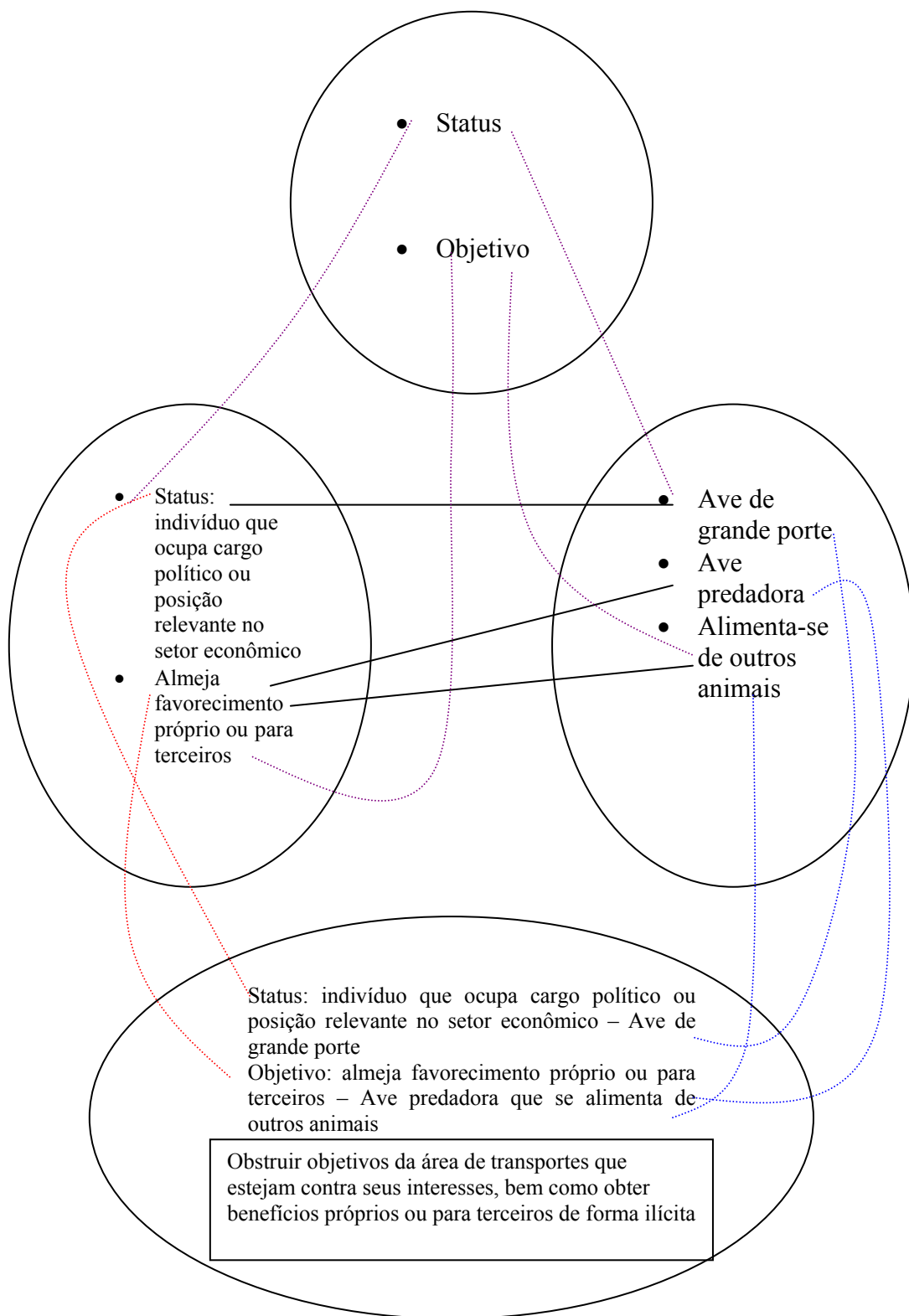


Fig. 6: Processo de instauração da metáfora “Político interesseiro e indivíduo que almeja beneficiar-se ou beneficiar a terceiros através de seu cargo, posição ou influência é ave de rapina”.

Coiole – sm

Definição:

No México, indivíduo que intermedeia a entrada de emigrantes clandestinos nos Estados Unidos da América, por conhecer bem as regiões de fronteira.

Contexto 1:

Na Cidade do México, os "kamikases" contatam os chamados <"coiotes"> - mexicanos que intermediam a entrada dos brasileiros clandestinos nos EUA. (FSP, 18-jul-93, p. 4.8)

Contexto 2:

Quando não conseguem entrar nos EUA pelas vias legais, eles burlam o departamento de imigração americano atravessando a fronteira com o México. Quem guia o emigrante clandestino é chamado de <coiote>, normalmente um mexicano que conhece bem a região. O contato com os <coiotes> costuma ser feito em Governador Valadares. Pelo serviço, eles cobram em média US\$ 6 mil, incluídas a passagem aérea e demais despesas. (IÉ, 12-mar-97, p. 35)

Os dois contextos em que aparece a metáfora MEXICANO QUE INTERMEDEIA ENTRADA DE EMIGRANTE CLANDESTINO NOS ESTADOS UNIDOS É COIOTE, nos auxiliam bastante para a compreendermos. Entretanto, é necessário conhecer algumas características do animal coiole para estabelecermos a relação entre os elementos que compõem os *inputs*.

No espaço genérico, temos cinco elementos estruturadores: “status”, “características”, “meio de sobrevivência”, “esperteza” e “velocidade”. O “status” do *input 1*, “indivíduo mexicano”, relaciona-se com o “status” do *input 2*, “pequeno lobo americano”. Quanto às características, temos no *input 1*: “conhecer bem a região de fronteira” relacionado com “esperteza”, do *input 2*. A “velocidade” corresponde ao fato de a entrada ilegal pela fronteira ter de ser feita de forma rápida, a fim de driblar a fiscalização. Isso está relacionado com o fato de o coiole ser um animal veloz, principalmente quando se trata de conseguir seu meio de sobrevivência (a caça) e, também, fugir de uma situação de perigo.

O meio de sobrevivência do mexicano “coiole” é explorar, ou seja, cobrar caro por

uma atividade ilegal e arriscada, o que está relacionado com o meio de sobrevivência do animal coiole: trata-se de um mamífero selvagem, carnívoro (caça carne para sobreviver). O fato de o coiole animal caçar a carne, ou melhor, um animal que sirva de presa para lhe fornecer o sustento, está relacionado com o fato de o mexicano “coiole” cobrar caro dos indivíduos que almejam entrar nos Estados Unidos pelas vias legais, mas não conseguem, tendo que procurar um meio arriscado e ilegal para conseguir a entrada. Em outras palavras, esse indivíduo que paga caro pela entrada ilegal e, muitas vezes, não-garantida, é, metaforicamente, a “presa” do mexicano “coiole”.

No espaço da mescla, temos alguns elementos dos *inputs* projetados: “indivíduo mexicano” e “pequeno lobo americano”; “conhecer bem a região de fronteira” e “esperteza”, “entrada rápida” com “animal veloz” e, por fim, “cobrar caro pelo serviço”. Essa relação entre os elementos dos *inputs* é que resulta na estrutura emergente: intermediar e facilitar a entrada clandestina de emigrantes ilegais de forma rápida por se conhecer bem a região de fronteira entre México e Estados Unidos, cobrando caro por esse serviço. Disso resulta a inferência de que o “coiole” é um explorador.

As relações entre os elementos dos *inputs* são essenciais para que possamos inferir essa característica do mexicano “coiole”, a qual não está explícita no contexto. Neste, há somente uma referência ao valor cobrado pelos “coioles”, uma média de seis mil dólares. Trata-se de um valor alto, o que possibilita inferir que os “coioles” são exploradores.

No gráfico abaixo, podemos visualizar todo o processo de estabelecimento da metáfora do coiole, bem como a inferência que resulta dos elementos que estruturam os *inputs*.

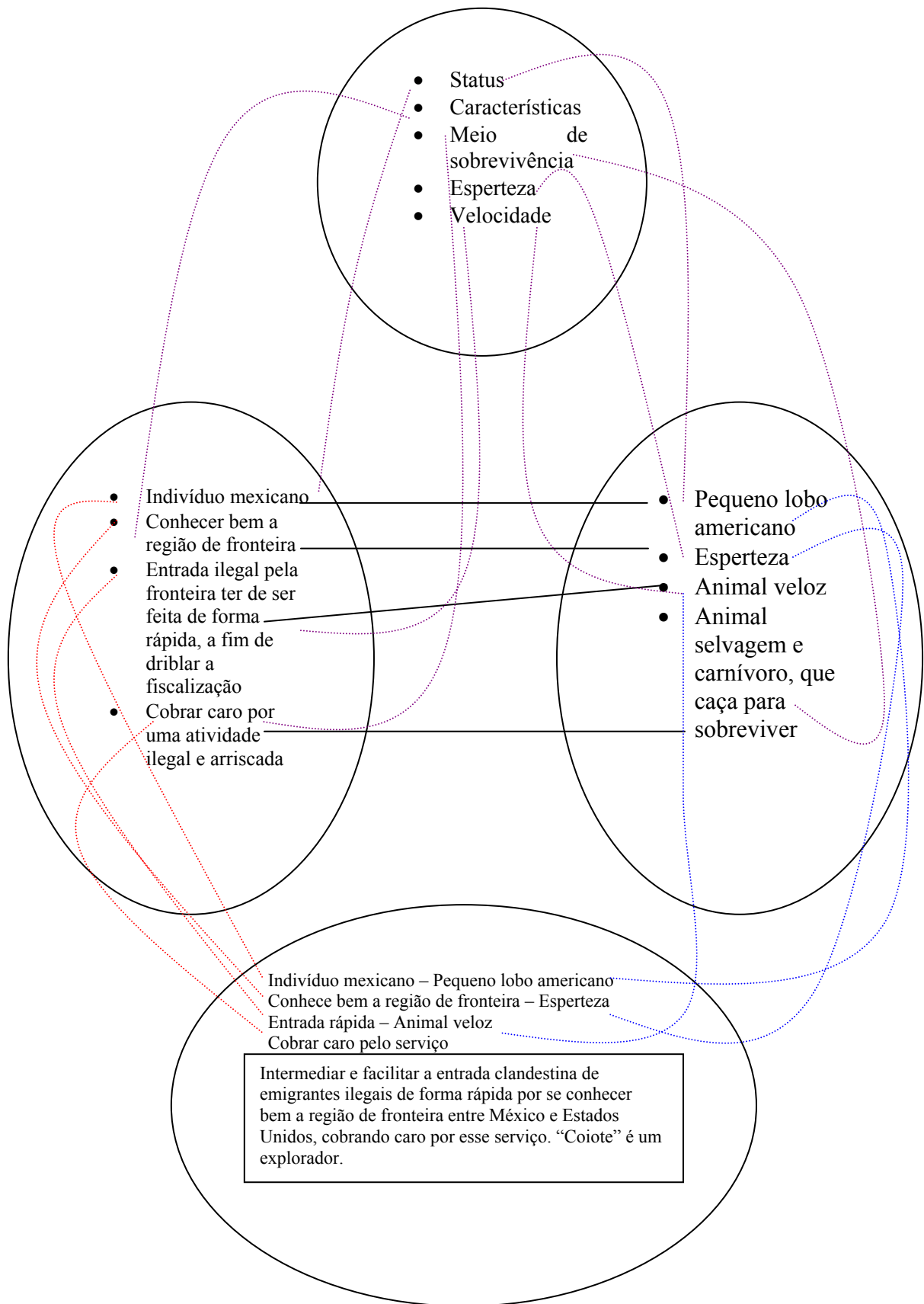


Fig. 7: Processo de instauração da metáfora “Mexicano que intermedeia a entrada de imigrante clandestino nos Estados Unidos é coiote”

Fera – sf

Em estúdio para cuidar de seu novo disco, Artur Maia tem se cercado de estrelas. /.../ Ele já gravou faixas com o guitarrista Mike Stern, que tem Eric Clapton como tiete, e o baterista Dennis Chambers - duas <feras>. (G, 01-fev-98, p. 30)

A metáfora presente no contexto acima é: ARTISTA QUE SE DESTACA NO QUE FAZ É FERA. O *input 1* é o espaço do artista e o *input 2*, o da fera.

No espaço genérico temos três elementos estruturadores: desempenho, coragem, alcançar o objetivo/alvo. Esses elementos estruturam os dois *inputs*: no *input 1*, temos “artista que não se intimida frente ao público” relacionado ao “animal que não se intimida”, do *input 2*; “investir na carreira” está relacionado ao “animal bravo”, do *input 2*; “ser persistente” está relacionado com a característica da fera: “animal que consegue o que quer”; e, por fim, “alcançar fama”, do *input 1*, está relacionado ao “conseguir a presa ou vencer numa briga”, do *input 2*.

Para o espaço da mescla são projetados alguns elementos estruturadores dos *inputs*. São eles: não se intimidar frente ao público – animal que não se intimida; investir na carreira; ser persistente – conseguir o que quer e alcançar fama.

Esses elementos nos permitem inferir que “fera” é o indivíduo exímio no que faz, formando, assim, a estrutura emergente.

Trata-se de uma metáfora não muito complexa quando analisada e que nos permite inferir algo que está subentendido no próprio contexto do jornal.

As relações estabelecidas entre os *inputs*, bem como a mescla e a estrutura emergente podem ser visualizadas no gráfico que segue:

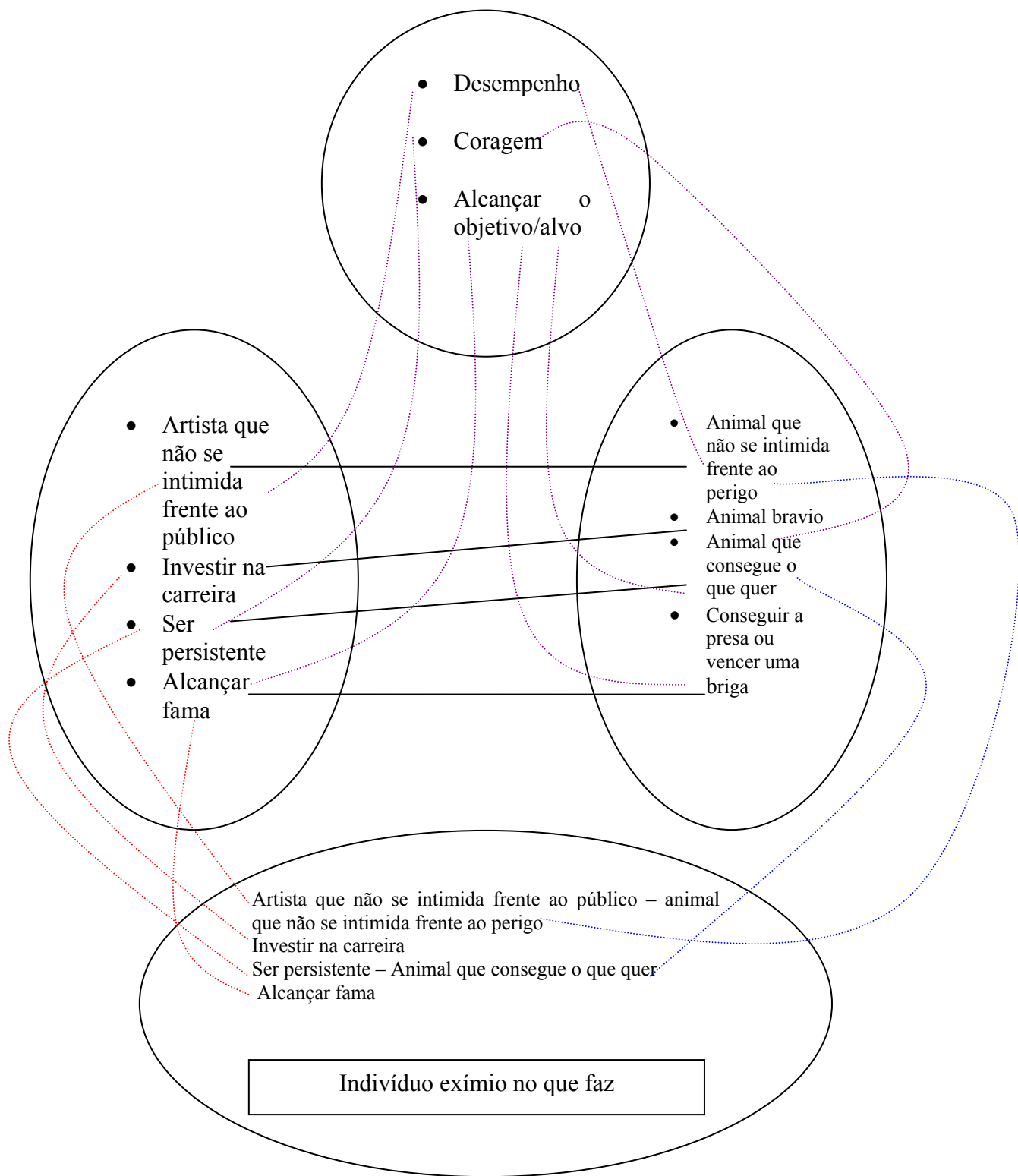


Fig. 8: Processo de instauração da metáfora “Artista que se destaca no que faz é fera”.

Mula – sf

Contexto 1:

A partir de Varsóvia, a droga era repassada para russos da Organizatsiya que serviam de <"mulas"> até os armazéns de estoque em Brighton Beach. (IÉ, 15-mar-95, p. 90)

Contexto 2:

A rodovia também é a porta de entrada e saída de milhares de laranjinhas e <mulas> – atravessadores que vivem da compra e venda e transporte de mercadoria ilegal. (G, 07-abr-96, p. 18)

A metáfora presente nos dois contextos transcritos é INDIVÍDUO QUE COMPRA, VENDE E TRANSPORTA MERCADORIAS ILEGAIS E/OU DROGAS É MULA.

Para compor o espaço genérico, temos os elementos estruturais: “carregar” e “transportar”. Esses elementos estruturam os *inputs*, sendo que do *input 1* faz parte o elemento “indivíduo que compra, vende e carrega, transporta mercadoria ilegal e/ou drogas de um lugar para outro”. No *input 2*, espaço de entrada referente à “mula”, o elemento que o compõe é “animal usado para o transporte de mercadorias no meio rural”.

Os dois elementos que compõem os *inputs* são projetados para o espaço da mescla e desta resulta a estrutura emergente da qual faz parte a seguinte inferência: mula é o indivíduo que serve de intermediário para o comércio e transporte de mercadoria ilegal e/ou de drogas.

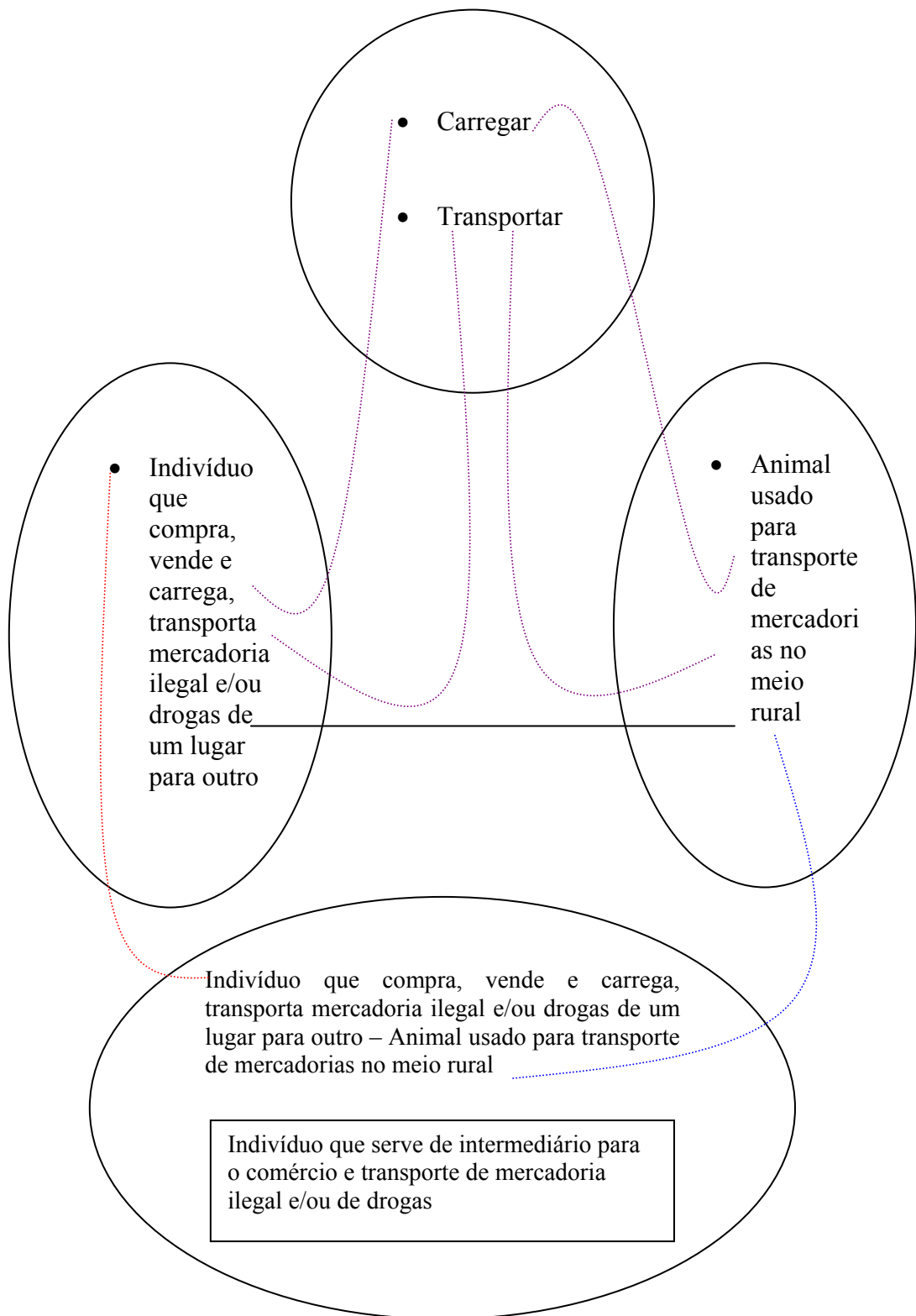


Fig. 9: Processo de instauração da metáfora “Indivíduo que vende, compra e transporta mercadorias ilegais e/ou drogas é mula”.

Pinto – sm

A baixaria das bolsas mundiais é <pinto> (sem trocadalho, por favor) perto das imagens chocantes que o povo brasileiro é obrigado a assistir enquanto mastiga a macarronada dominical: mulheres orientais servidas em bandejas para serem comidas cruas com dois pauzinhos, dirigentes de futebol seminus se atracando na lama num combate sensual e um animador louro se disfarçando de travesti para saber como é por dentro a vida de um transformista. (G, 02-nov-97, p. 12)

O contexto acima nos fornece a metáfora animal de que BAIXARIA DAS BOLSAS MUNDIAIS É PINTO. Essa metáfora nos permite inferir que uma situação tida por alguns como chocante é pinto quando comparada a outras mais baixas e chocantes, ou seja, trata-se de um acontecimento, uma baixaria não tão baixaria frente a alguns tipos de situações em que se mostram coisas mais baixas, mais degradantes.

Para o estabelecimento dessa metáfora, temos, no espaço genérico, dois elementos: “status” e “pequenas proporções”. No *input 1*, temos dois elementos estruturadores, a saber, “situação em que ocorre baixaria” e “acontecimento ou situação de pequenas proporções”. No *input 2*, temos, também, dois elementos: “pinto” e “filhote de galinha bem novo e pequeno”.

Para o espaço da mescla, são projetados todos os elementos presentes no *input 1*, e o primeiro elemento do *input 2*, resultando na seguinte inferência presente na estrutura emergente: “acontecimento ou situação insignificante se comparado a outros cujo grau de baixaria é maior”.

Podemos dizer que se trata de uma metáfora não muito complexa, pois a imagem do animal pinto traz em si a idéia de pequenez. Essa idéia não é a parte mais importante dessa metáfora, mas sim o que está por trás dela, isto é, a inferência que podemos fazer a partir do contexto.

No gráfico que segue mostramos como é a instauração dessa metáfora.

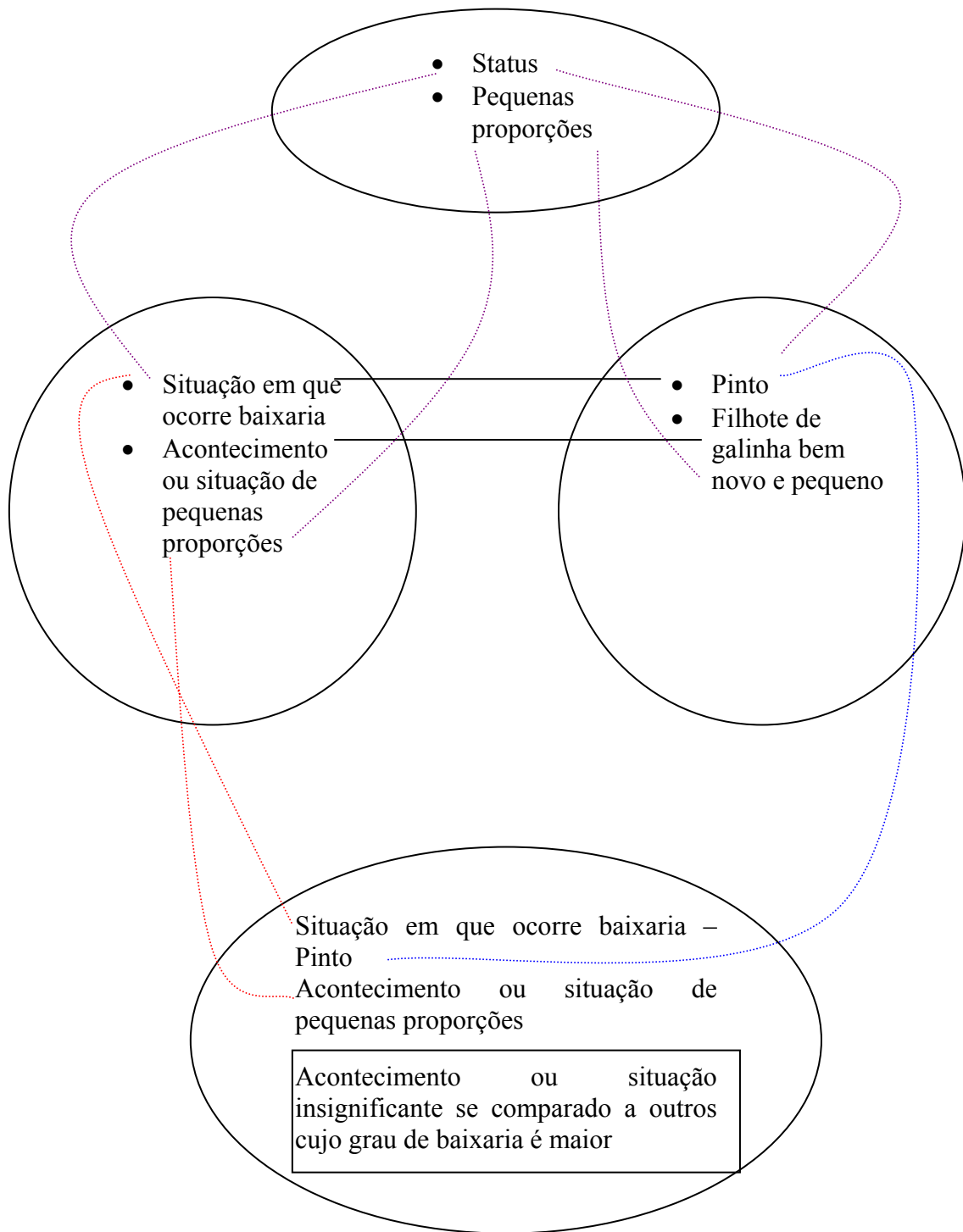


Fig. 10: Processo de instauração da metáfora “Baixaria das bolsas mundiais é pinto”

Pit bull – sm

Nesse ambiente de desenvolvimento econômico quantitativo e qualitativo, a Bolsa de Nova York, fundada em 1792, teria mesmo de cravar a bandeira Nyse no pico dos dez mil pontos, o do Super Dow. A bolha de Wall Street parece forjada com elástico chipado. Até prova em contrário, incólume sob a pressão intestina da irrational exuberance cunhada por Alan Greenspan, o <pit bull> da moeda nacional. (G, 04-abr-99, p. 32)

A metáfora presente no contexto acima é: O ECONOMISTA ALAN GREENSPAN É PIT BULL.

Estabelecendo os elementos que fazem parte do espaço genérico, temos: “status”, “proteger” e “força”. Esses cinco elementos estruturam os *inputs 1* e *2* da seguinte maneira: no *input 1*, espaço referente a Alan Greenspan, temos “economista renomado”, “conhecido e respeitado internacionalmente”, “protege a moeda nacional”, “sabe se impor”, “possui força de expressão no que se refere à economia”. Esses elementos relacionam-se com os elementos presentes no *input 2*, espaço do pit bull: “cão de combate, caçador, de guarda, vigilante, valente e determinado”, “possui grande força, energia e resistência”, “é dócil e gentil com os donos, protegendo-os”.

Para o espaço da mescla são projetados os elementos considerados mais importantes do *input 2*, que, relacionados aos do *input 1*, resultam na estrutura emergente: ser um pit bull da moeda nacional é defendê-la e protegê-la de forma determinada, a fim de garantir a estabilidade nacional.

Trata-se de uma metáfora interessante, uma vez que a figura do pit bull remete à valentia, à coragem, à braveza e à proteção. Dessa forma, um economista como Alan Greenspan pode ser tido como um pit bull por mostrar ter poder, força e, maiormente, influência para poder proteger a moeda de seu país.

O gráfico abaixo ilustra as relações entre os *inputs* e seu resultado, ou seja, o espaço da mescla.

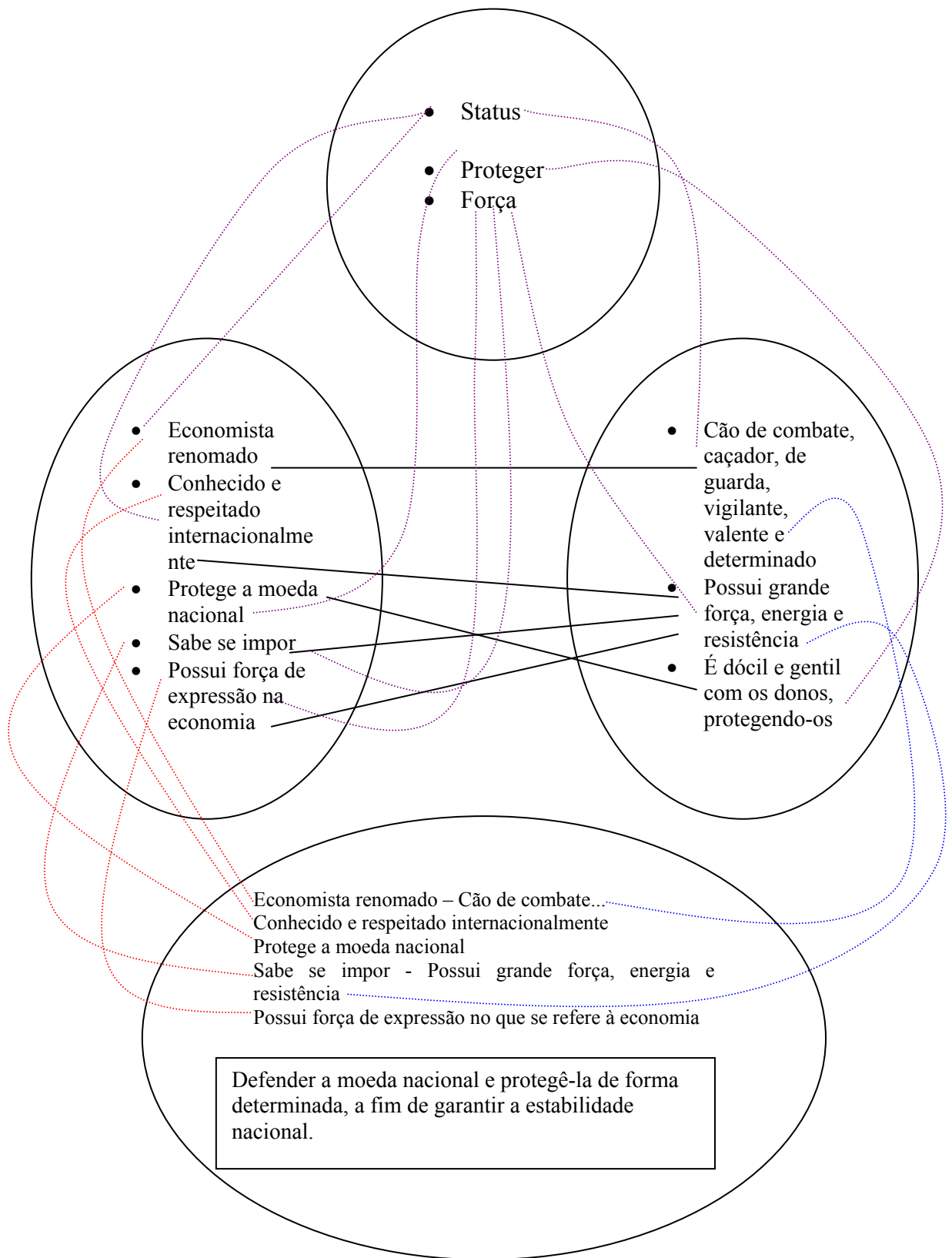


Fig. 11: Processo de instauração da metáfora “O economista Alan Greenspan é pit bull”.

Rato – adj

Para o americano Mark Harthaway, jogador amador e <rato> das discussões enxadristas na Internet, "as especulações existem. Muita gente está desconfiada, mas suspeito que será impossível descobrir a verdade sobre tudo isso." (IÉ, 01-jun-97, p. 100)

Pela leitura do contexto acima, podemos afirmar que a metáfora presente nele é: JOGADOR AMADOR DE XADREZ QUE FREQUENTA SITES DA INTERNET EM BUSCA DE INFORMAÇÕES É RATO.

Para obtermos o resultado final dessa metáfora, ou melhor, a estrutura emergente de todo o processo cognitivo de instauração da mesma, é necessário, como em todas as metáforas animais que analisamos, elencar as características do animal rato.

Em primeira instância, temos no espaço genérico o “status”, seguido pela “procura” e “assiduidade”.

No *input 1*, temos “jogador amador” definido como o “status”, seguido de “procura discussões, informações, dados, etc., sobre xadrez na internet” e “assiduidade aos sites de discussões enxadristas na internet”. No *input 2*, temos o “status” do animal rato definido como “mamífero carnívoro”, seguido de “fuça, procura alimento”, “sabe onde há alimento e tem o hábito de retornar aos mesmos lugares, se estes não apresentam perigo, para se alimentar”.

Esses elementos que estruturam os dois *inputs* são projetados para o espaço da mescla, resultando na estrutura emergente cuja inferência é a de que um jogador amador de xadrez que frequenta sites em busca de discussões, informações, etc., é rato por pesquisar (fuçar) sites e passar a ser um freqüentador assíduo dos mesmos.

Assim, podemos inferir que, da mesma forma que o rato fuça e sai à procura de seu alimento, o jogador amador, que é “rato”, tem essa mesma característica. Além disso, quando acha o que quer, esse jogador passa a freqüentar esses sites, da mesma forma que o rato passa a freqüentar os mesmos lugares em busca de alimento quando sabe que estes não lhe proporcionam perigo. Temos aqui duas características que possibilitam essa metaforização da imagem do jogador: ambos, jogador e rato, são “fuçadores” e assíduos. Trata-se de uma metáfora muito original e interessante, como a maioria das metáforas o são. Vejamos o gráfico abaixo:

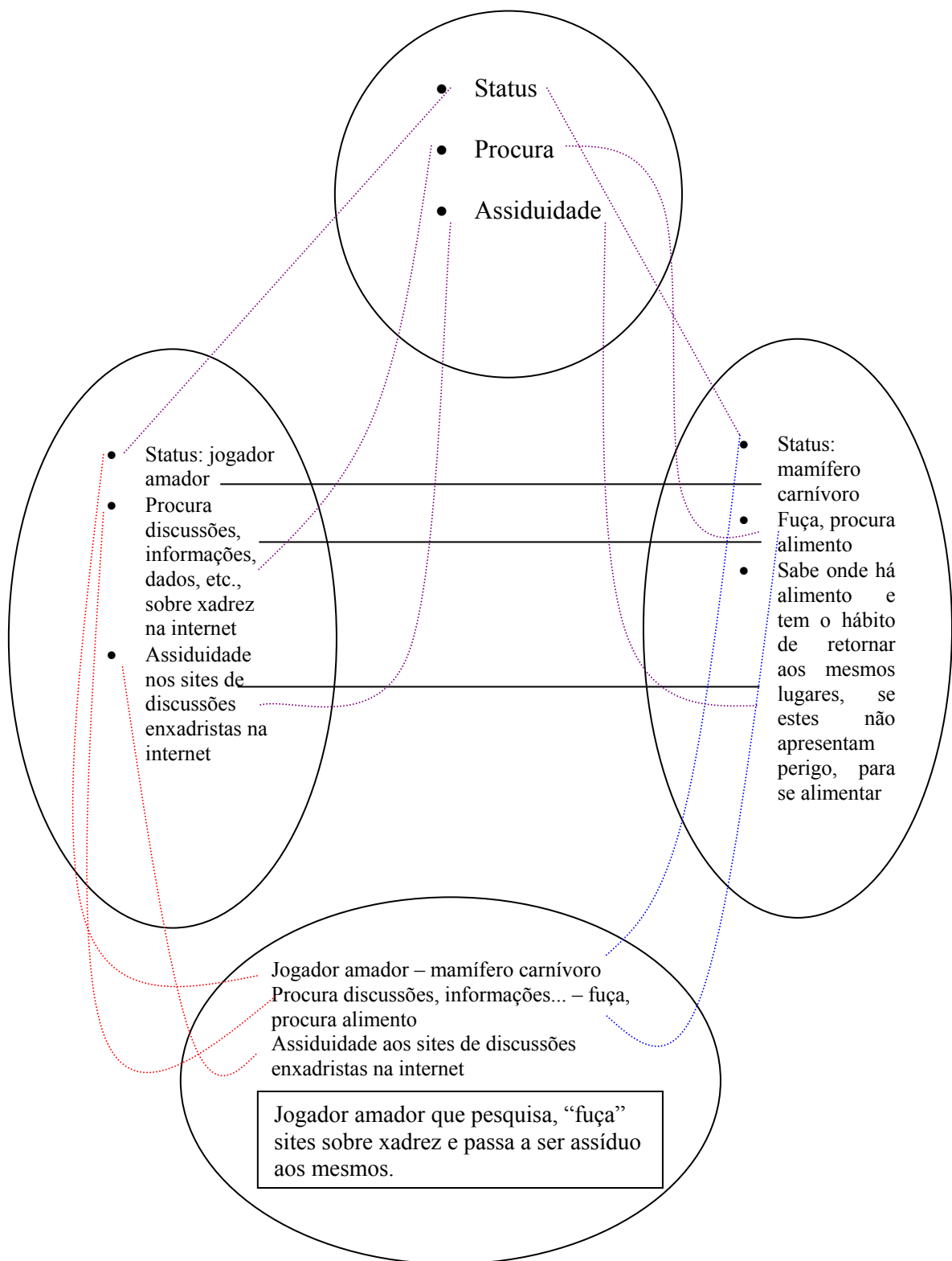


Fig. 12: Processo de instauração da metáfora “Jogador amador de xadrez que frequenta sites da internet em busca de informações é rato”.

Tigre – adj

Definição:

Relativo a país que se destaca na atividade econômica.

Contexto:

O Chile <"tigre"> e o Chile pobre estão visíveis a olho nu no comércio de Santiago, a capital. Na noite de sexta-feira, a atriz italiana Sofia Loren embolsou US\$ 100 mil apenas para inaugurar uma loja do shopping center EL Alto de Las Condes, o mais reluzente dos centros comerciais da cidade. As calçadas da Alameda Bernardo O'Higgins, a principal de Santiago, estão coalhadas de barracas de ambulantes, que levarão cerca de 26 mil dias, a renda média mensal estimulada em US\$ 115, para faturar o que uma única loja gastou em uma única noite, com La Loren. (FSP, 17-out-93, p. 3.5)

O contexto acima nos permite afirmar que a metáfora nele presente é: PAÍS OU REGIÃO DESENVOLVIDA ECONOMICAMENTE É TIGRE.

No espaço genérico, temos três elementos estruturadores: “poder”, “tamanho” e “força”. No *input 1*, espaço correspondente ao país ou região desenvolvida economicamente, os elementos presentes são: “possui economia e desenvolvimento em ascensão”, “desenvolvimento econômico acelerado”, “economia forte” e “pode enfrentar uma crise”. No *input 2*, por sua vez, temos como elementos estruturadores: “maior felino”, “poder de saltar muito alto”, “animal forte”, “animal que corre depressa”, “possui garras fortes”, “dentes afiados”, “enfrenta qualquer animal”, “é caçador carnívoro”.

Do *input 1* são projetados para o espaço da mescla todos os elementos acima citados, que estabelecem uma relação com os seguintes elementos do *input 2*: “maior felino”, “poder de saltar muito alto”, “animal forte que corre depressa”, “possui garras fortes e dentes afiados”.

Os elementos que compõem a estrutura emergente resultante dessas projeções são a “força” e o “poder”. Um país ou uma determinada região de um país é “tigre” quando sua economia é forte, o que proporciona poder ao país ou região (aqui também se compreendem os habitantes do país ou região).

Podemos visualizar, no gráfico abaixo, o processo de instauração dessa metáfora:

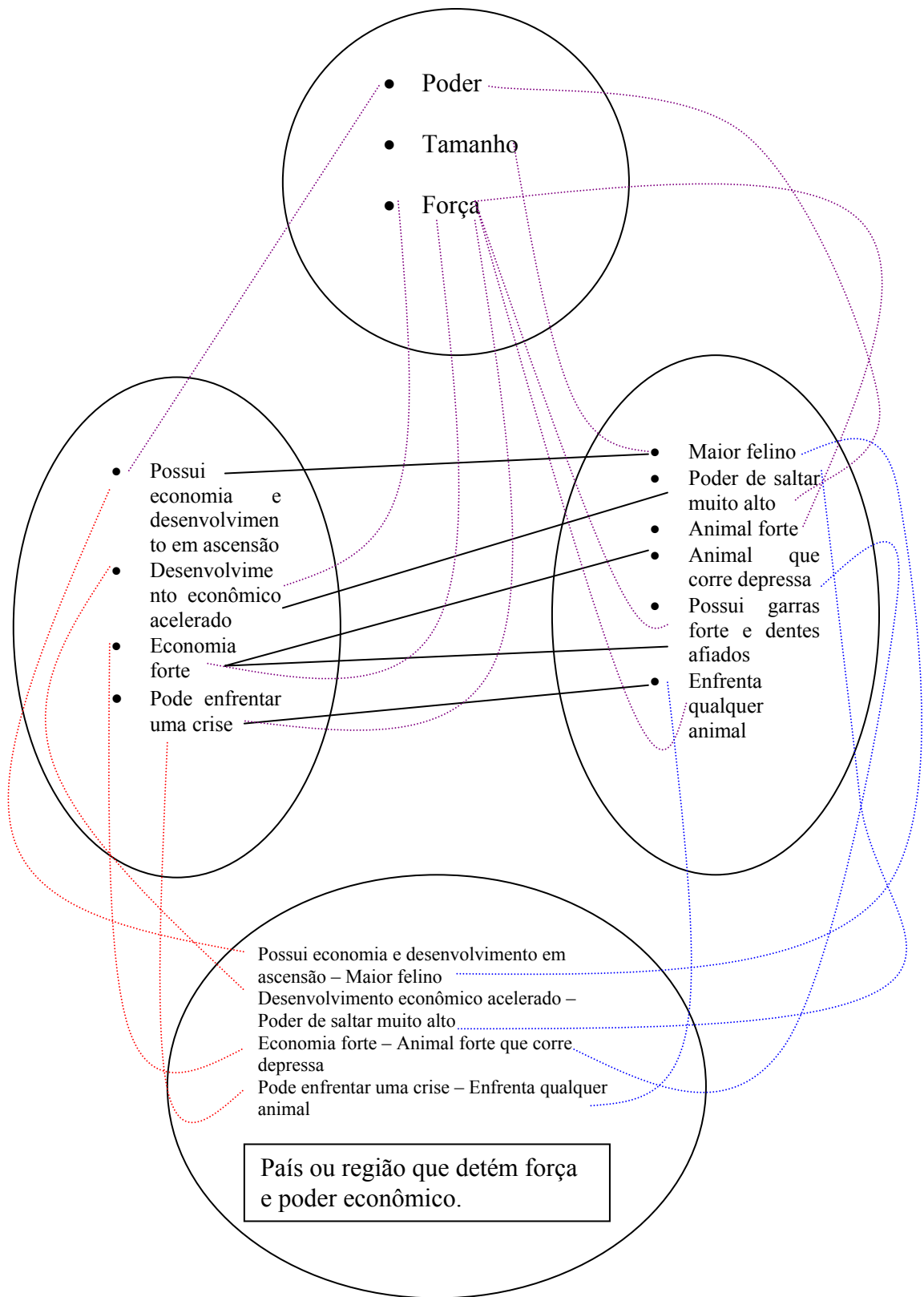


Fig. 13: Processo de instauração da metáfora “País ou região desenvolvida economicamente é tigre”.

Vaca leiteira – sf

Ao contrário de suas congêneres terceiro-mundistas, que são <vacas-leiteiras> dos respectivos Tesouros, a Petrossauro sempre foi mesquinha no tratamento do acionista majoritário. Tradicionalmente, a remuneração média anual do Tesouro, sob a forma de dividendos líquidos, não chegou a 1% sobre o capital aplicado. (FSP, 21-mar-99)

A metáfora animal presente no contexto acima é: EMPRESA ESTATAL QUE GERA LUCRO PARA O TESOIRO NACIONAL É VACA LEITEIRA.

No espaço genérico, temos como elementos estruturadores dos *inputs 1 e 2*: “suprir”, “beneficiar” e “gerar lucro”. No *input 1*, espaço de entrada correspondente à “empresa estatal”, temos: “empresa estatal”, “fornecer recursos ao Tesouro Nacional”, “ser fonte de benefícios para o Tesouro Nacional” e “gerar lucro para o Tesouro Nacional”. No *input 2*, espaço de entrada que corresponde à “vaca leiteira”, temos: “vaca leiteira”, “fonte de renda e lucro”, “beneficia seus donos e empresas” e, por fim, “fornece leite”.

Todos os elementos presentes no *input 1* são projetados para o espaço da mescla, ao passo que do *input 2*, são projetados três elementos: “vaca leiteira”, “fonte de renda e de lucro” e “beneficia seus donos e empresas”. Da relação estabelecida entre os elementos projetados dos *inputs* para o espaço da mescla, surge, na estrutura emergente, a inferência de que ser vaca leiteira é suprir e manter. Ou seja, uma empresa estatal é uma vaca leiteira do Tesouro Nacional à medida que fornece a este lucro e, conseqüentemente, benefícios, ajudando a suprir e a manter os recursos do Tesouro.

A metáfora da vaca leiteira pode ser empregada em diversos contextos referentes a outras áreas, assim como muitas das outras metáforas animais analisadas nesta pesquisa.

Vejamos o gráfico abaixo acerca do processo de instauração dessa metáfora no contexto em que foi usada:

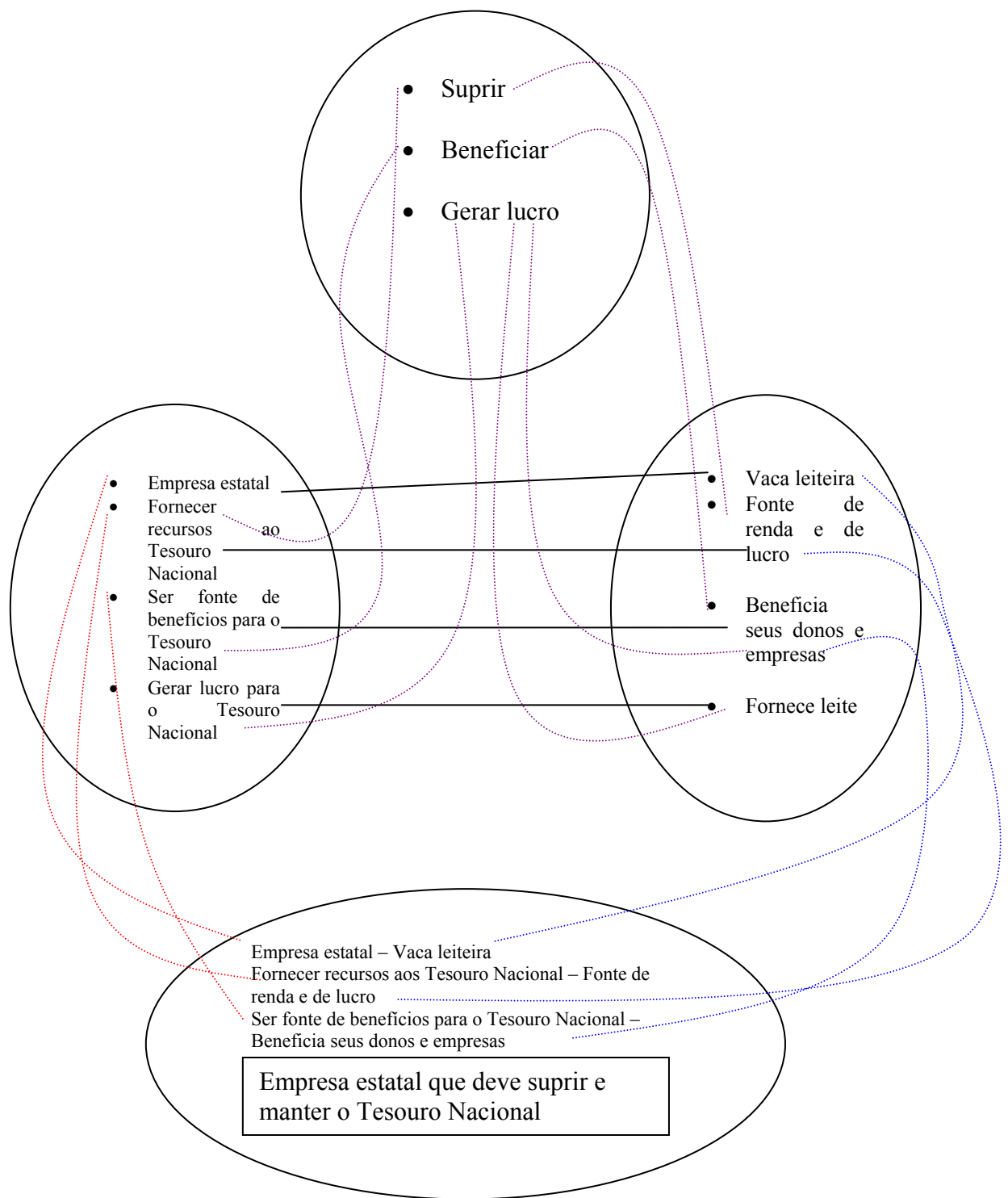


Fig. 14: processo de instauração da metáfora “Empresa estatal que gera lucro para o Tesouro Nacional é vaca leiteira”.

Zangão – sm

Na opinião do coronel José Maurício Garcia, idealizador do sistema de teleatendimento, a iniciativa evitou que o usuário tivesse que se dirigir ao órgão cada vez que desejasse obter algum tipo de serviço ou apenas conseguir algum tipo de informação. __ Esse projeto tornou o Detran mais acessível ao cidadão que não precisa mais de intermediários, os famosos <zangões> – disse ele. (G, 07-jun-98 p. 28)

A metáfora presente no trecho acima é específica de um contexto peculiar: INDIVÍDUO, SEM AUTORIZAÇÃO, QUE INTERMEDEIA SERVIÇOS E INFORMAÇÕES PARA USUÁRIOS DO DETRAN É ZANGÃO.

O zangão é um tipo de abelha macho que não produz mel, é apenas um reprodutor e vive do mel produzido pelas abelhas operárias. Assim, um indivíduo que intermedeia serviços e informações para usuários do Detran é um zangão por apenas intermediar o serviço, ou melhor, não é ele o responsável pelo resultado; além disso, é um indivíduo que vive às custas da necessidade de outros indivíduos. Trata-se de um indivíduo que intercepta cidadãos que comparecem ao prédio do Detran e tenta vender para estes seus serviços. Entretanto, o “zangão” não possui autorização para realizar serviços junto ao Detran. Geralmente, oferece facilidades, tal como intermediar a emissão de documentos de veículos.

Da mesma forma que os zangões costumam agrupar-se em determinados pontos próximos às colméias para esperar as rainhas virgens, os indivíduos “zangões” costumam ficar próximos ao Detran para abordar os usuários.

No espaço genérico, temos, então, três elementos: “status”, “ser intermediário” e “ser dependente”. No *input 1*, temos: “indivíduo que apenas intermedeia serviços e informações, não sendo o responsável pelo resultado do serviço que intermedeia” e “depende da necessidade de outros indivíduos”. No *input 2*, espaço de entrada do zangão, temos como elementos estruturadores: “abelha macho que não produz mel”, “sua função é apenas a de reprodutor” e “vive do mel produzido por outras abelhas”.

Esses elementos são projetados para o espaço da mescla e resultam na inferência presente na estrutura emergente: ser zangão é aproveitar-se da necessidade de outrem para ganhar dinheiro. O gráfico abaixo ilustra o processo de instauração dessa metáfora:

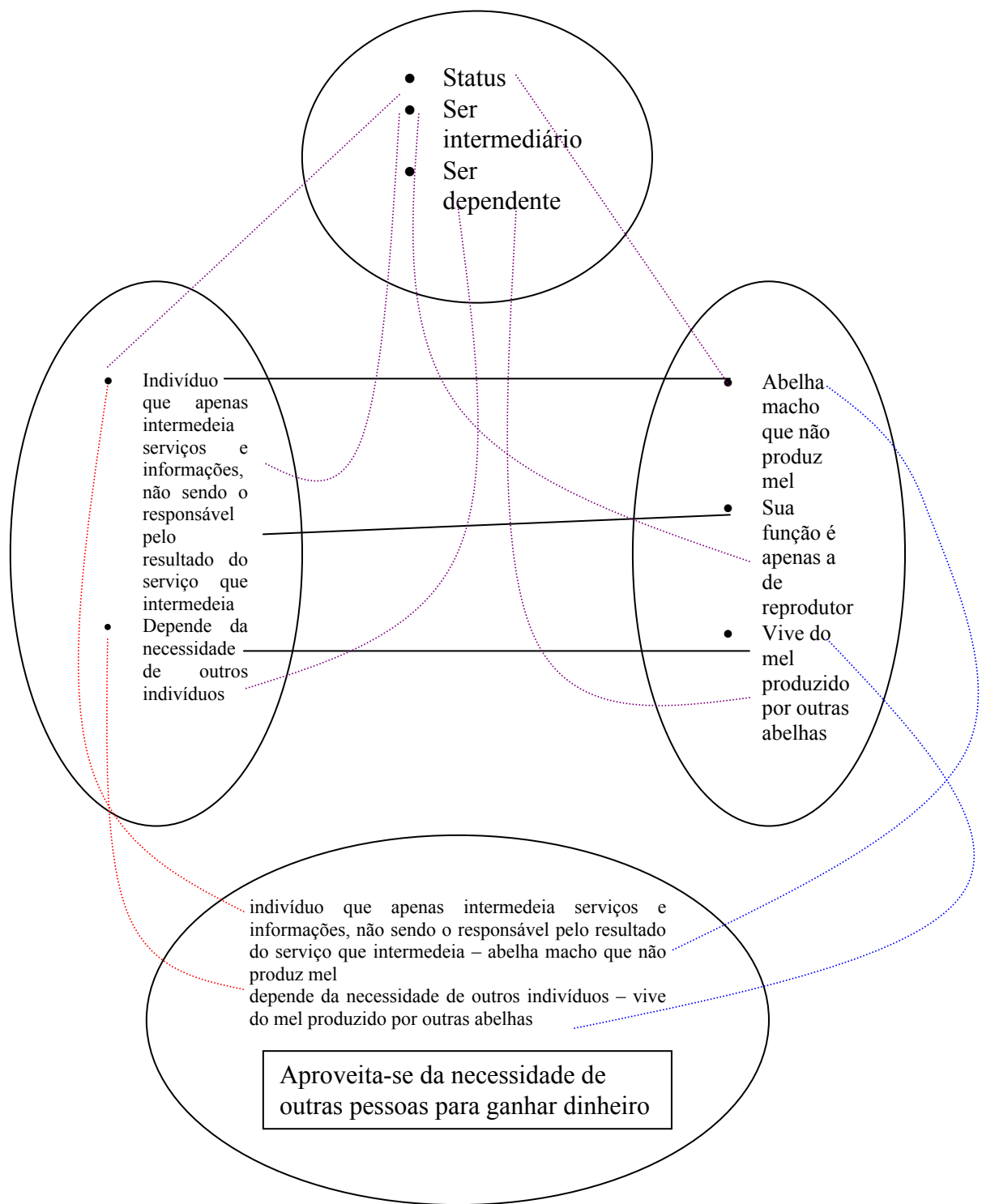


Fig. 15: Processo de instauração da metáfora “Indivíduo, sem autorização, que intermedeia serviços e informações para usuários do Detran é zangão”.

5.2. Metáforas referentes à ação policial

Asfixia – sf

Quando falam mal dos meus policiais, estão falando mal de mim. Isso tudo é orquestrado pelo tráfico. Eles estão sofrendo duras quedas. Estão ficando enfraquecidos com a <asfixia> (viaturas no pé do morro para evitar acessos de compradores) (...). (G, 06-dez-98, p. 31)

O trecho acima nos fornece a metáfora: OPERAÇÃO POLICIAL PARA EVITAR TRÁFICO DE DROGAS NOS MORROS DO RIO DE JANEIRO É ASFIXIA.

No espaço genérico, temos os elementos “obstruir” e “dificultar”. Do *input 1* constam os elementos “operação policial em que viaturas cercam as entradas do morro a fim de obstruir o tráfico de drogas”, “dificultar a entrada de compradores de drogas” e “dificultar a saída e fuga dos traficantes”. No *input 2*, espaço de entrada do substantivo “asfixia”, temos: “dificuldade ou impossibilidade de respirar”, “dificuldade provocada por estrangulamento, afogamento, etc.” e “obstrução mecânica ou infecciosa das vias superiores”.

Todos os elementos do *input 1* são projetados para o espaço da mescla, ao passo que do *input 2*, somente o primeiro faz parte da mescla, embora todos estejam relacionados com os elementos do *input 1*.

Dessa mescla, temos como elemento da estrutura emergente a inferência de que *asfixia* é uma operação cuja finalidade é imobilizar a ação dos traficantes, obstruindo sua saída dos morros, bem como seu contato com consumidores que freqüentam o morro para adquirir drogas.

Vejamos o gráfico a seguir para entendermos como se dá o processo de mesclagem.

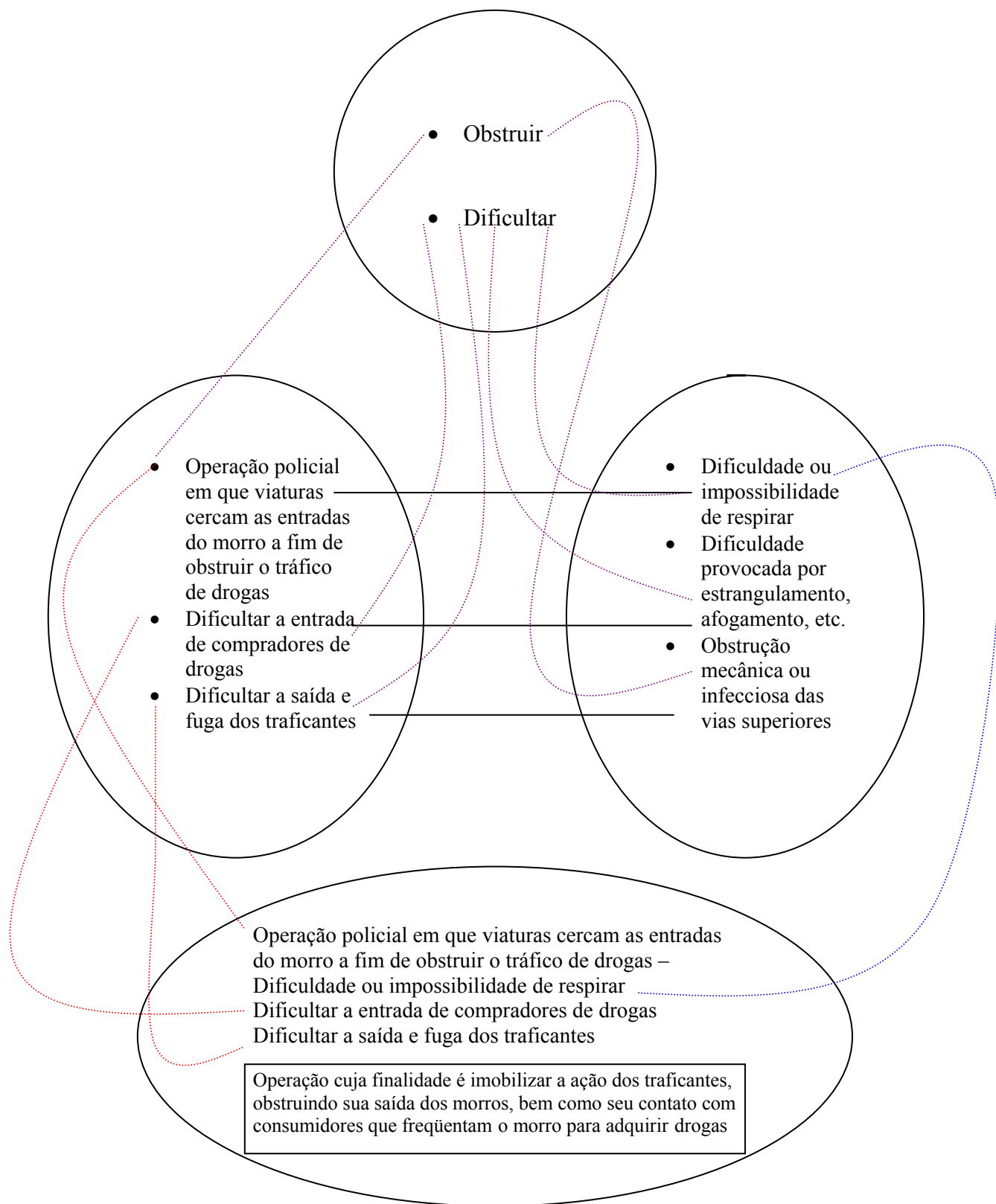


Fig. 16: Processo de instauração da metáfora “Operação policial para evitar tráfico de drogas nos morros do Rio de Janeiro é asfixia”.

Mineira – sf

Quatro horas de tiroteios nas favelas do Pavão e do Pavãozinho, em Copacabana (zona sul do Rio), tiraram o sono dos moradores da região, na madrugada de quinta-feira. Moradores das favelas foram impedidos de subir o morro. O delegado Carlos Alberto Câmara disse que o tiroteio começou quando policiais foram encurralados por traficantes. Favelados disseram que o tiroteio começou por causa de uma <mineira> (operação clandestina de policiais para extorquir dinheiro dos traficantes). (FSP, 06-fev-94, p. 14)

A metáfora presente no contexto transcrito diz respeito ao universo do tráfico. Trata-se da metáfora: OPERAÇÃO CLANDESTINA DE POLICIAIS PARA EXTORQUIR DINHEIRO DE TRAFICANTES É MINEIRA.

No espaço genérico, os elementos estruturadores são o “status”, o “produto” e o “agente da ação”, ou seja, elementos comuns aos dois *inputs*. Esses elementos pertencentes ao espaço genérico estruturam os *inputs*, cujos elementos são: “operação clandestina cujo objetivo é extorquir dinheiro de traficantes”, “dinheiro ilícito” e “agente: policial corrupto” (para o *input 1*). No *input 2*, espaço de entrada da “mineira”, os elementos são: “local de onde se extrai minério”, “minério” e “agente: indivíduo que trabalha na extração de minérios”.

Para o espaço da mescla são projetados todos os elementos do primeiro *input*, ao passo que do segundo somente é projetado o elemento “minério”, que metaforicamente é o “dinheiro ilegal” e que constitui o “produto”, isto é, o resultado da ação, o alvo dos policiais corruptos.

Na estrutura emergente, temos a inferência de que “mineira é fonte geradora de dinheiro”, mesmo que ilegal.

Vejamos o gráfico reproduzido a seguir:

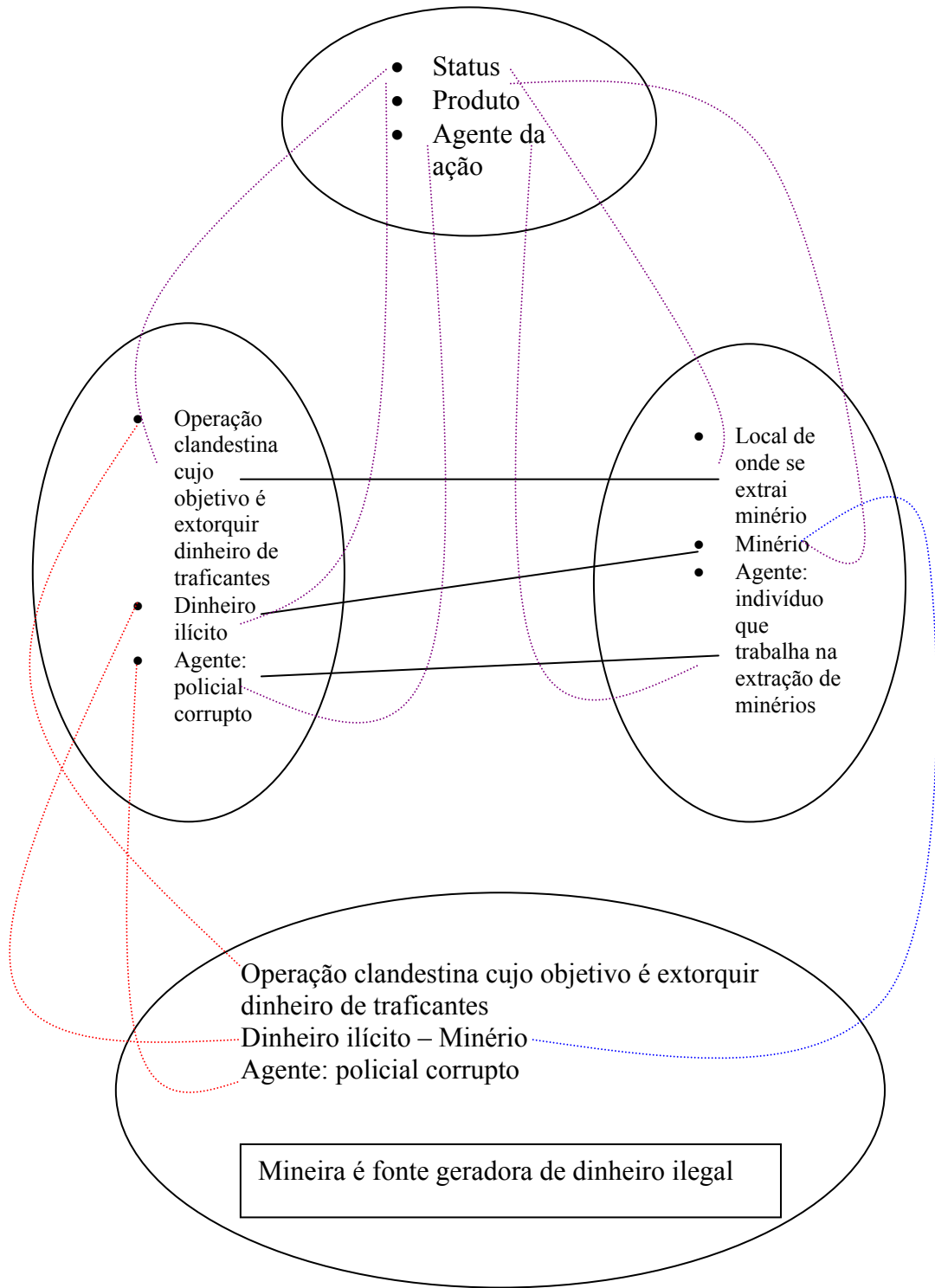


Fig. 17: Processo de instauração da metáfora “Operação clandestina de policiais para extorquir dinheiro de traficantes é mineira”.

5.3. Metáforas referentes a ações diversas

Beber - v

McCarthy <bebe> forte em Ernest Hemingway e chupa o que pode William Faulkner – parece até que se está lendo um remake de O Urso. (IÉ, 12-mai-99 p. 122)

Pelo contexto acima, podemos afirmar que a metáfora que se dele se extrai é USAR CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DE DETERMINADO AUTOR É BEBER.

No espaço genérico, temos três elementos estruturadores, a saber, “ingerir”, “recorrer” e “usar”. No *input 1*, espaço de entrada de “usar características literárias de outros autores”, temos como elementos que o compõem “recorrer a características literárias de determinado autor” e “usar essas características em uma obra literária”. No *input 2*, espaço de entrada do verbo “beber”, os elementos estruturadores são: “ingerir líquido”, “absorver líquido”.

A metáfora em questão está pautada numa relação que se estabelece entre “ingerir líquido” e “recorrer a características literárias de determinado autor”, bem como da relação entre “absorver líquido” e “usar essas características em uma obra literária”. Essas relações são projetadas para o espaço da mescla, do qual resulta a estrutura emergente: “caracterizar obra literária com características próprias de determinado autor”, ou seja, trata-se de absorver as características de um outro autor, sejam elas o estilo de escrita, a configuração de personagens, de tempo, espaço e narrador, dentre outras. Assim, “beber” é valer-se das características presentes na obra de um ou mais autores.

Trata-se de uma metáfora muito interessante e que pode ser aplicada nos mais diversos contextos.

O gráfico abaixo ilustra o processo de mesclagem resultante das projeções realizadas a partir dos *inputs*.

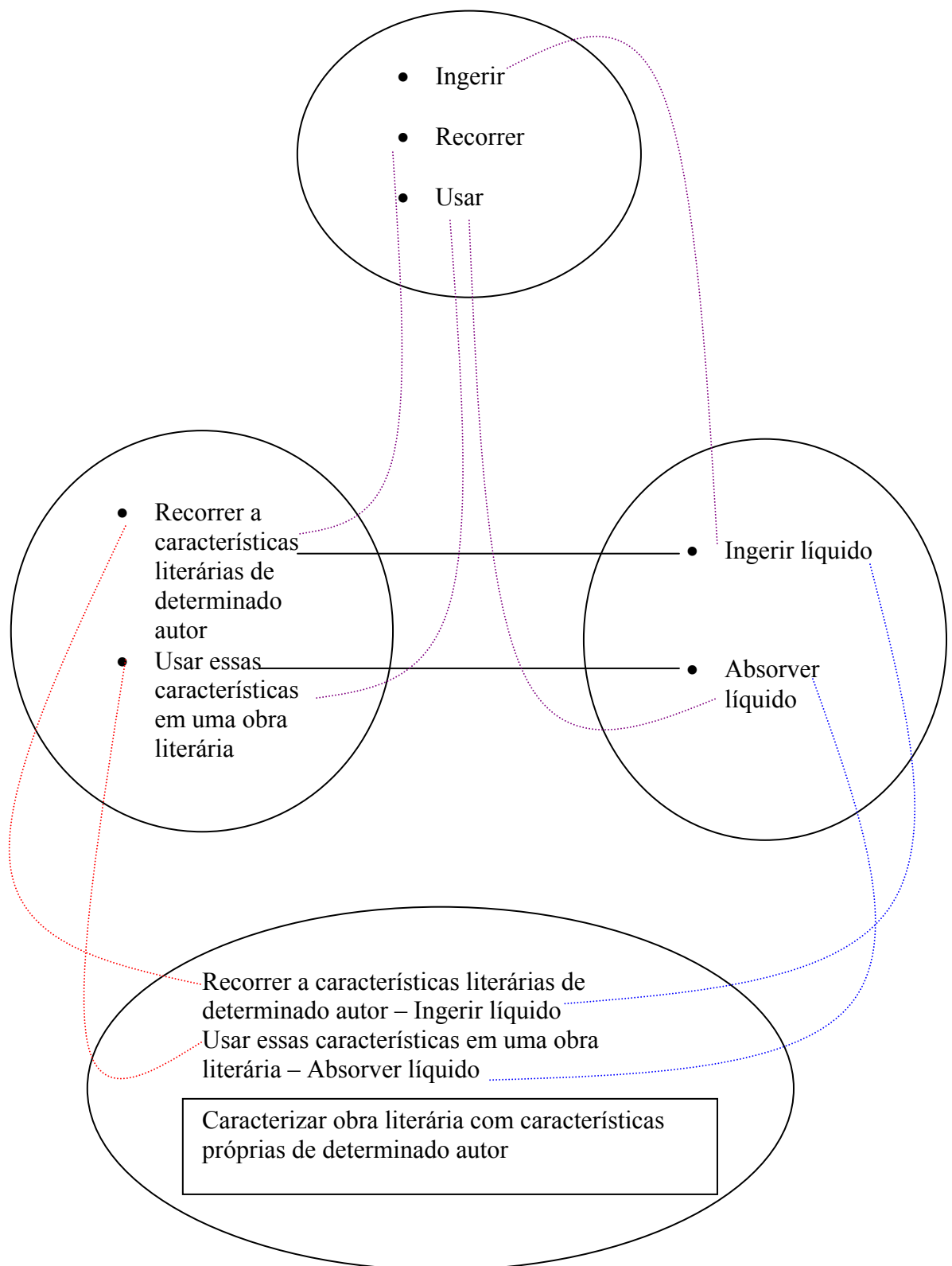


Fig. 18: Processo de instauração da metáfora “Usar características literárias de determinado autor é beber”.

Cruz – sf

Com a morte de Barbosa, no início do ano, Ghiggia tema que a <"cruz"> passe toda para Bigode, que teria falhado nos gols uruguaios. "Numa derrota como aquela, parece importante encontrar um culpado. Mas não é justo responsabilizar uma só pessoa". (FSP, 16-jul-00, p. 6)

Para podermos entender a metáfora presente no contexto acima transcrito, primeiramente, temos que entender a metáfora da “cruz”. Trata-se de uma metáfora que resulta de outra metáfora, a saber, SER RESPONSÁVEL OU CULPADO POR DETERMINADO ATO, PROBLEMA OU SITUAÇÃO É RECEBER UMA CRUZ. Dessa metáfora resulta uma outra que se esquadra no contexto acima: A CULPA POR DETERMINADO ATO, PROBLEMA OU SITUAÇÃO É UMA CRUZ.

O espaço genérico nos fornece os elementos estruturais: “culpa” e “responsabilidade”. O *input 1* é composto pelos elementos: “ser incriminado” e “ser responsabilizado”. No *input 2*, espaço de entrada correspondente à “cruz”, temos o elemento “cruz: antigo instrumento de suplício no qual eram pregados ou amarrados condenados à morte, geralmente criminosos”.

A relação estabelecida entre os elementos de ambos os *inputs* resulta na estrutura emergente cuja inferência é “penalização”. Ou seja, aquele que recebe uma cruz é penalizado.

Trata-se de uma metáfora surgida a partir de um elemento do universo cristão. Historicamente, a cruz representa o sofrimento de Jesus Cristo quando da sua crucificação. Ao longo dos anos, passou a representar, metaforicamente, não apenas sofrimento, mas, também, ser culpabilizado, ser responsabilizado, padecer de um mal, etc. Esses significados geraram várias expressões em que a palavra *cruz* é usada metaforicamente, tais como: *carregar uma cruz, ter uma cruz, receber uma cruz, passar a cruz*, dentre outras.

Vejamos o gráfico a seguir:

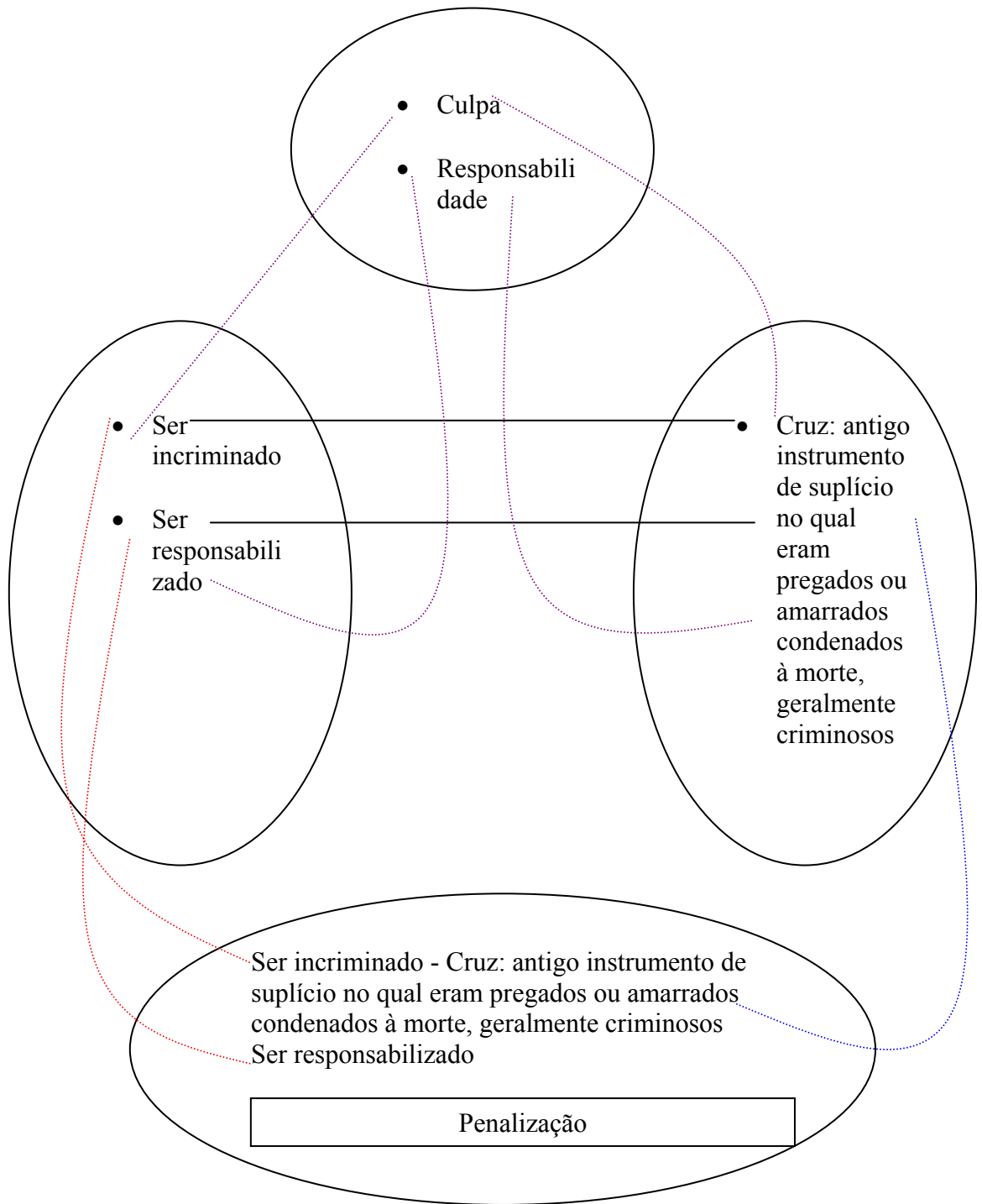


Fig. 19: Processo de instauração da metáfora “A culpa por determinado ato, problema ou situação é uma cruz”.

Regar – v

Mas Mello garante que os números musicais serão intercalados com apresentações de artistas da nova geração, <regando> o ambiente principalmente com música popular (...). (FSP, 20-jul-97, p. 3-10)

A leitura do trecho acima transcrito nos permite observar a seguinte metáfora: ESTIMULAR É REGAR.

Para a constituição do espaço genérico, há somente um elemento estrutural, a saber, o “estímulo”. No *input 1*, espaço de entrada do verbo estimular, os elementos são: “provocar estímulo”, “ativar, animar” e “favorecer”. No *input 2*, espaço do verbo “regar”, temos: “molhar” e “molhar por irrigação ou aspersão a fim de estimular crescimento de plantações”.

Para o espaço da mescla são projetados todos os elementos do *input 1* e o terceiro elemento que compõe o segundo *input*. A estrutura emergente resultante da mescla nos fornece a inferência de que *regar* é, metaforicamente, cultivar para cativar. Trata-se de estimular aqueles que ouvem a música popular para que a apreciem e passem a gostar dela.

Assim, temos uma seqüência metafórica que surge na estrutura emergente: regar para cultivar uma apreciação por determinado estilo musical, cativando o ouvinte.

O gráfico abaixo ilustra esse processo de instauração da metáfora ESTIMULAR É REGAR:

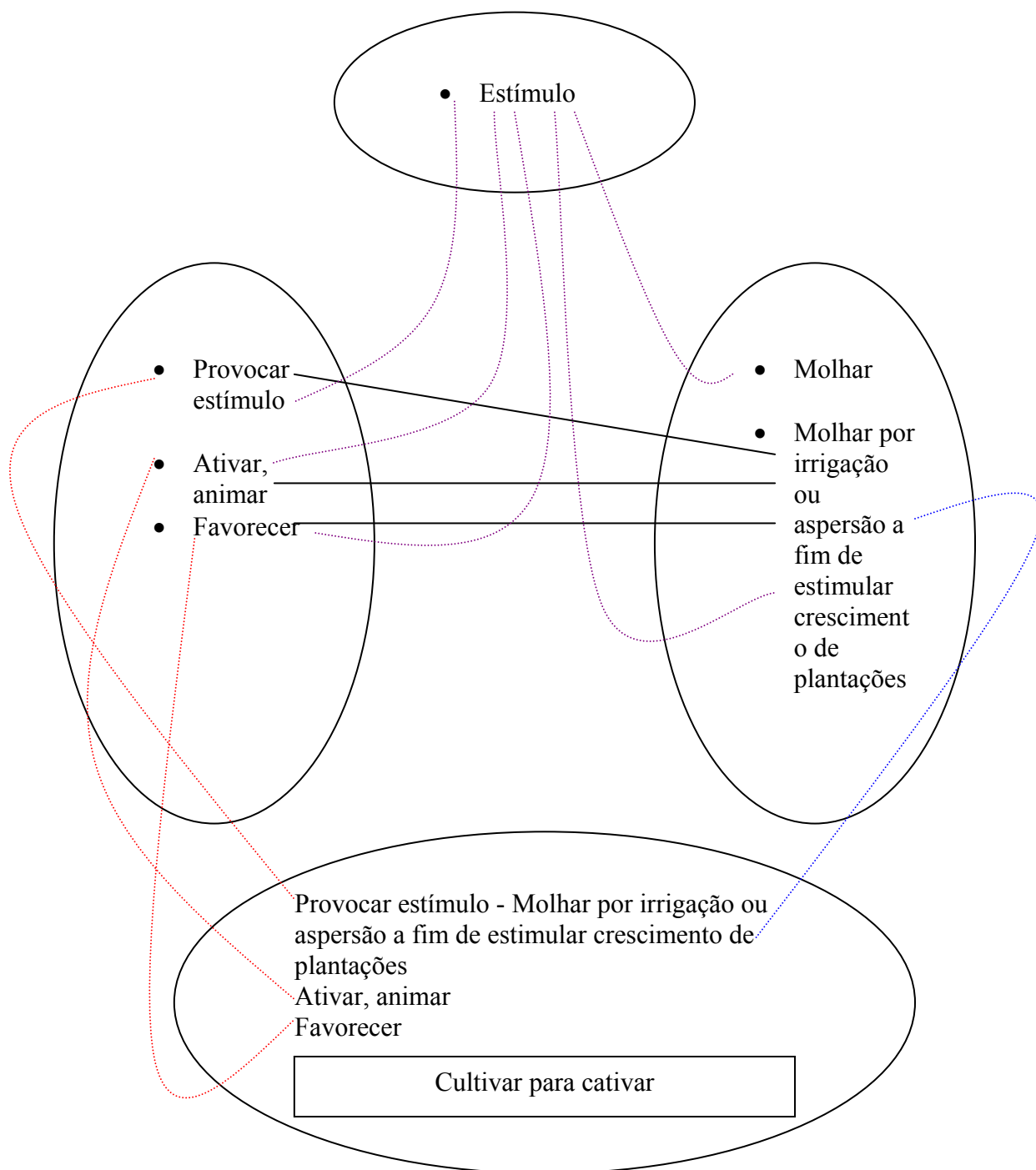


Fig. 20: Processo de instauração da metáfora “Estimular é regar”.

5.4. Metáforas referentes à economia e às finanças

Bomba-relógio – sf

No momento há uma ênfase compreensível na dimensão fiscal. Mas a questão cambial continua presente. O economista-chefe do Fundo, Michael Mussa, chegou a cogitar de uma correção cambial no bojo do entendimento entre o Brasil e o FMI.

Na sexta-feira, o tema foi objeto de uma extensa reportagem no "Wall Street Journal". Para Milton Friedman, por exemplo, a política cambial brasileira é uma <bomba-relógio>. (FSP, 18-out-98, p. 1-2)

A metáfora da bomba-relógio presente no contexto que transcrevemos é **POLÍTICA CAMBIAL BRASILEIRA É BOMBA-RELÓGIO**.

Para compor o espaço genérico, há o elemento estrutural “prejuízo”. Esse elemento é comum aos dois *inputs*, uma vez que tanto a política cambial brasileira quanto a bomba-relógio trazem prejuízos, pois a “política cambial que apresenta falhas, podendo trazer, após determinado tempo, prejuízo para a economia brasileira” (elemento que compõe o *input 1*) está relacionada a “artefato explosivo programado para detonar após um tempo prefixado” (elemento que compõe o *input 2*, que é o espaço de entrada da “bomba-relógio”). Da mesma forma que a bomba-relógio, a política cambial brasileira, segundo a visão de Milton Friedman, poderá ter uma “explosão” dentro de um determinado espaço de tempo, isto é, poderá trazer resultados que não são satisfatórios e, conseqüentemente, acarretar prejuízos para a economia brasileira.

Os dois elementos que compõem os *inputs* são projetados para o espaço da mescla e, dessa mescla, surge a inferência de que a política cambial brasileira não é muito segura.

O gráfico que apresentamos a seguir mostra como é o processo de instauração dessa metáfora.

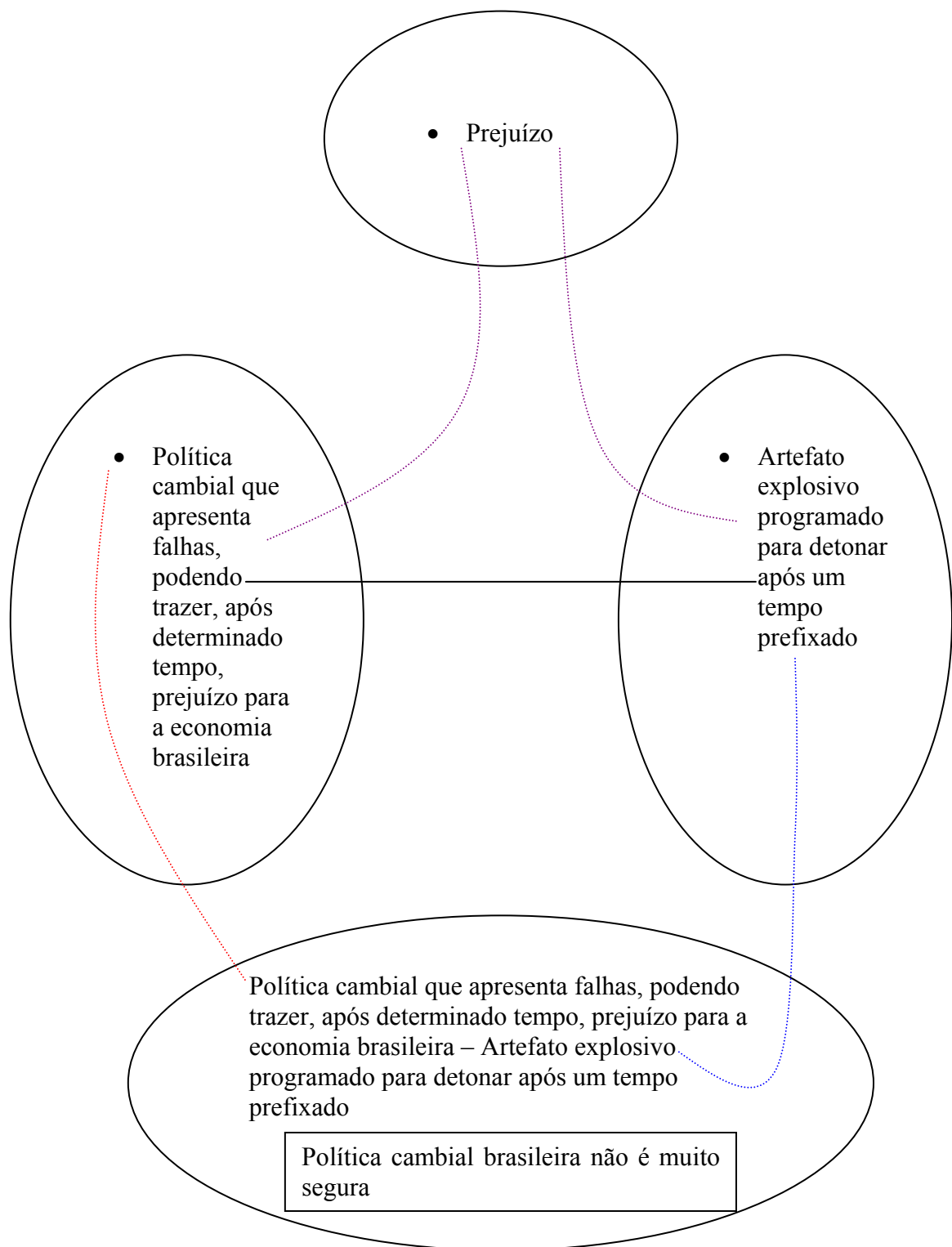


Fig. 21: Processo de instauração da metáfora “Política cambial brasileira é bomba relógio”

Buraco negro - sm

Definição:

Consumo rápido e elevado de recursos e produtos.

Contexto:

Assim, sempre que os Estados Unidos se vêem obrigados a moderar o insaciável apetite que faz do país uma espécie de <"buraco negro"> a engolir produtos de todo o mundo, a demanda global de importações sofre imediatamente um baque. (FSP, 21-mai-00, p. 1)

O contexto e a definição acima nos fornecem a metáfora CONSUMO RÁPIDO E ELEVADO DE RECURSOS E PRODUTOS É BURACO NEGRO.

No espaço genérico, temos os elementos “rapidez”, “absorção” e “consumo”. No *input 1*, espaço de entrada do “consumo rápido”, temos: “consumo rápido”, “consumo elevado de recursos e produtos” e “consumo voraz de produtos provenientes de todas as partes do mundo”. No espaço do “buraco negro”, ou seja, do *input 2*, os elementos são as características do buraco negro: “absorve todos os raios luminosos visíveis incidentes”, “possui campo gravitacional muito intenso do qual nada pode escapar” e “atrai e captura qualquer coisa que dele se aproxima”.

Para o espaço da mescla são projetados todos os elementos do *input 1*, mas do *input 2* é somente o último elemento que faz parte do processo de mesclagem. Deste resulta a estrutura emergente, na qual podemos inferir que se trata de “consumo exagerado”. Essa inferência é possível não apenas pela mescla, mas também pelo contexto em que a metáfora está inserida.

A expressão “insaciável apetite” que consta do trecho nos fornece pistas para que possamos inferir que o “buraco negro” se refere não apenas a um consumo rápido e elevado, mas, sobretudo, exagerado. O adjetivo “elevado” não tem a mesma carga semântica de “exagerado”, uma vez que pode ser ou não negativo, dependendo do contexto social. Entretanto, “exagerado” possui uma carga semântica negativa: aquilo que está em exagero está, conseqüentemente, em excesso, podendo trazer resultados insatisfatórios.

Ilustramos no gráfico abaixo todo o processo de mesclagem:

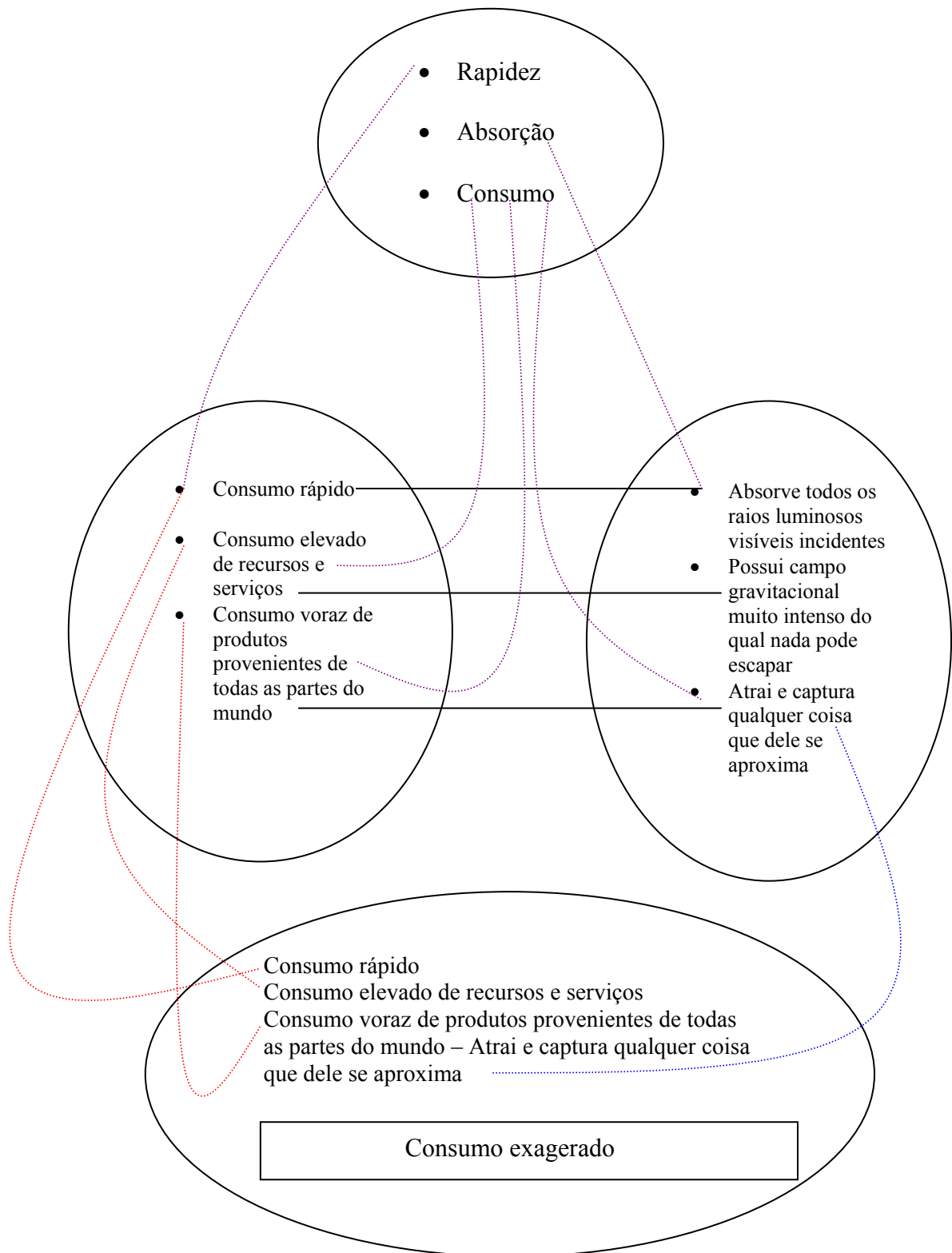


Fig. 22: Processo de instauração da metáfora “Consumo rápido e elevado de recursos e produtos é buraco negro”.

Dilacerado – sm

Encontraram exatos R\$ 14.750, em moedas e <"dilacerado"> – as cédulas que, no jargão bancário, precisam ser recolhidas por estarem desgastadas. (IÉ, 14-mai-97, p. 94)

A metáfora presente no contexto transcrito acima é: CÉDULA QUE DEVE SER RECOLHIDA É DILACERADO.

Para compor o espaço genérico temos o elemento “desgaste” e, para os *inputs 1* e *2*, respectivamente: “cédula de dinheiro que apresenta desgaste por uso”; “rasgado” e “despedaçado”.

O espaço da mescla é composto pelo elemento que compõe o *input 1* e pelo primeiro elemento que compõe o *input 2*. A estrutura emergente traz a informação de que “dilacerado é cédula inutilizada”.

O gráfico a seguir reproduz o processo de instauração da metáfora analisada:

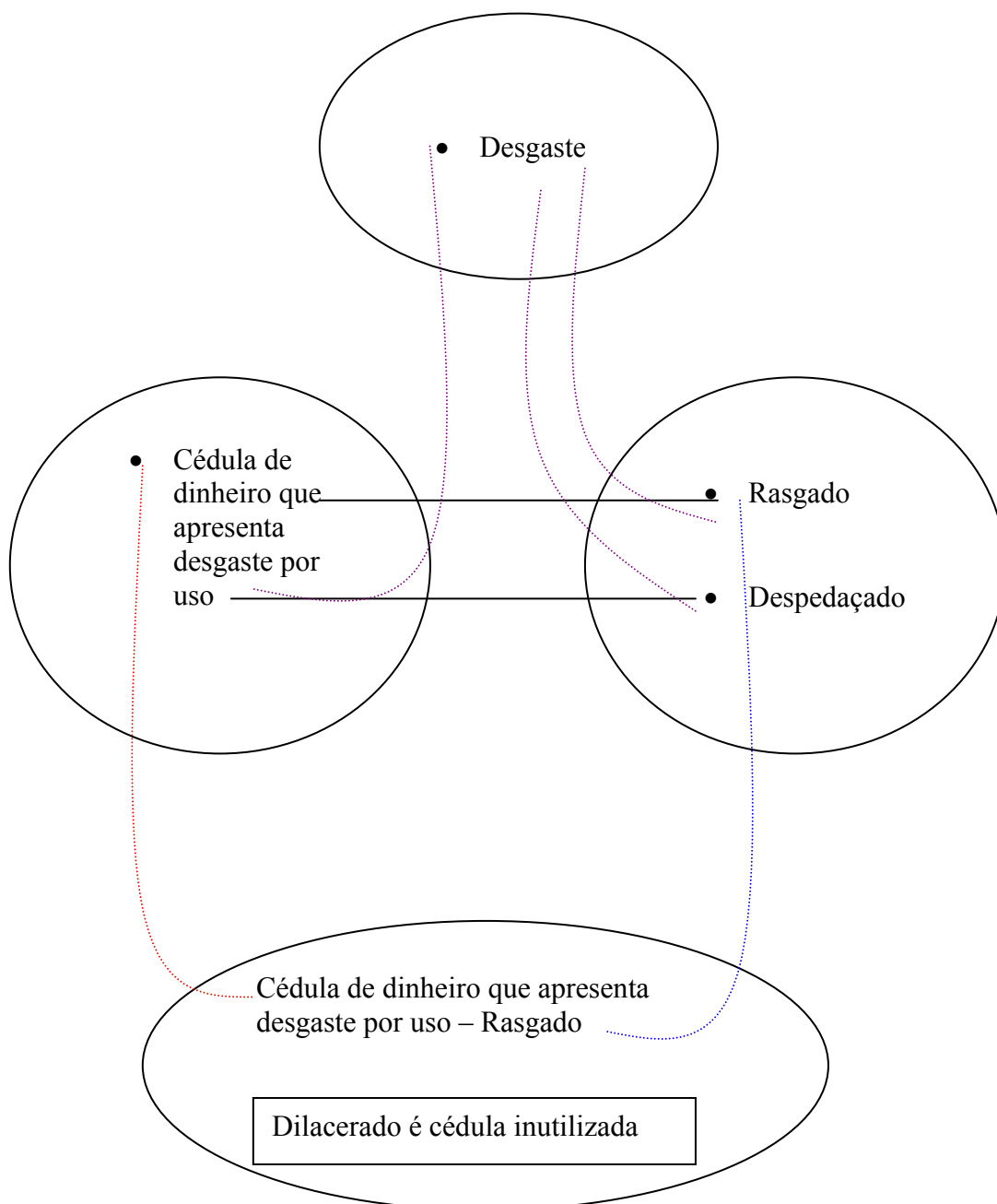


Fig. 23: Processo de instauração da metáfora “Cédula que deve ser recolhida é dilacerado”

Emergente – s

Definição:

Indivíduo que ascendeu ou ainda está ascendendo nas esferas social e econômica.

Contexto:

Fala-se, hoje, de <emergentes> - o setor da sociedade que nasceu pobre, não tem curso superior e agora é rico. Como a semântica muda com o tempo, <emergente> é o que outrora se chamava de "novo rico" (como diria o Faustão, performance era desempenho, fast food era lanchonete, acusar era meter o pau etc.). (FSP, 19-jul-98, banco de textos)

O contexto acima, bem como a definição da unidade lexical “emergente” nos fornecem a seguinte metáfora: INDIVÍDUO QUE ASCENDEU OU ESTÁ EM ASCENÇÃO NAS ESFERAS SOCIAL E ECONÔMICA É EMERGENTE.

Para a constituição do espaço genérico, temos os elementos estruturais “emergir” e “melhorar a situação econômica”. No *input 1*, espaço de entrada referente ao “indivíduo que ascendeu...”, os elementos estruturadores são: “indivíduo de origem humilde cuja situação econômica melhorou significativamente” e “indivíduo que ascendeu ou está ascendendo socialmente devido a uma nova situação em sua vida econômica e social”. No *input 2*, que é o espaço de entrada de “emergente”, temos: “que emerge”, “que surge” e “que se encontra no rumo do desenvolvimento”.

Para o espaço da mescla são projetados os dois elementos que constituem o *input 1*, ao passo que do *input 2* são projetados o segundo e o terceiro elementos. Dessa mescla resulta a estrutura emergente de onde se pode extrair a informação de que emergente é o “indivíduo cuja melhoria em sua situação econômica propiciou-lhe regalias”.

O gráfico seguinte reproduz o processo de instauração dessa metáfora:

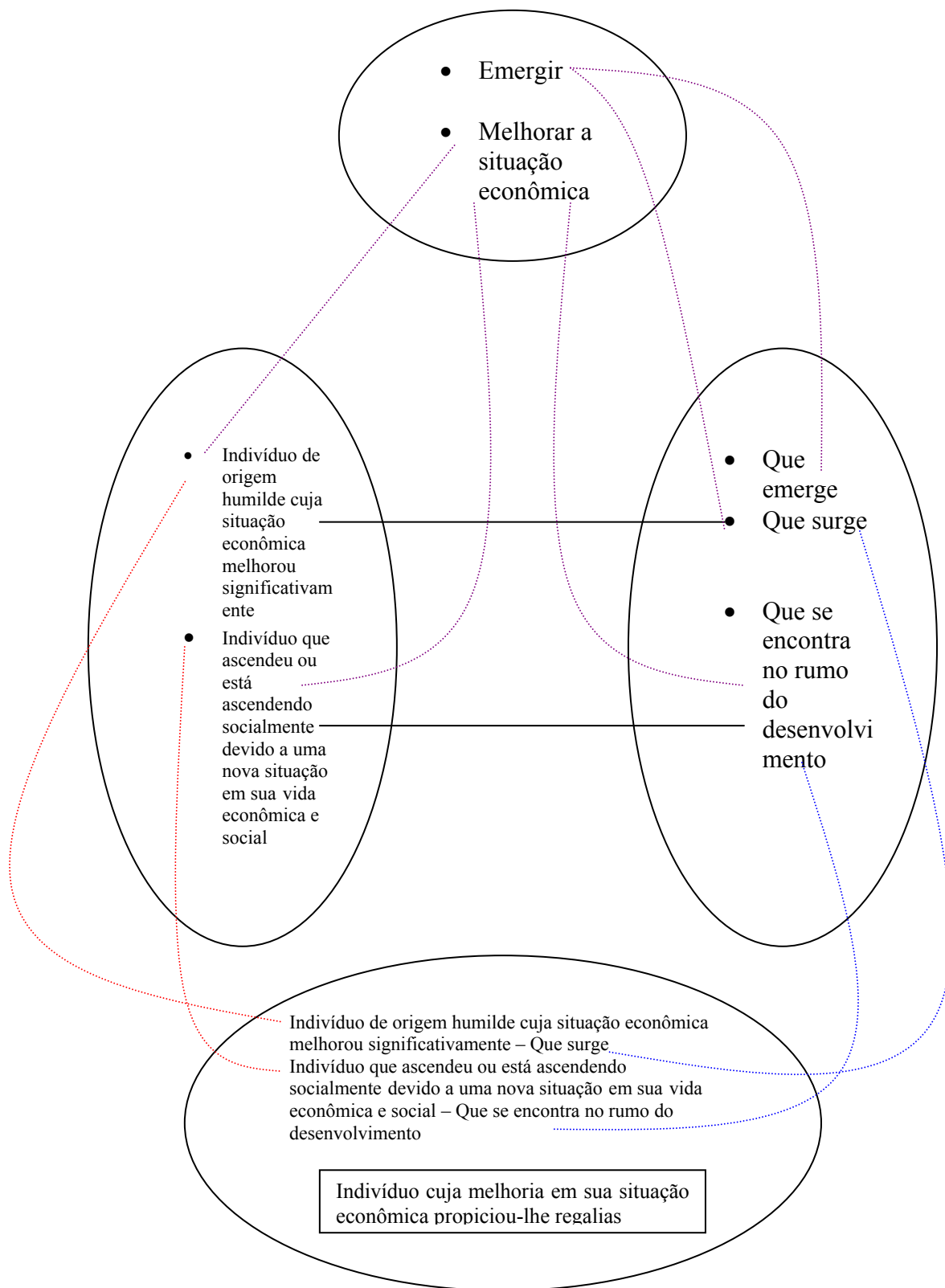


Fig. 24: Processo de instauração da metáfora “Indivíduo que ascendeu ou está em ascensão nas esferas econômica e social é emergente”

Guarda-chuva 1 – sm

Contexto 1:

Em Alagoas, o Estado sempre representou o grande <guarda-chuva> protetor de suas elites. Assim, após sua emancipação, a elite capturou o poder público num processo que quase se confunde com ele, utilizando-o e sendo acobertada por seu manto protetor. (FSP, 20-jul-97, p. 1-6)

Contexto 2:

O tamanho do cacife do Ministério da produção pode ser medido pelo fato de que vão ficar sob o seu <guarda-chuva> o BNDES e o Banco do Brasil. Só o BNDES terá no próximo ano um orçamento de mais de R\$ 2,5 bilhões do Fundo de Amparo ao trabalhador (FAT), que, conforme determina a Constituição, deve ser aplicado em projetos de desenvolvimento econômico. (IÉ, 14-out-98 p. 29)

A metáfora do guarda-chuva presente nos contextos acima é INSTITUIÇÃO OU INDIVÍDUO QUE PROTEGE OU ACOBERTA É GUARDA-CHUVA.

Para compor o espaço genérico, há somente um elemento: “finalidade: proteção”. O espaço de entrada 1, referente à “instituição ou indivíduo que protege ou acoberta” é composto pelos seguintes elementos estruturadores: “dar bom tratamento”, “defender”, “proteger” e “acobertar”. O *input* 2, que é o espaço do “guarda-chuva”, tem como elementos: “proteger o corpo contra chuva ou sol” e “abrigar”.

Todos os elementos do primeiro espaço são projetados para o espaço da mescla, ao passo que, do segundo espaço, apenas o segundo elemento é projetado.

Na mescla, temos como estrutura emergente a informação de que ser um guarda-chuva é proporcionar favorecimentos, proteção e preservação.

Vejamos o gráfico ilustrativo dessa metáfora:

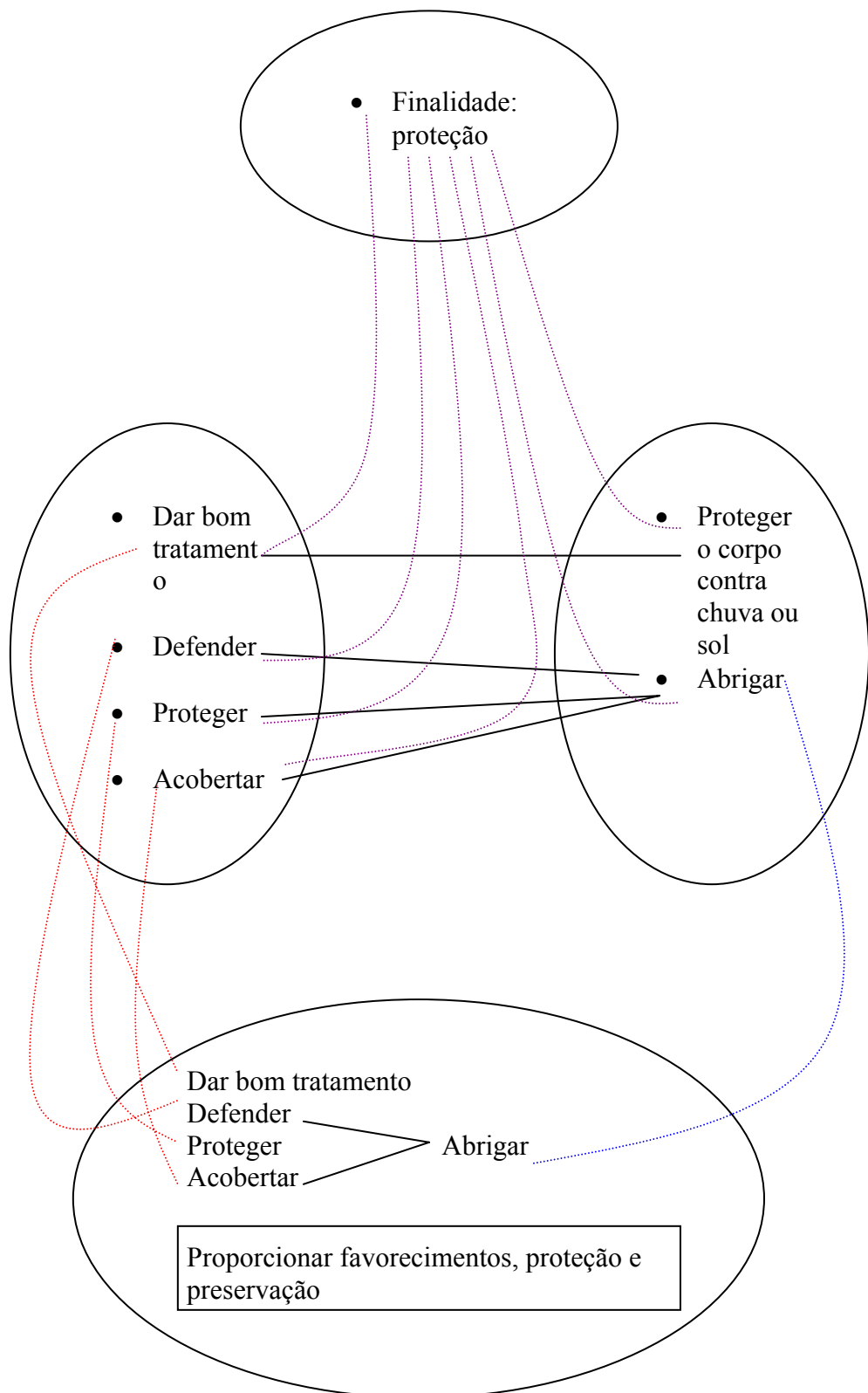


Fig. 25: Processo de instauração da metáfora “Instituição ou indivíduo que protege ou acoberta é guarda-chuva”.

Quente – adj

A idéia é megalômana, mas está sendo levada muito a sério pelo Pentágono: construir uma base aeronaval flutuante baseada na tecnologia das plataformas de petróleo e levá-la até os pontos <quentes> do planeta, como o Golfo Pérsico, ou as águas territoriais da Coreia do Norte. Batizado de SeaBase, o projeto de viabilidade foi encomendado ao estaleiro norueguês Kvaerner. Suas dimensões são estarrecedoras: 1.600 metros de comprimento (equivalente a 4,5 porta-aviões nucleares enfileirados) por 140 metros de largura. (IÉ, 01-mai-98, p. 54)

Pela leitura do contexto acima transcrito, podemos afirmar que o adjetivo “quente” está empregado metaforicamente. Trata-se da metáfora LOCAL ONDE HÁ PRODUÇÃO DE PETRÓLEO É LOCAL QUENTE.

A característica que o espaço genérico nos revela em relação aos *inputs* é: “produção em caráter elevado”. No *input 1*, espaço de entrada do “local onde há petróleo”, podemos observar os seguintes elementos: “local em que há produção constante de petróleo” e “produção elevada (abundante) de petróleo”. No *input 2*, espaço referente ao adjetivo “quente”, temos os elementos: “relativo a que tem ou produz calor” e “que possui temperatura elevada”.

O espaço de *input 1* projeta para o espaço da mescla os dois elementos que o constituem. Concernentemente ao *input 2*, podemos afirmar que também projeta seus dois elementos para o espaço da mescla.

Da relação entre os elementos que compõem os *inputs* surge a estrutura emergente que diz respeito ao “caráter de abundância”. Essa inferência é possível graças ao contexto, que auxilia na compreensão de que os “pontos quentes” de produção de petróleo são aqueles que produzem mais petróleo, como o Golfo Pérsico e as águas territoriais da Coreia do Norte.

Temos, neste caso, mais uma vez o contexto auxiliando na compreensão do sentido expresso pela unidade lexical metafórica.

Ilustramos, a seguir, o processo de instauração dessa metáfora:

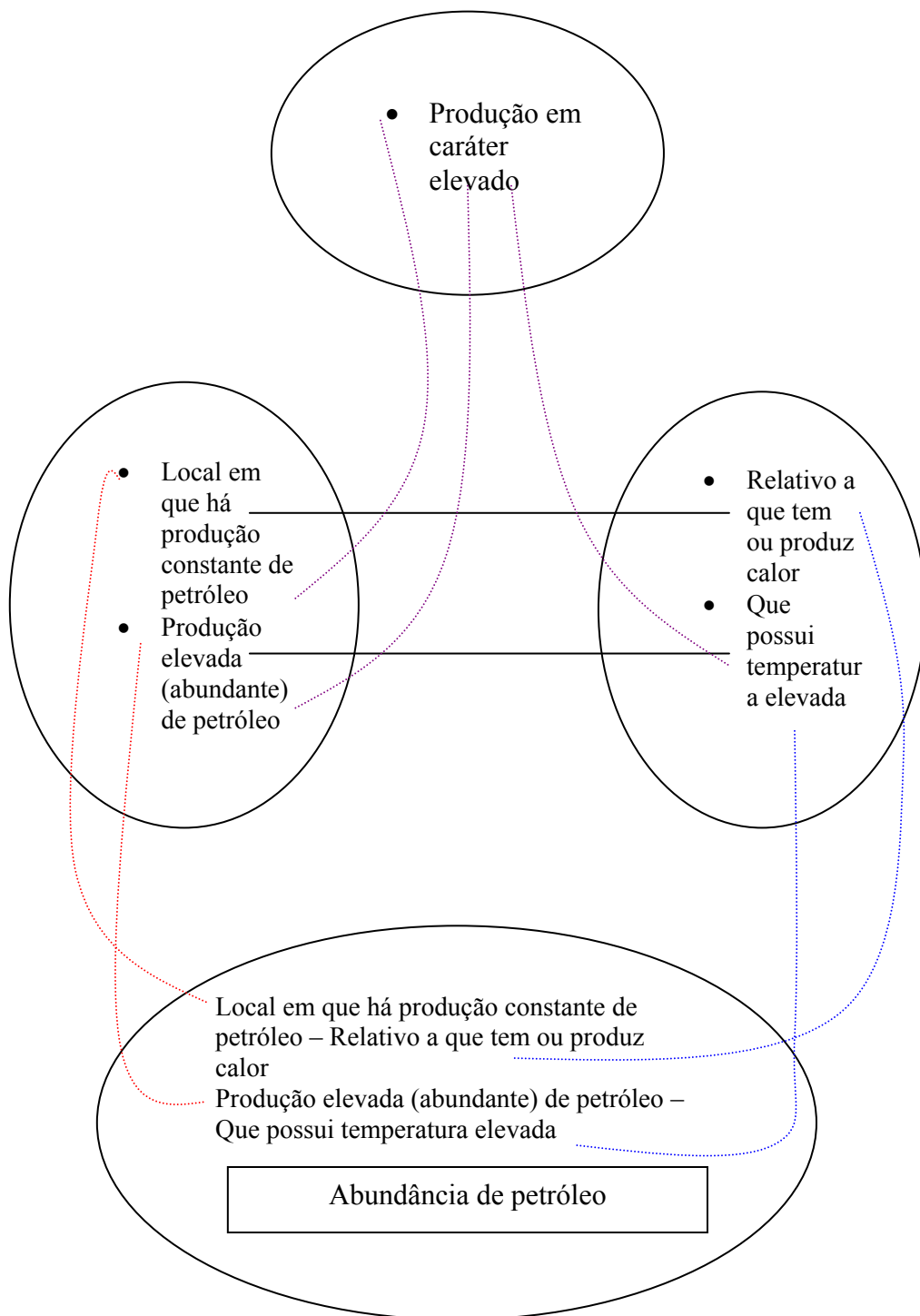


Fig. 26: Processo de instauração da metáfora “Local onde há produção de petróleo é local quente”.

Tamborete – sm

Difícilmente a CPI o aprovará, pois mal começou a investigar o primeiro dos oito "fatos determinados" que a justificam, o caso do Marka e do Fonte-Cidam, bancos que o senador Jáder Barbalho, patrono da CPI, agora só chama de <tamboretetes>. Banquinhos, ele diz, que o BC socorreu, em nome do risco sistêmico, Jáder está certo de que, depois dos <tamboretetes>, bancos graúdos também cairão na CPI. (G, 02-mai-99, p. 2)

A leitura do contexto acima nos revela uma metáfora interessante: ESTABELECIMENTO OU SOCIEDADE MERCANTIL DE CRÉDITO (BANCO) DE PEQUENO PORTE É TAMBORETE.

O espaço genérico nos revela duas características relativas aos *inputs*: “pequeno porte” e “finalidade de uso”. O *input 1*, que é o espaço de entrada de “banco de pequeno porte”, tem como elementos: “estabelecimento de crédito de pequeno porte” e “finalidade de uso: transações financeiras, receber depósitos em dinheiro ou contra-cheque, aplicar capital, realizar empréstimos, efetuar cobranças, etc.”. O *input 2*, espaço de entrada relativo ao “tamborete”, é constituído pelos elementos: “cadeira pequena sem braços e sem encosto”, “pequeno porte” e “finalidade de uso: servir como assento, dentre outras finalidades”.

O *input 1* projeta para o espaço da mescla os dois elementos que o constituem, ao passo que do *input 2* somente o segundo elemento “pequeno porte” é projetado. Dessa relação entre os elementos dos *inputs*, nasce a estrutura emergente, que nos fornece a informação de que um tamborete é, metaforicamente, um banco que não possui muita significância para a economia do país, uma vez que é de pequeno porte.

Vejamos o gráfico abaixo, no qual reproduzimos as relações estabelecidas entre os elementos dos *inputs* e o seu resultado: a estrutura emergente.

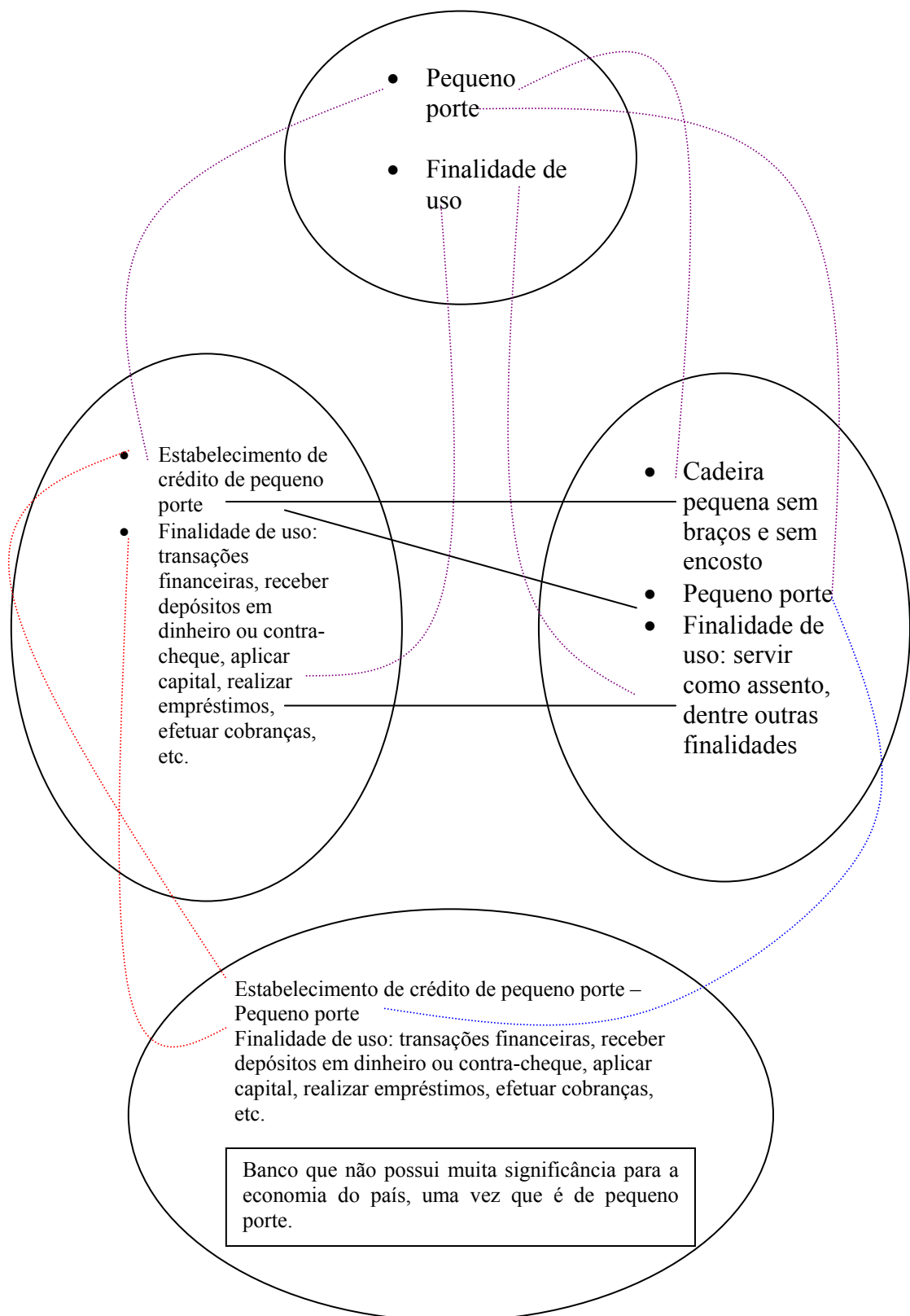


Fig. 27: processo de instauração da metáfora “Estabelecimento ou sociedade mercantil de crédito (banco) de pequeno porte é tamborete”.

5.5. Metáfora referente à área da educação

Frankenstein – adj

Ensino <'frankenstein'> deixa aluno ilhado

A falta de sintonia nas mudanças que Estados e municípios vêm fazendo nas redes de ensino está criando um sistema <"frankenstein">. O efeito colateral é que, hoje, uma simples transferência do aluno de uma escola para outra corre risco de ser inviável. A avaliação é do Ministério da Educação, com base em um estudo do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), que realizou mapeamento inédito nas redes de 27 Estados.

Pelo estudo, 19 unidades da federação já alteraram a organização do ensino. Só que cada uma fez a mudança à sua maneira. O resultado é que, hoje, já é difícil encontrar dois Estados vizinhos com sistemas educacionais iguais. (FSP, 15-nov-98, p. 3-1)

O contexto acima nos fornece a metáfora ESTRUTURA DE ENSINO DIVERGENTE ENTRE ESTADOS E MUNICÍPIOS É ESTRUTURA DE ENSINO FRANKENSTEIN.

Para compor o espaço genérico, temos os seguintes elementos: “falta de sintonia” e “divergências na estruturação”. No *input 1*, que constitui o espaço de entrada relativo à “estrutura de ensino divergente”, os elementos são: “estrutura e sistema de ensino desprovido da organização e da orientação de uma esfera superior, no caso, a federal”, “estrutura de organização do ensino sem sintonia entre diversos Estados e municípios” e “desigualdade entre os conteúdos abordados pelas unidades da federação, prejudicando os alunos que mudam de cidade ou de Estado”. Os elementos que compõem o *input 2*, espaço de entrada referente a “Frankenstein”, são: “nome dado a uma personagem literária que é montada em laboratório e que passa a ser vista como um monstro”, “as partes que compõem seu corpo são provenientes de diversas pessoas mortas” e “partes do corpo desconexas, desiguais, não formando um todo coerente”.

Para os espaço da mescla são projetados os três elementos que formam o *input 1*, ao passo que do *input 2*, é projetado o terceiro elemento apenas. A estrutura emergente que surge da mescla é a informação de que há falhas na estrutura organizacional do ensino brasileiro no que tange à abordagem de conteúdos, resultando num ensino que, entre os Estados e municípios, não apresenta coerência. Vejamos o gráfico a seguir:

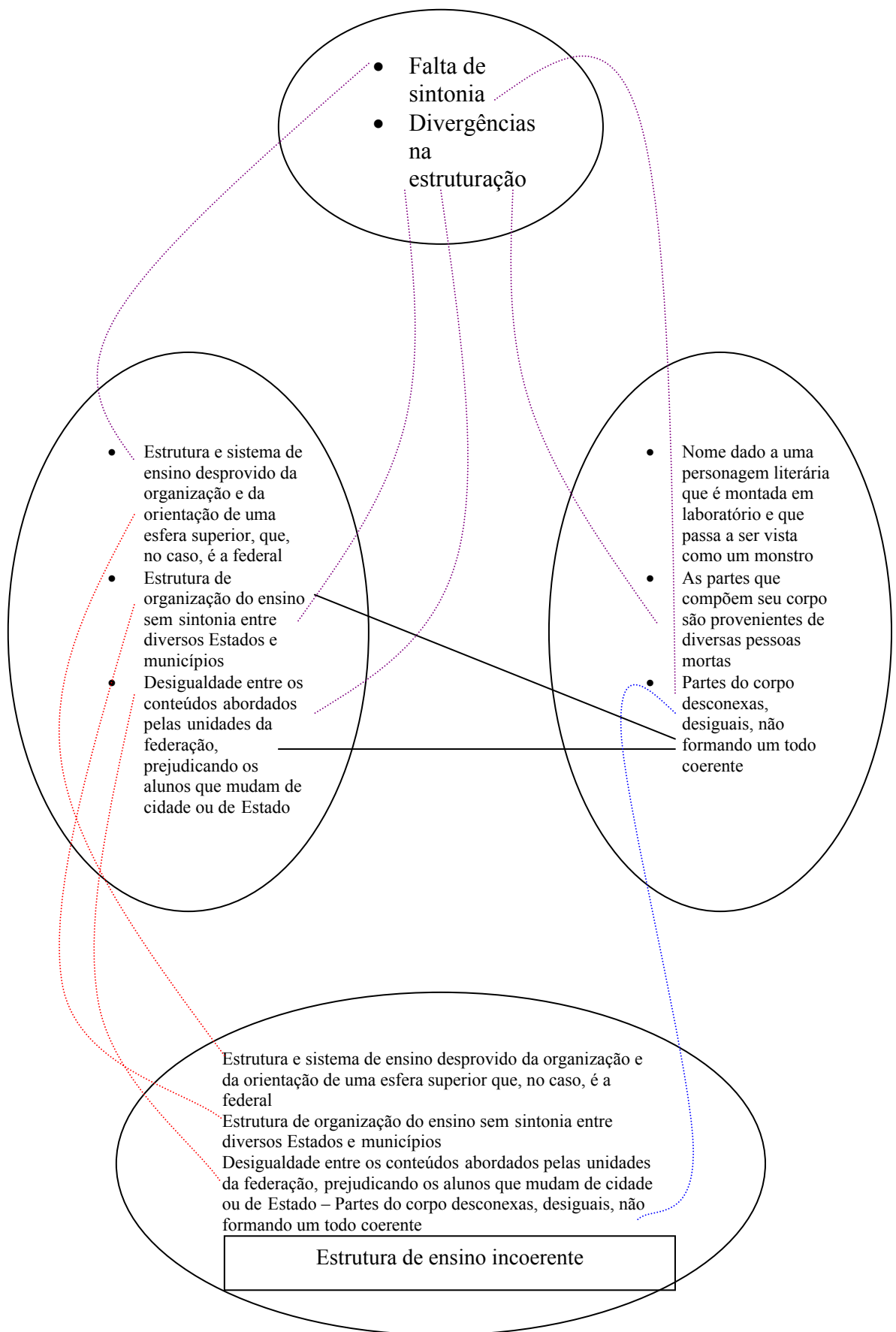


Fig. 28: Processo de instauração da metáfora “Estrutura de ensino divergente entre Estados e municípios é estrutura de ensino Frankenstein”.

5.6. Metáforas referentes aos esportes

Assistência – sf

Definição:

Passe que um jogador de futebol ou basquete dá a um companheiro de equipe, proporcionando-lhe maior proximidade do gol ou da cesta.

Contexto:

Após bater em 95 a marca de <assistências> (passes que resultam em cestas), o armador John Stockton, do Utah Jazz, roubou em fevereiro a 2.311a bola de sua carreira e quebrou o recorde de desarmes. (FSP, 21-abr-96, p. 4.10)

O contexto acima e a definição do neologismo semântico *assistência* nos fornece a metáfora PASSE DADO POR UM JOGADOR DE BASQUETE OU DE FUTEBOL PARA UM COMPANHEIRO DE EQUIPE, PROPORCIONANDO-LHE MAIOR PROXIMIDADE DO GOL OU DA CESTA É ASSISTÊNCIA.

A unidade lexical “assistência” passa a ter seu campo semântico ampliado devido ao uso numa área específica: a dos esportes, mais precisamente, a do futebol e a do basquete. Trata-se de trazer uma unidade lexical da língua geral para uma área específica. O caminho inverso também acontece, pois são várias as unidades lexicais cujos campos semânticos são ampliados e que passam das linguagens específicas para a língua geral.

Analisando essa metáfora, temos o espaço genérico composto pelos elementos “facilitar” e “ajudar”. No *input 1*, espaço de entrada do “passe feito pelo jogador”, os elementos são: “fazer jogadas em que se passa a bola para um companheiro de equipe melhor posicionado no campo ou quadra” e “ajudar o companheiro de equipe a fazer o gol ou cesta”. No *input 2*, por sua vez, temos: “ato ou efeito de assistir” e “ato ou efeito de amparar, auxiliar”.

Para o espaço da mescla são projetados os dois elementos do *input 1* e apenas o segundo elemento do *input 2*. Essa mescla resulta na inferência presente na estrutura emergente: “auxiliar para alcançar o objetivo da equipe”.

O gráfico abaixo mostra como ocorre essa mescla.

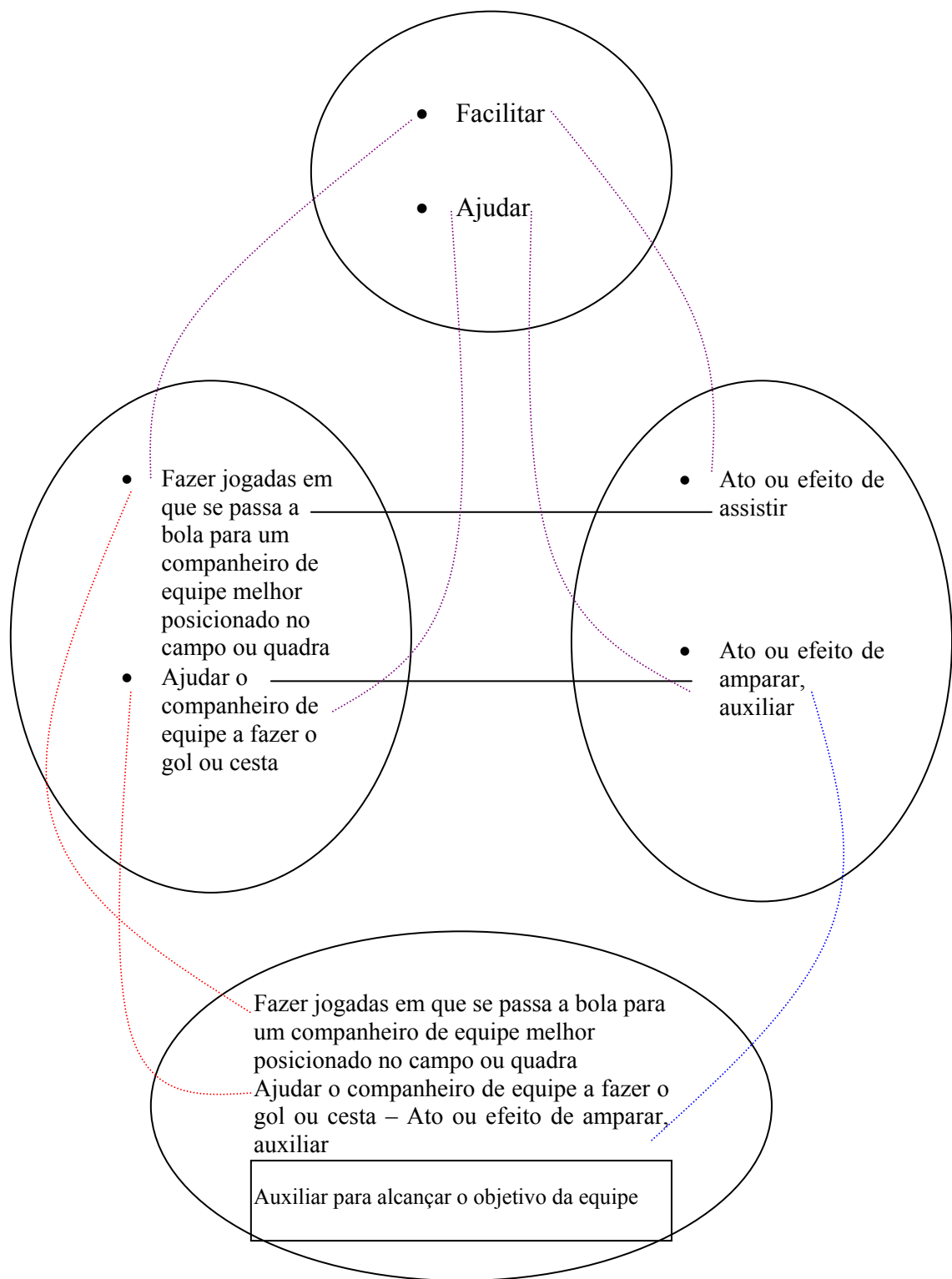


Fig. 29: Processo de instauração da metáfora “Passe dado por um jogador de basquete ou de futebol para um companheiro de equipe, proporcionando-lhe maior proximidade do gol ou da cesta é assistência”.

Parede – sf

Cedeu espaço para o equilíbrio: no GP, o Brasil teve o melhor saque (Raquel), a mais eficiente jogadora de defesa (Ana Paula), a segunda maior pontuadora (Virna) e a equipe com melhor <"parede">, mesmo sem Márcia Fu, a mais eficiente brasileira neste fundamento no Mundial de 94 e nos Jogos Olímpicos de 96. (FSP, 20-set-98, p. 4-12)

O contexto acima transcrito nos fornece a metáfora JOGADOR OU GRUPO DE JOGADORES DE VÔLEI QUE SE POSICIONAM JUNTO À REDE E EXECUTAM MOVIMENTO PARA REBATER A BOLA ATIRADA PELO TIME ADVERSÁRIO IMPEDINDO QUE ESTE MARQUE PONTO É PAREDE.

Para a constituição do espaço genérico, há o elemento: “objetivo”. No *input 1*, espaço correspondente ao “jogador ou grupo de jogadores”, temos o elemento: “jogador que tem como função fechar a passagem da bola, isolando a área de seu time e impedindo que o time adversário marque pontos”. No *input 2*, que é o espaço de entrada relativo à “parede”, temos um elemento: “parede: tudo que isola, divide ou fecha um espaço”.

Esses dois elementos que compõem os dois espaços de entrada são projetados para o espaço da mescla, resultando na estrutura emergente cuja inferência trazida é o objetivo do jogador que tem a função de “parede” no jogo de vôlei: rebater a bola.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, podemos encontrar uma acepção para o verbete “parede”, também referindo-se ao esporte – neste caso, o futebol: *proteção que o jogador faz com seu corpo junto ao goleiro na chegada da bola para impedir que o adversário dela se aposses.*

Trata-se de uma unidade lexical que pertence à língua geral e passa a ser usada na área dos esportes, mais precisamente no futebol e no vôlei.

No gráfico a seguir reproduzimos o processo de instauração da metáfora por nós analisado:

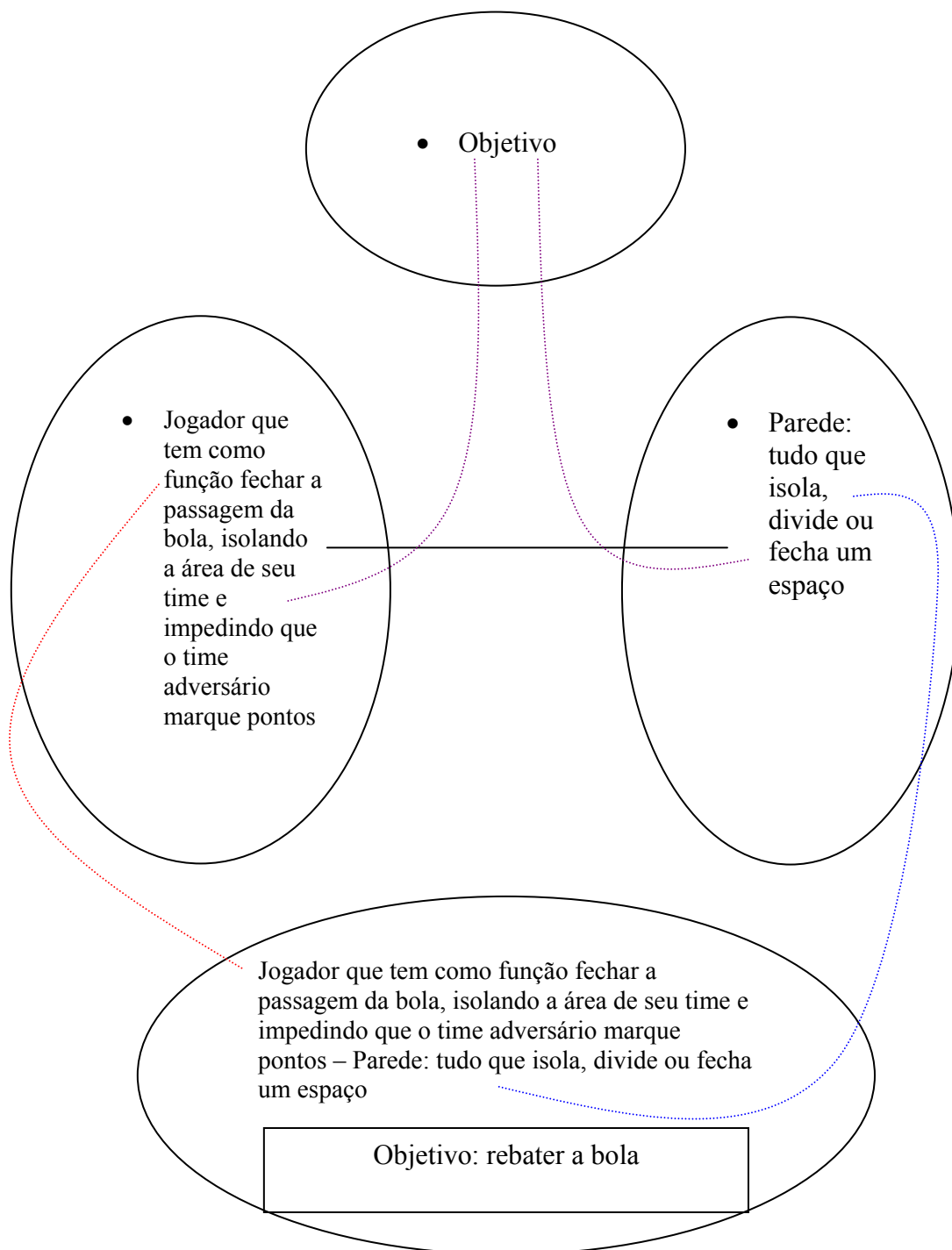


Fig. 30: Processo de instauração da metáfora “Jogador ou grupo de jogadores de vôlei que se posicionam junto à rede e executam movimento para rebater a bola atirada pelo time adversário impedindo que este marque ponto é parede”.

Sanfona – sf

O Vasco inicia a última fase da contagem regressiva para a disputa do Mundial de Clubes, a partir de 6 de janeiro, quando enfrenta o South Melbourne, da Austrália. O técnico Antônio Lopes trata de fazer os últimos ajustes no esquema de jogo que chamou de <sanfona> – time fechado na defesa e abrindo pelas pontas no ataque, com todos os jogadores com tarefas ofensivas e defensivas em campo. (G, 02-jan-00, p. 43)

O contexto acima, da área do esporte, mais precisamente do futebol, nos traz a metáfora TIME DE FUTEBOL QUE É FECHADO NA DEFESA E DURANTE O JOGO VAI SE ABRINDO PELAS PONTAS NA HORA DO ATAQUE É SANFONA.

Para a constituição do espaço genérico, temos o elemento “movimento de abrir e fechar”. O espaço de entrada correspondente ao “time que é fechado...”, ou seja, o *input 1*, é composto pelos elementos: “time em que os jogadores ficam próximos uns dos outros na defesa” e “time que, no ataque, os jogadores distanciam-se uns dos outros começando pelos jogadores das pontas (vão abrindo)”. No *input 2*, espaço de entrada relativo à “sanfona”, temos: “instrumento musical de fole”, “é comprimido e distendido quando executado” e “para se distender é necessário ser puxado pelas pontas”.

Todos os elementos do *input 1* são projetados para o espaço da mescla e, do *input 2*, são apenas o segundo e o terceiro. Surge, então, a estrutura emergente cuja informação trazida é a de que um time é sanfona quando os jogadores se organizam para coibir o time adversário e para poder avançar em campo durante o ataque, fechando e abrindo sua jogada por meio da posição e da organização espacial dos jogadores no campo.

Essa metáfora evoca o movimento executado pelo músico que toca sanfona, a saber, o ato de comprimir (fechar) e distender (abrir) o fole do instrumento para que o som seja emitido.

No gráfico a seguir reproduzimos as relações estabelecidas entre os *inputs*, bem como o resultado dessas relações: a estrutura emergente.

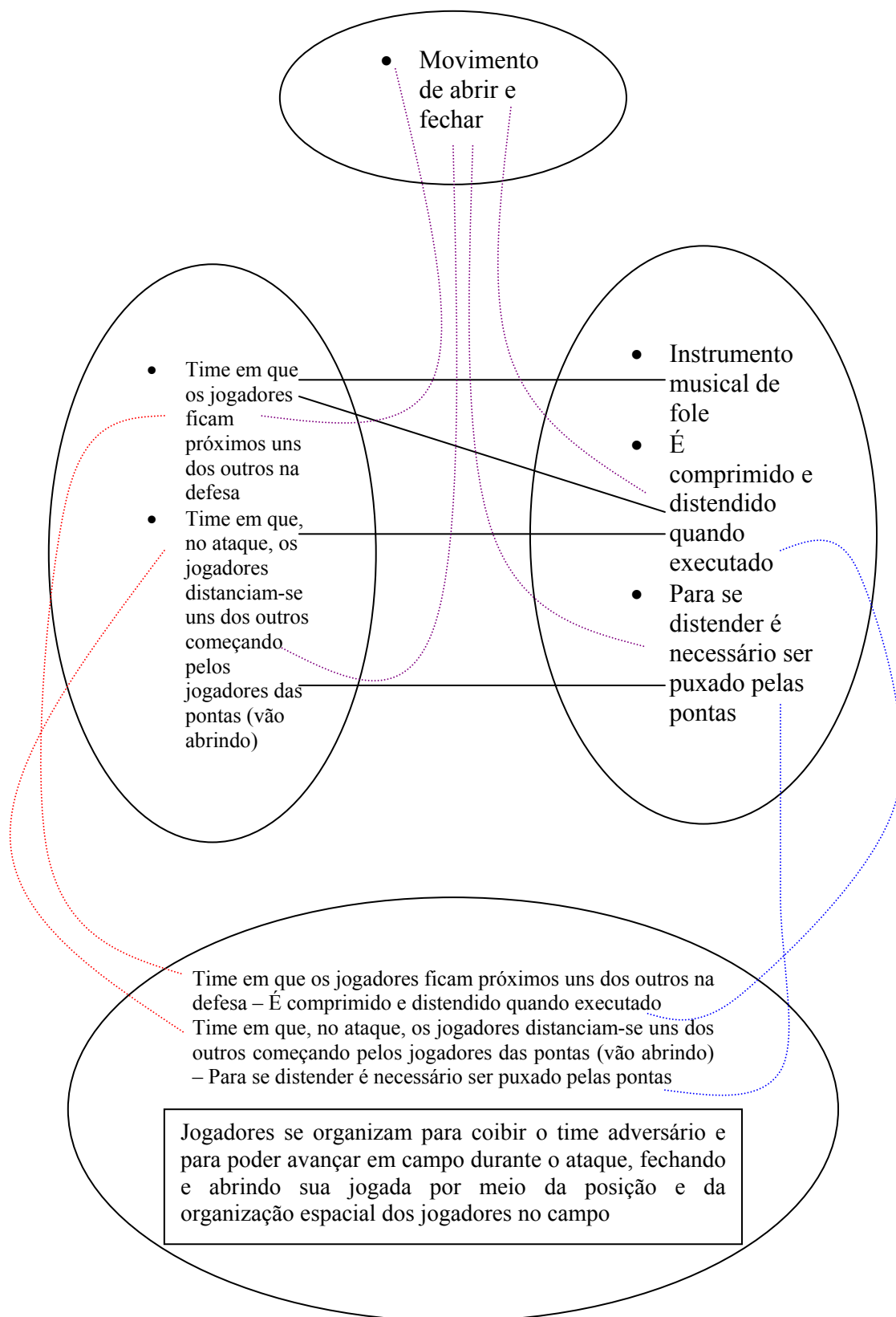


Fig. 31: Processo de instauração da metáfora “Time de futebol que é fechado na defesa e durante o jogo vai se abrindo pelas pontas na hora do ataque é sanfona”.

5.7. Metáforas referentes a estilo de vida e características pessoais

Alternativo – sm

Na cidade, as gangues mais agitadas são os punks, os headbangers e os skatistas, além de vários <alternativos> que não se juntam a nenhum movimento. (FSP, 16-mai-93, p. 4.7)

O contexto acima nos fornece a metáfora: INDIVÍDUO QUE NÃO SE JUNTA A GANGUES DO TIPO PUNK, HEADBANGER, SKATISTA, ETC. É ALTERNATIVO.

No espaço genérico, temos os elementos “não-participação” e “oposição”. No *input 1*, o elemento estruturador é: “indivíduo que não se junta a grupos ou gangues, tais como punks e skatistas”. O *input 2*, por sua vez, é estruturado pelo elemento: “indivíduo que, por seu modo de viver e de pensar, se opõe a costumes, valores e idéias impostos pelas sociedades industriais e tecnológicas”.

Pela relação entre os dois *inputs*, temos que o indivíduo que se opõe aos valores, às idéias e à ideologia apregoada por gangues do tipo punk, skatistas, headbanger, etc. é um alternativo.

Para o espaço da mescla são projetados os dois elementos presentes nos dois *inputs*. Como resultado dessa mescla, temos na estrutura emergente a característica de ser alternativo, ou seja, a opção de não ser rotulado, intitulado segundo uma ideologia apregoada. Trata-se não apenas de não pertencer a um determinado grupo, mas também de não aceitar ser enquadrado numa determinada categoria.

Neste caso, temos uma ampliação do conceito de “alternativo”, pois, como podemos observar mediante a análise desta ocorrência da unidade lexical, esta designa indivíduo que se opõe a costumes, valores e idéias impostos pelas sociedades industriais e tecnológicas. No contexto analisado, “alternativo” refere-se não a ter um estilo de vida que se oponha aos valores e idéias impostos pelas sociedades industriais e tecnológicas, mas sim a certos tipos de gangues. O indivíduo “alternativo”, neste caso, não quer participar dos referidos grupos, preferindo ser um “alternativo”, ou seja, não pertencer a nenhuma gangue.

O gráfico a seguir ilustra o processo de instauração dessa metáfora:

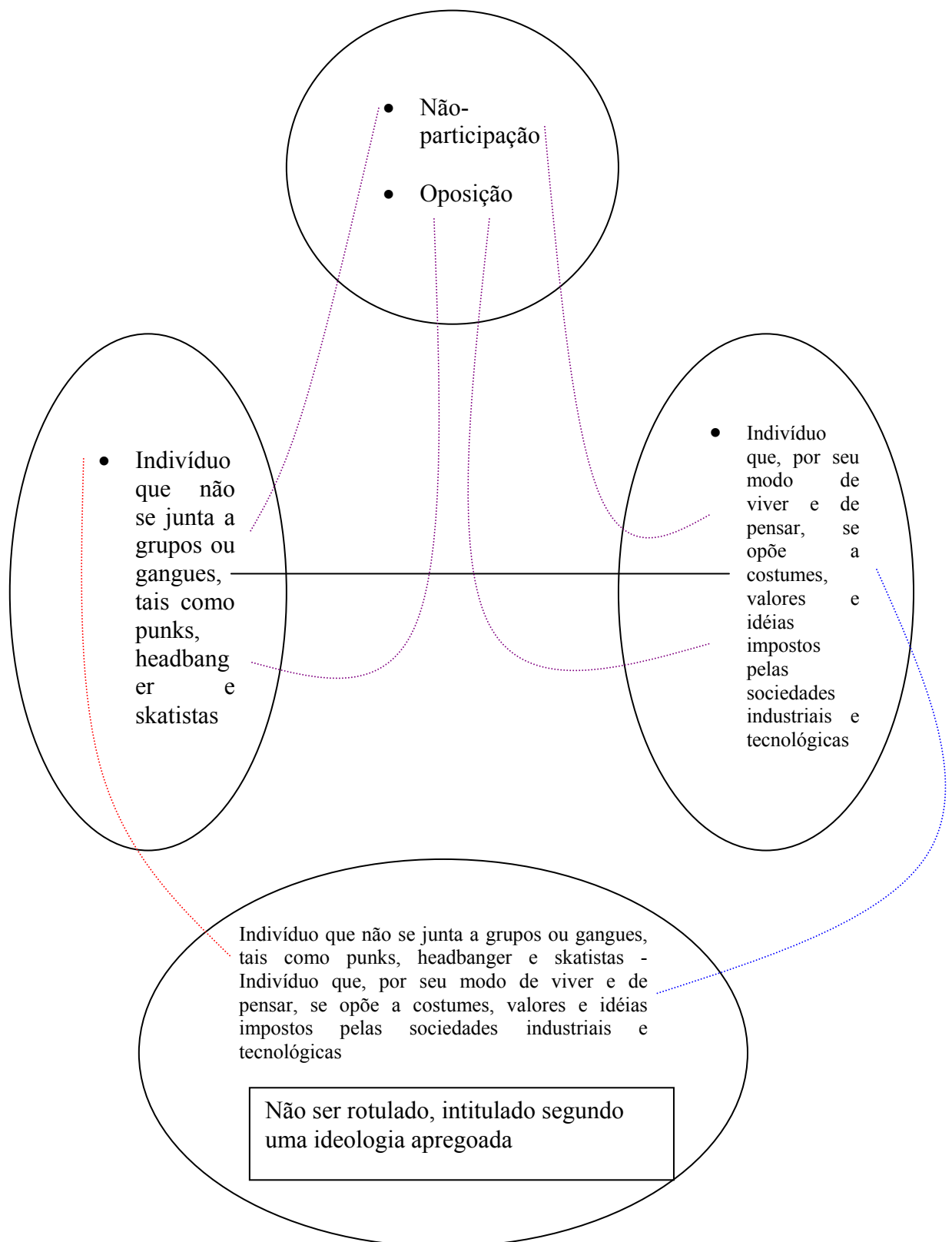


Fig. 32: Processo de instauração da metáfora “Indivíduo que não se junta a gangues do tipo Punk, Headbanger e Skatistas, etc. é alternativo”.

Barbie 1 - sf

Definição:

Mulher atraente, de alto padrão social, que se veste e se maquia com elegância.

Contexto:

Decorado pelo arquiteto Sig Bergamin, o bar da churrascaria famosa parece uma sala de estar inglesa do começo do século. Lá estacionam de executivos, as <barbies> dos Jardins, em sessões pré-picanhas. (sinopse/bares) (FSP, 06-06-93, p. 23)

Nota: Referência à boneca de mesmo nome, produzida nos EUA e conhecida internacionalmente.

Pelo contexto e pela definição, podemos afirmar que a metáfora presente neles é MULHER QUE SE VESTE E SE MAQUIA COM ELEGÂNCIA É BARBIE.

No espaço genérico, temos quatro elementos: “padrão de beleza”, “elegância”, “maquiagem” e “status”. No *input 1*, espaço da mulher que se maquia e se veste com elegância, temos “mulher elegante segue um padrão de beleza”, “maquia-se com elegância” e “status: alto padrão social”. No *input 2*, que é o espaço da boneca Barbie, temos “boneca que apresenta um padrão de beleza”, “boneca elegante”, “é maquiada” e “status: boneca de alto padrão”.

Para o espaço da mescla são projetados do *input 1* todos os elementos, ao passo que, do *input 2*, são projetados os três primeiros elementos. Disso resulta a estrutura emergente com a seguinte inferência: Mulher atraente é Barbie.

Trata-se de uma metáfora em que a figura da boneca Barbie é totalmente projetada na figura da mulher que busca ser atraente. Sabemos que essa boneca possui um perfil de beleza que impera na sociedade atual, ou seja, é a reprodução do que as mulheres almejam ser: magra, alta, com um corpo em forma, elegante, bem maquiada, enfim, bonita e atraente aos olhos dos homens. Dizer que uma mulher é uma Barbie é o mesmo que lhe atribuir todas essas características ou, pelo menos, a maior parte delas.

Vejamos como é o gráfico do processo de instauração dessa metáfora:

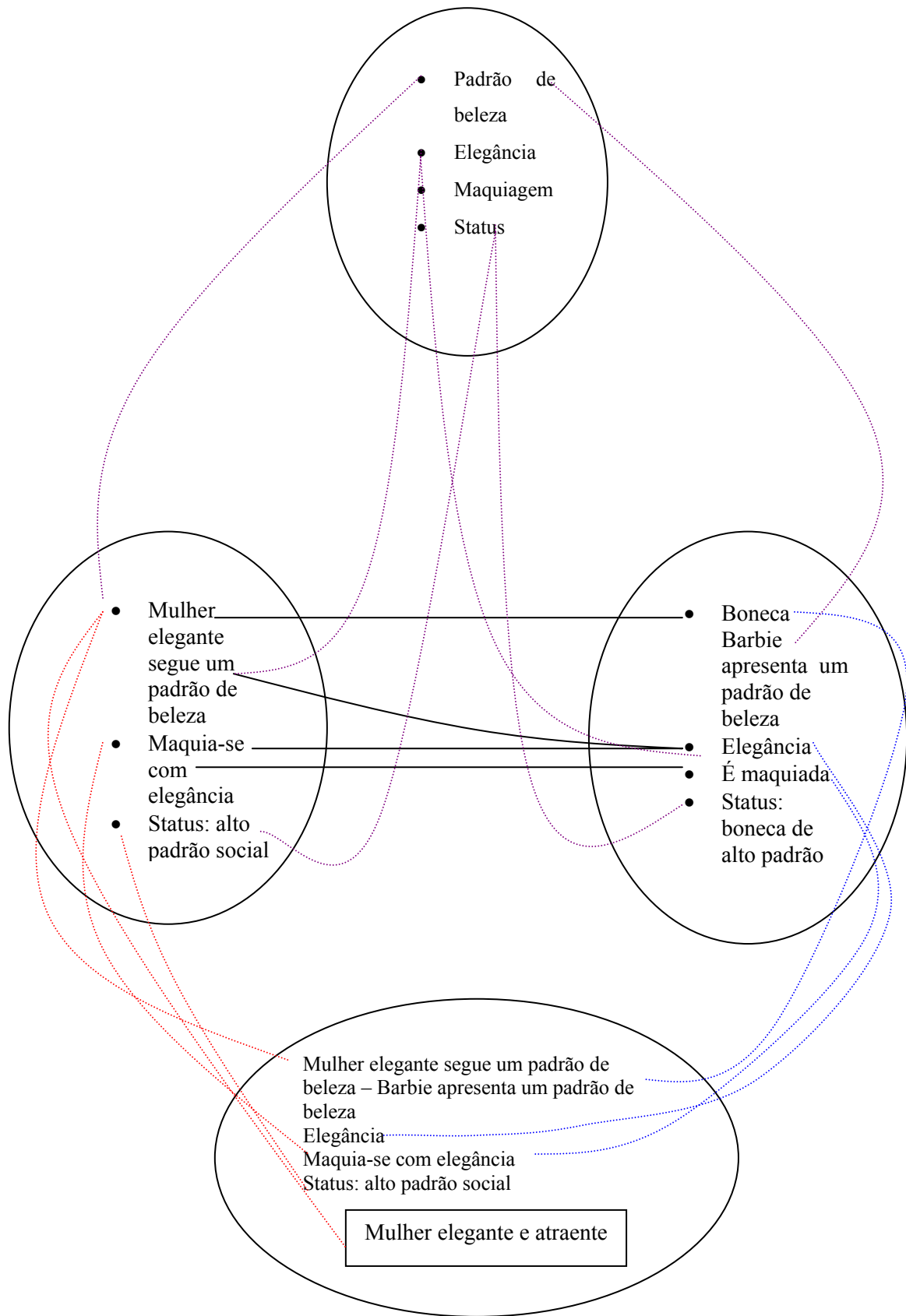


Fig. 33: Processo de instauração da metáfora “Mulher que se veste e se maquia com elegância é Barbie”

Motor mil – sm

Ideal mesmo é aquela mulher <"motor mil">, tipo Uno Mille, que vem com o básico.
(FSP, 15-mar-98, p. 25)

O contexto acima nos fornece a metáfora MULHER QUE POSSUI ESTILO DE VIDA, DOTES E CARACTERÍSTICAS CONSIDERADOS FUNDAMENTAIS POR DETERMINADOS HOMENS É MOTOR MIL, DO TIPO UNO MILLE.

O espaço genérico é constituído por “elementos fundamentais” e “elementos básicos”. O *input 1*, espaço correspondente a “mulher que possui estilo de vida...”, é formado pelos elementos “mulher bonita, que trabalha, sabe cozinhar e que queira ser mãe” e “mulher comum”. No *input 2*, espaço de entrada do “automóvel Uno Mille motor mil”, temos “automóvel popular”, “possui itens básicos”, “automóvel com capacidade volumétrica de 1000 cilindradas”, “versão simplificada do Fiat Uno” e “possui carburador de corpo simples, câmbio de 4 marchas, dentre outros itens básicos”.

Para o espaço da mescla são projetados todos os elementos que compõem o *input 1*. Do *input 2*, são projetados o primeiro e o segundo elementos. Das relações entre os elementos que compõem os *inputs* e que são projetados para o espaço da mescla, surge a estrutura emergente que traz a informação de que uma mulher que possui características tidas como básicas para um homem é motor mil, mais precisamente, um *Uno Mille*.

O Uno Mille foi o primeiro tipo de automóvel que, na década de 90, tornou-se popular e tinha impostos reduzidos, o que facilitava sua compra por pessoas de baixa renda, uma vez que seu valor era mais acessível que a de outros carros. Trata-se de um carro simples, mas que possui todos os itens básicos para que quem o adquira possa usufruir de certo conforto: o de ter um carro que supra suas necessidades.

No contexto que transcrevemos, há referência a um tipo de mulher: a que “vem com o básico”. O autor dessa metáfora quis expressar a imagem de mulher que acha ideal, ou seja, aquela que se encaixa nos padrões masculinos de mulher comum e ideal: a que sabe cuidar bem da casa, do marido e dos filhos, que também trabalha fora e, principalmente, é tida como bela e possui um corpo que agrada. Trata-se da mulher que, numa determinada visão masculina, é ideal para ser uma boa esposa: possui o “básico”, isto é, tudo o que determinado tipo de homem procura numa mulher.

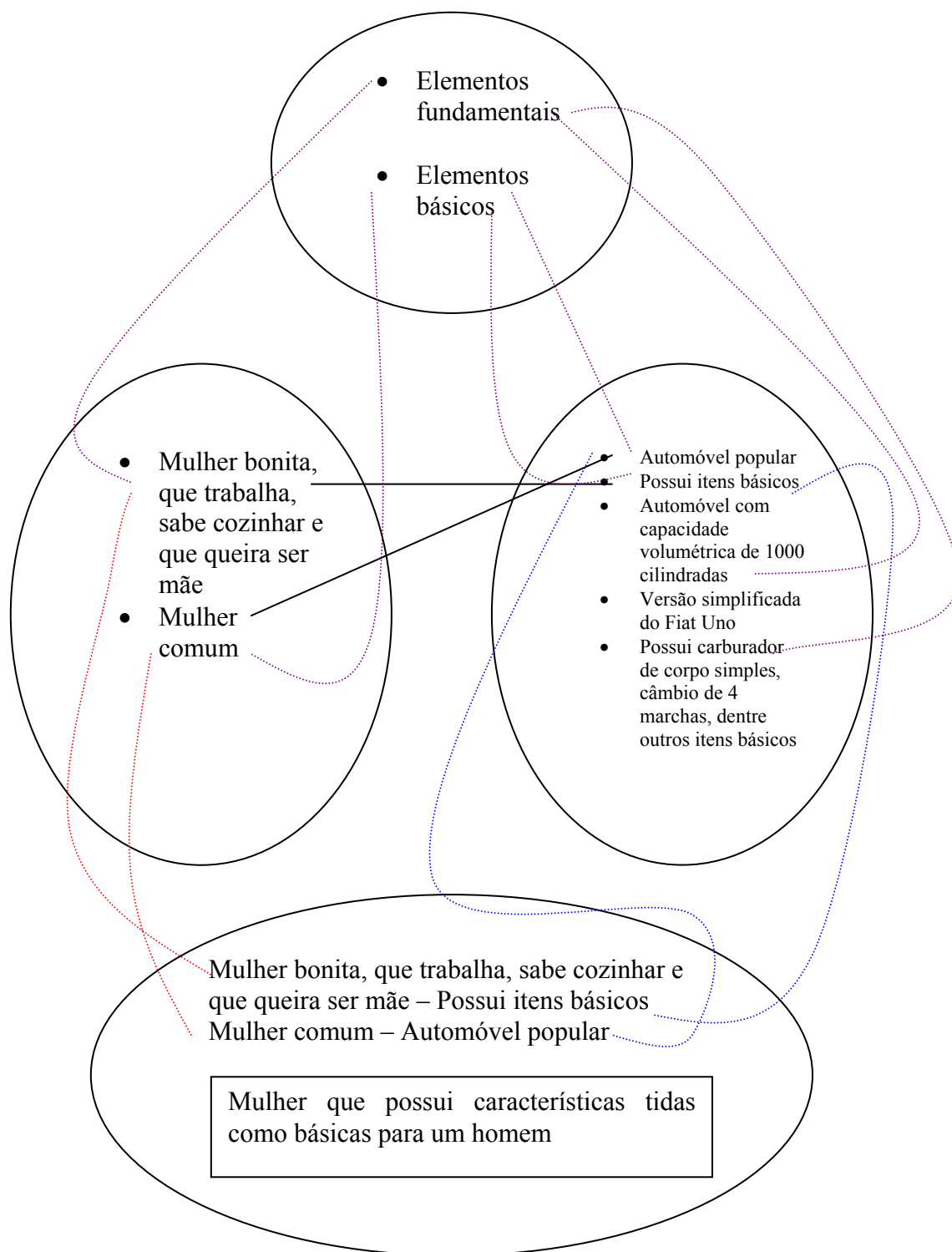


Fig. 34: Processo de instauração da metáfora “Mulher que possui estilo de vida, dotes e características considerados fundamentais por determinados homens é motor mil, do tipo Uno Mille”.

Oxygenado – adj

"Eu queria pessoas mais <oxygenadas>". A frase ao lado é do novo presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva (foi dita à Folha de S. Paulo). A frase refere-se diretamente à senhora da foto abaixo. Lendo uma e olhando outra é impossível não fazer, também diretamente a associação das palavras "cabeças mais oxygenadas" com a cor dos cabelos da personagem.

Só que no caso não está em jogo forma de expressão – cabeça mais <oxygenada>, que quer dizer mais inteligente, é o que de fato tem Clarice Seibel, 43 anos, pioneira na quebra de um tabu na Fiesp: é a primeira mulher a ocupar os cargos de diretora do Departamento de Pesquisa e do departamento de Estudos Econômicos. E seu cabelo, diz uma bem-humorada Clarice, são loiros para valer. (IÉ, 16-dez-98, p. 21)

A metáfora presente no contexto que transcrevemos é: SER INTELIGENTE É SER OXIGENDO.

Algumas das características que o espaço genérico nos mostra em comum aos dois *inputs* são: “ter determinadas características” e “ser indispensável”. Os elementos estruturais que compõem o *input 1* são: “ser dotado da capacidade de aprender, apreender, compreender, raciocinar”, “saber inovar e renovar” e “ser suprido de determinadas destrezas”. O espaço do *input 2*, espaço de entrada do “ser oxygenado”, é constituído pelos elementos: “ser combinado, enriquecido, fortalecido e revitalizado com oxigênio”, “que teve o ar renovado” e “ser suprido de ar puro”.

Ambos os *inputs* nos revelam, no espaço da mescla, uma característica advinda das relações entre os elementos dos dois espaços: o primeiro elemento do *input 1* relaciona-se com o primeiro elemento do *input 2*, resultando na inferência de que, em ambos os *inputs*, as características que os formam mostram que estas são indispensáveis à vida. Em outras palavras: ser inteligente requer ser dotado da capacidade de aprender, apreender, compreender, raciocinar, bem como possuir certas destrezas; ser oxygenado é o mesmo que ser enriquecido, fortalecido e revitalizado com oxigênio – elemento que sabemos ser indispensável à vida. Surge, a partir dessa inferência, uma segunda que está mais enquadrada ao contexto em que *oxygenado* foi usado. Trata-se não apenas de ser uma pessoa indispensável, mas também de se destacar por sua inteligência e por suas destrezas. Essa inferência é possível graças às relações estabelecidas entre os *inputs* e, também, pelo contexto em que o adjetivo é utilizado: “cabeça mais oxygenada” é concernente à mulher que ocupa

pela primeira vez um cargo antes somente ocupado por homens, uma vez que esta mulher se destaca por ser “oxigenada”, ou seja, inteligente.

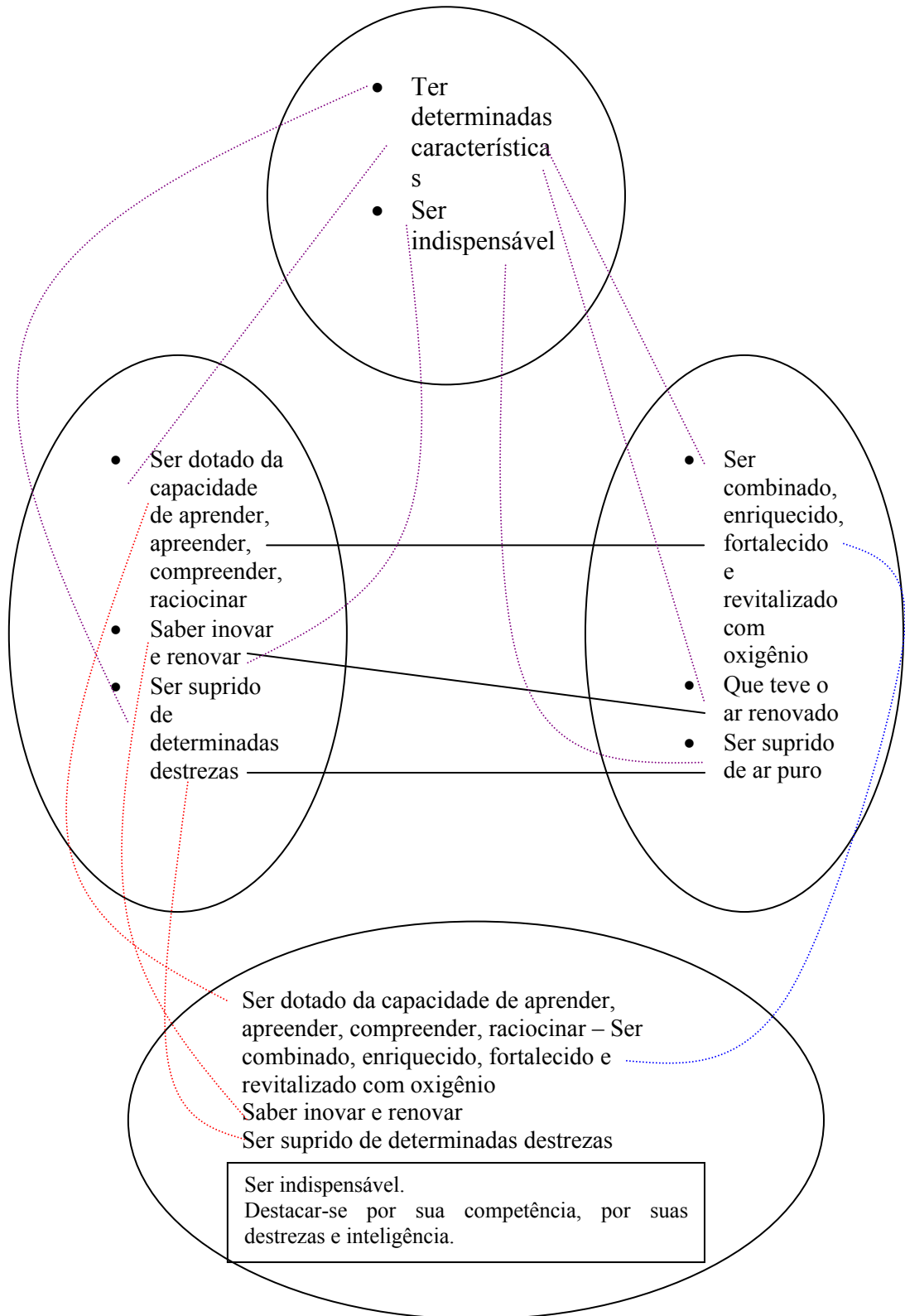


Fig. 35: Processo de instauração da metáfora “Ser inteligente é ser oxigenado”.

5.8. Metáforas referentes à linguagem de indivíduos homossexuais

Barbie 2 – sf

Definição:

Pessoa do sexo masculino, geralmente homossexual, que, de tanto exercitar a musculatura, apresenta-a bem delineada e em tamanho excessivo.

Contexto:

Esqueça o apelido de algumas Suzanas. Última invenção do vocabulário gay, a personagem – descaradamente inspirada na boneca - serve agora para batizar os candidatos à <barbie> – que é como se define, no mesmo gueto, rapazes com muitos músculos à mostra. Quando alguém diz que o moço é "suzy", significa que ele já iniciou a batalha contra a flacidez, mas ainda não é assim nenhuma <barbie>. (FSP, 19-01-97, p. 5-2)

A metáfora presente no contexto acima é INDIVÍDUO DO SEXO MASCULINO, HOMOSSEXUAL, QUE EXERCITA DEMASIADAMENTE SUA MUSCULATURA É BARBIE.

Os elementos que compõem o espaço genérico são “estrutura corporal”, “padrão de beleza” e “excesso”. No *input 1*, espaço de entrada do homossexual, temos: “indivíduo que exercita demasiadamente a musculatura”, “musculatura bem delineada com tamanho excessivo” e “segue um padrão de beleza”.

No espaço de entrada seguinte, *input 2*, referente à boneca Barbie, temos como elementos estruturadores: “boneca com corpo bem delineado”, “apresenta certas partes do corpo bem salientes” e “apresenta um padrão de beleza feminino”.

Do primeiro espaço são projetados para o espaço da mescla todos os elementos que o compõem. Do segundo espaço, o da boneca, são projetados apenas “boneca com corpo bem delineado” e “apresenta certas partes do corpo bem salientes”. O resultado dessa mescla é a estrutura emergente na qual temos a inferência de que um homossexual que exercita demasiadamente sua musculatura e a deixa em tamanho excessivo está buscando, com a exibição dessa musculatura, ser notado, ser apreciado por seu corpo. Assim como a boneca Barbie segue um padrão de beleza almejado pela maioria das mulheres que desejam ser notadas e admiradas, esse indivíduo busca alcançar um padrão de beleza corporal, a fim de que possa se sobressair frente a outros indivíduos.

A seguir apresentamos como se dá o processo de instauração dessa metáfora:

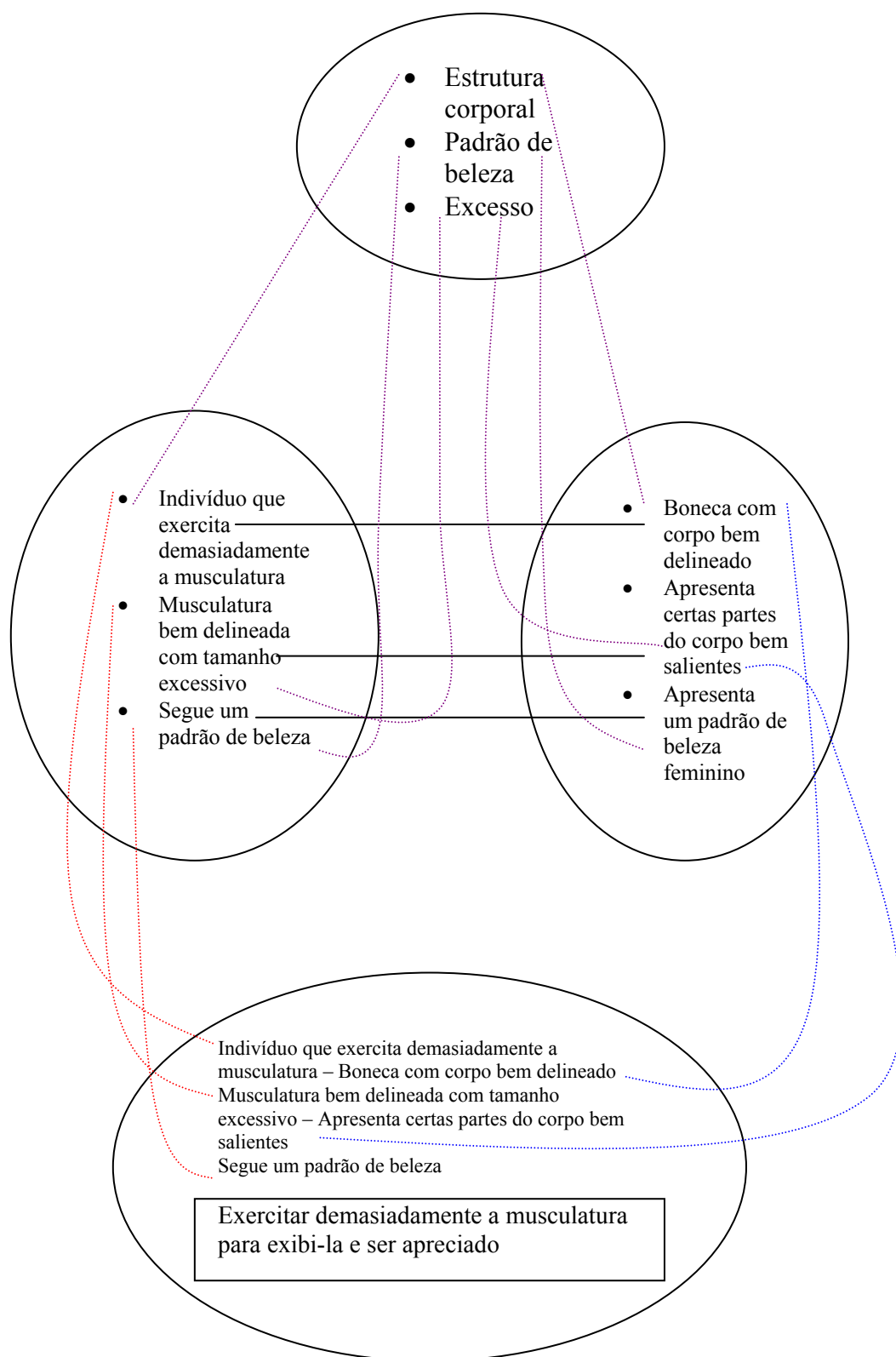


Fig. 36: Processo de instauração da metáfora “Indivíduo do sexo masculino, homossexual, que exercita demasiadamente sua musculatura é Barbie”.

Kiwi – sm

Atacante usa calcinha da mulher

(...)

A cantora fez questão de ressaltar: "Minhas peças caem muito bem em Beckham". A declaração de Victoria não pegou bem entre os boleiros: Ronaldinho não deixou por menos : "Isso é coisa de <kiwi>." (IÉ, 12-jan-00, p. 20)

Para podermos entender a metáfora presente no trecho acima transcrito, precisamos, primeiramente, saber que “kiwi”, na linguagem homossexual, designa indivíduo do sexo masculino homossexual que possui muitos pêlos pelo corpo. Daí nasce a metáfora do kiwi, uma vez que se trata de uma fruta doce cuja casca é aveludada e marrom, lembrando uma camada de pêlos. Assim, a metáfora em questão é: INDIVÍDUO DO SEXO MASCULINO, HOMOSSEXUAL, QUE POSSUI MUITOS PÊLOS NO CORPO É KIWI.

No espaço genérico, os elementos estruturadores são: “casca aveludada”, “presença de muitos pêlos”, “doçura” e “delicadeza”. No *input 1*, espaço de entrada do “homossexual”, temos: “indivíduo do sexo masculino com muitos pêlos no corpo”, “apresenta atitudes próprias do universo feminino” e “é delicado”. Os elementos que compõem o *input 2*, espaço da fruta kiwi, são: “fruta cuja casca é aveludada e marrom”, “possui polpa succulenta verde” e “é uma fruta doce”.

No espaço da mescla, os elementos que compõem os *inputs* relacionam-se da seguinte maneira: indivíduo do sexo masculino com muitos pêlos no corpo – fruta cuja casca é aveludada e marrom; é delicado – é uma fruta doce.

A estrutura emergente, neste caso, é a afirmação de que ser kiwi é ser homossexual cujo corpo possui muitos pêlos.

O gráfico a seguir reproduz o processo de instauração dessa metáfora:

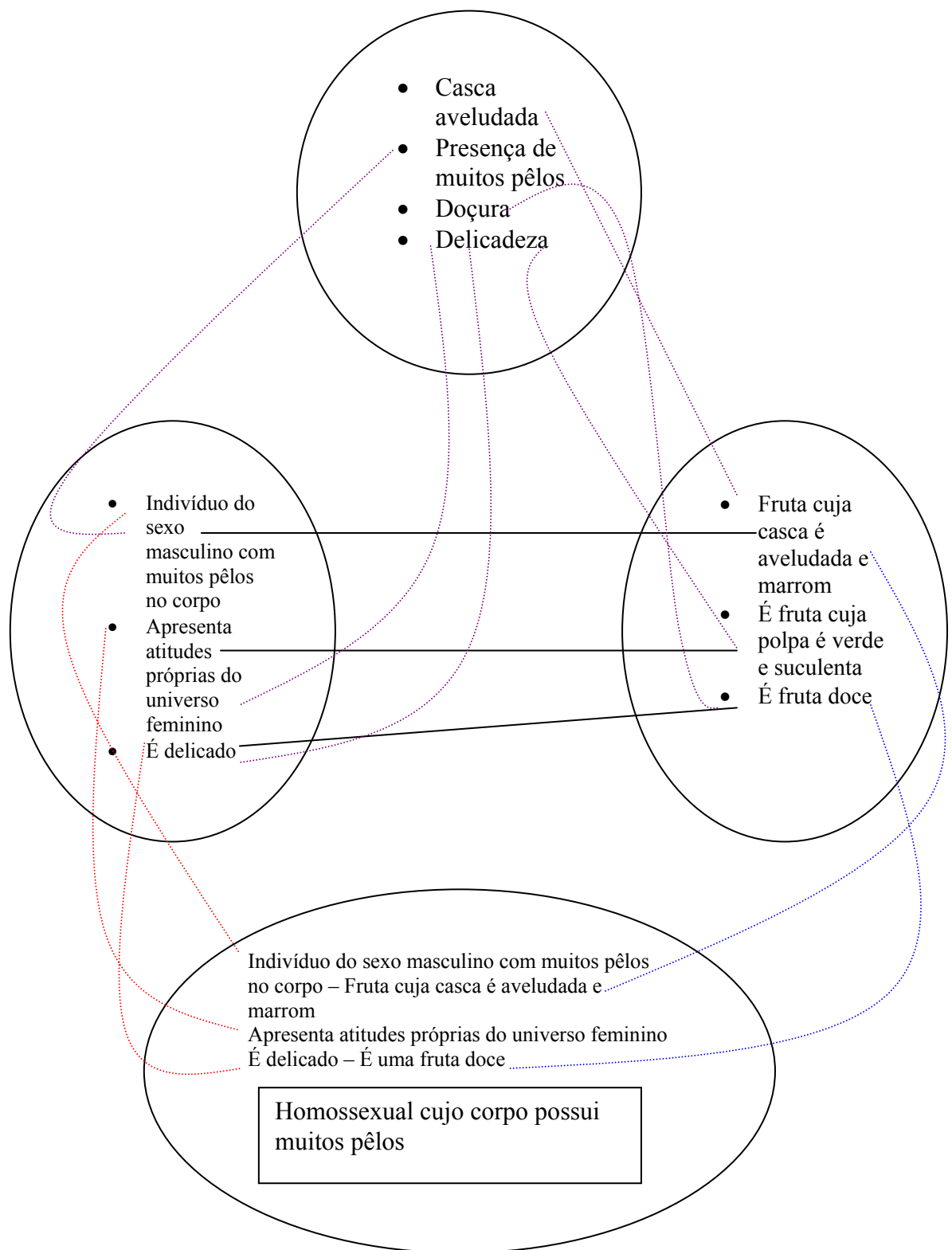


Fig. 37: Processo de instauração da metáfora “Indivíduo do sexo masculino, homossexual, que possui muitos pêlos no corpo é kiwi”.

5.9. Metáforas referentes à área jornalística

Filtro – sm

Segundo o secretário de Redação Josias de Souza, 36, quem passa pelo treinamento adquire uma visão muito mais acurada da rotina e das exigências de qualidade que o jornalismo da Folha impõe.

Além disso, os selecionados já passaram por um <"filtro"> bastante rigoroso. Depois de preencher a ficha de inscrição, cerca de 150 candidatos fazem uma prova de conhecimentos gerais. (FSP, 20-set-98, p. 1-10)

A leitura do contexto acima transcrito nos fornece a metáfora PROCESSO SELETIVO É FILTRO.

Ao delinear o processo de instauração dessa metáfora, temos como elementos estruturais do espaço genérico: “finalidade” e “resultado desejado”. No *input 1*, temos “finalidade: processo de seleção de candidatos mais bem preparados” e “resultado desejado: excluir os candidatos menos preparados”. No espaço de entrada correspondente ao “filtro” (*input 2*), os elementos são “finalidade: aparelho ou material usado para reter ou eliminar impurezas” e “resultado desejado: purificação”.

Os elementos que compõem os *inputs* estão relacionados e para o espaço da mescla são projetados os dois elementos que formam o *input 1* e o segundo elemento que compõe o segundo *input*.

Na estrutura emergente, temos a inferência de que a finalidade do *filtro* como processo seletivo é a de eliminar, excluir quem não possui um determinado perfil. Assim, da mesma forma que o filtro (material ou aparelho que serve para filtrar) separa o que é líquido do que é sólido, bem como elimina impurezas, o processo seletivo é um filtro à medida que separa os candidatos tidos como aptos dos que não o são.

Vejamos o gráfico a seguir, que reproduz o processo de instauração dessa metáfora:

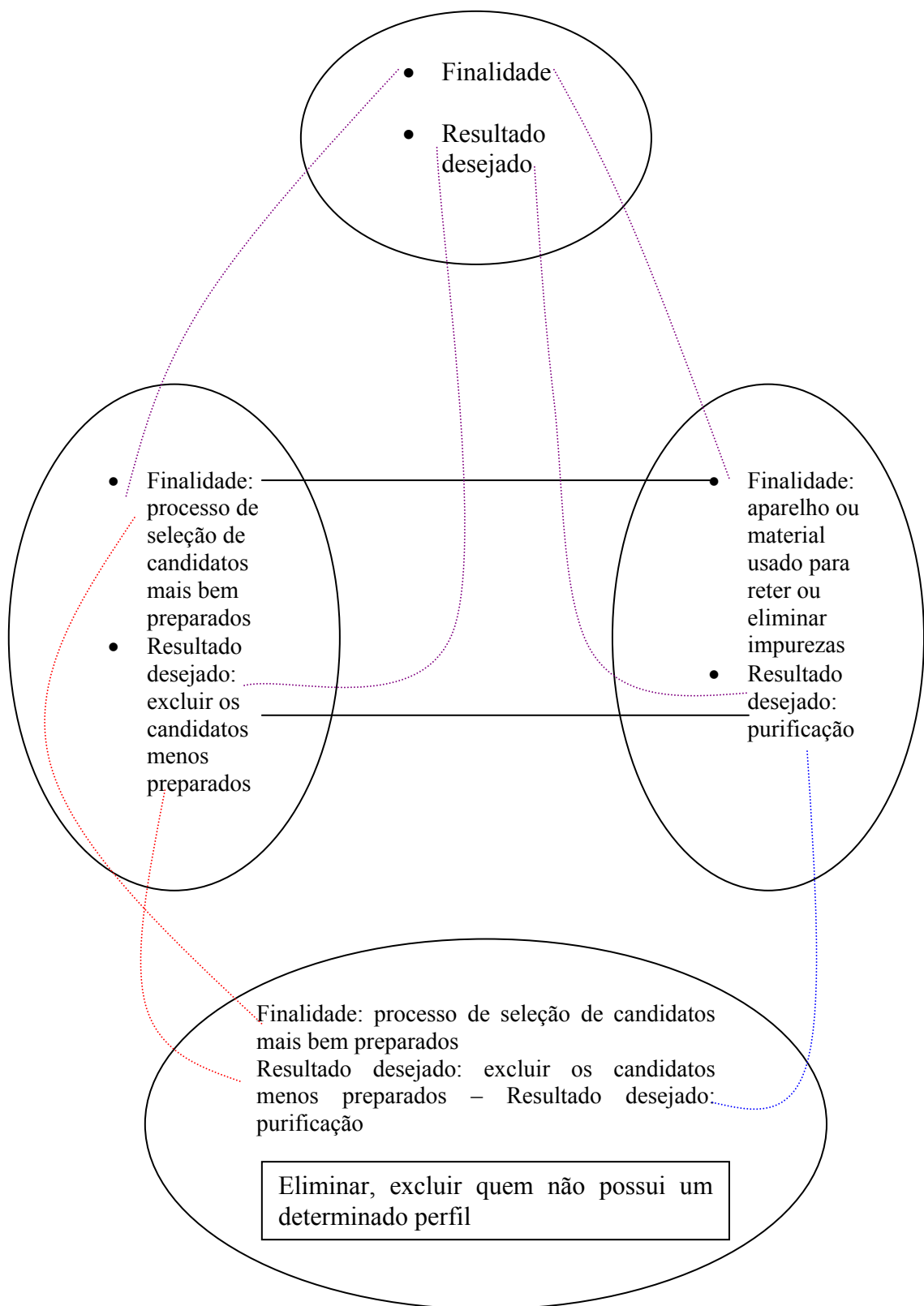


Fig. 38: Processo de instauração da metáfora “Processo seletivo é filtro”.

Gancho – sm

Definição:

Assunto cujo conteúdo propicia a abordagem de outros assuntos

Contexto:

Esta coluna é escrita a contar de um <"gancho"> (assunto que puxa o outro) colhido em lúcida anotação do ombudsman a respeito do verbo delatar. Nascida gramatical, a questão tem cores jurídicas fortíssimas. Todo cidadão prestante tem o dever de informar a autoridade competente sobre qualquer crime de que tenha conhecimento. (FSP, 06-nov-94, p. 4.2)

A definição do neologismo semântico “gancho”, bem como o contexto em que a referida unidade lexical ocorre nos fornece a metáfora ASSUNTO CUJO CONTEÚDO PROPICIA A ABORDAGEM DE OUTROS ASSUNTOS É GANCHO.

Os elementos que compõem o espaço genérico são “características” e “finalidade”. No *input 1*, espaço de entrada do “assunto”, temos como elementos estruturadores: “assunto que ‘puxa’ um outro assunto” e “assunto em que se pode estabelecer elo com outros assuntos”. No *input 2*, espaço de entrada do “gancho”, temos: “instrumento curvo e pontiagudo” e “serve para agarrar, suspender, prender e puxar objetos”.

Todos os elementos dos *inputs* são projetados para o espaço da mescla e dela surge, na estrutura emergente, a inferência de que “gancho consiste em estabelecer uma relação entre variados assuntos”.

No gráfico a seguir podemos observar como se dá a relação entre os elementos dos *inputs*:

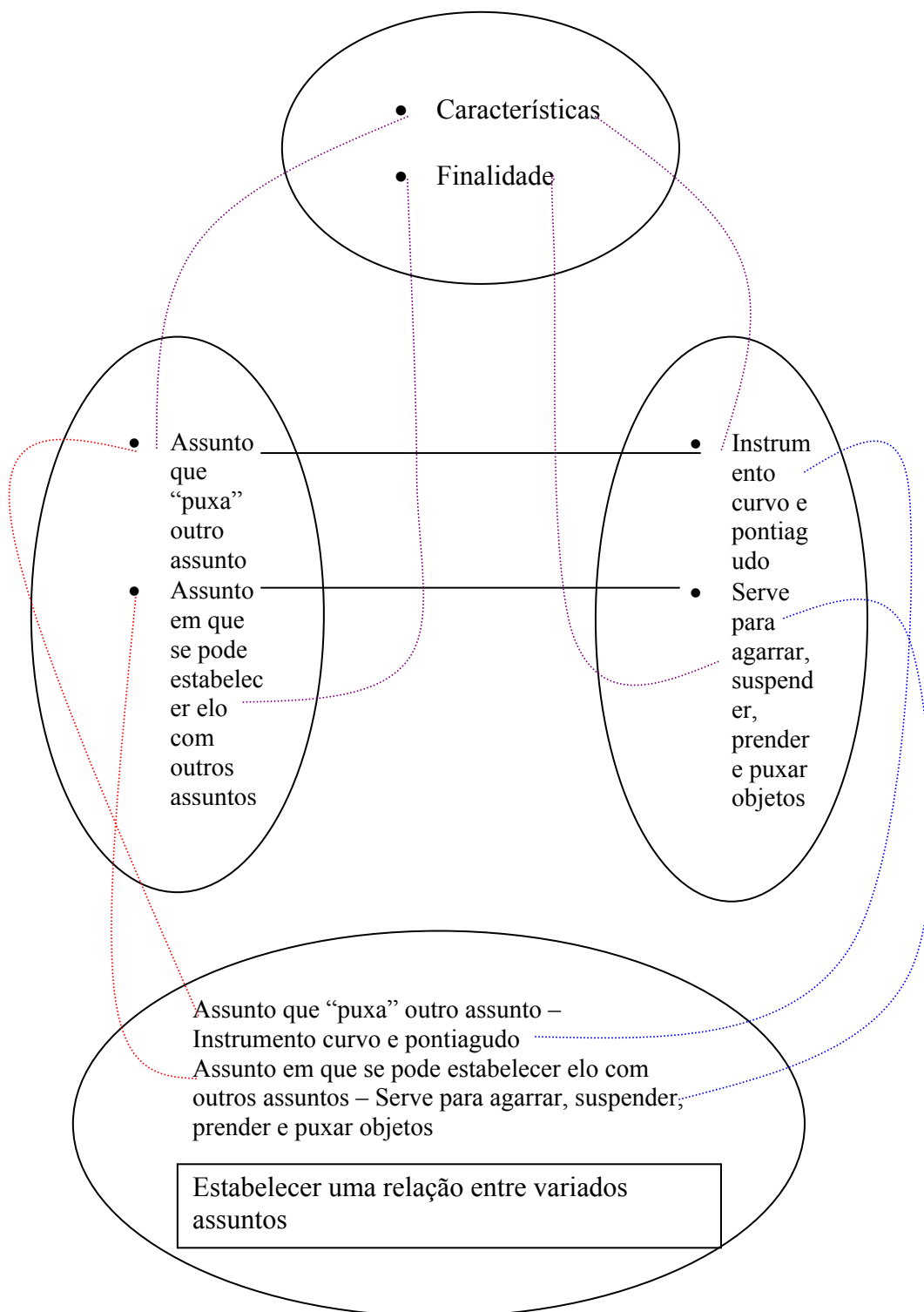


Fig. 39: Processo de instauração da metáfora “Assunto cujo conteúdo propicia a abordagem de outros assuntos é gancho”.

Guarda-chuva 2 – sm

De segunda a sábado, Cotidiano - São Paulo nos exemplares da capital e região – é um <guarda-chuva> noticioso que abriga de chacinas a pilulas de farinha, do rodízio a acidentes com atores de TV. (FSP, 20-set-98, p. 1-6)

A metáfora do guarda-chuva presente no trecho acima é SEÇÃO DE JORNAL QUE TRATA DE VARIADOS ASSUNTOS É GUARDA-CHUVA.

Os elementos que estruturam o espaço genérico são: “características” e “finalidade”. Os que compõem o *input 1*, espaço de entrada da “seção de jornal” são: “seção do jornal Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano”, “abordagem de variados tipos de assuntos” e “finalidade: informar”. No *input 2*, espaço referente ao “guarda-chuva”, temos os elementos: “armação de varetas revestida com tecido impermeável”, “usada para abrigar e proteger o corpo da chuva ou do sol” e “cobrir”.

Para o espaço da mescla são projetados todos os elementos que compõem o *input 1*. Do *input 2*, são projetados o primeiro e o último elemento, a saber, “armação de varetas revestida com tecido impermeável” e “cobrir”.

A estrutura emergente resultante dessa mescla é a inferência de que para um jornal ser guarda-chuva precisa abarcar um número satisfatório de notícias variadas. Em outras palavras, assim como quem usa o guarda-chuva pretende cobrir-se, trata-se de “cobrir” o maior número possível de notícias.

Essa metáfora pode ser usada em outros contextos, significando algo que abarca diferentes coisas.

A seguir, reproduzimos o gráfico que ilustra o processo de instauração dessa metáfora:

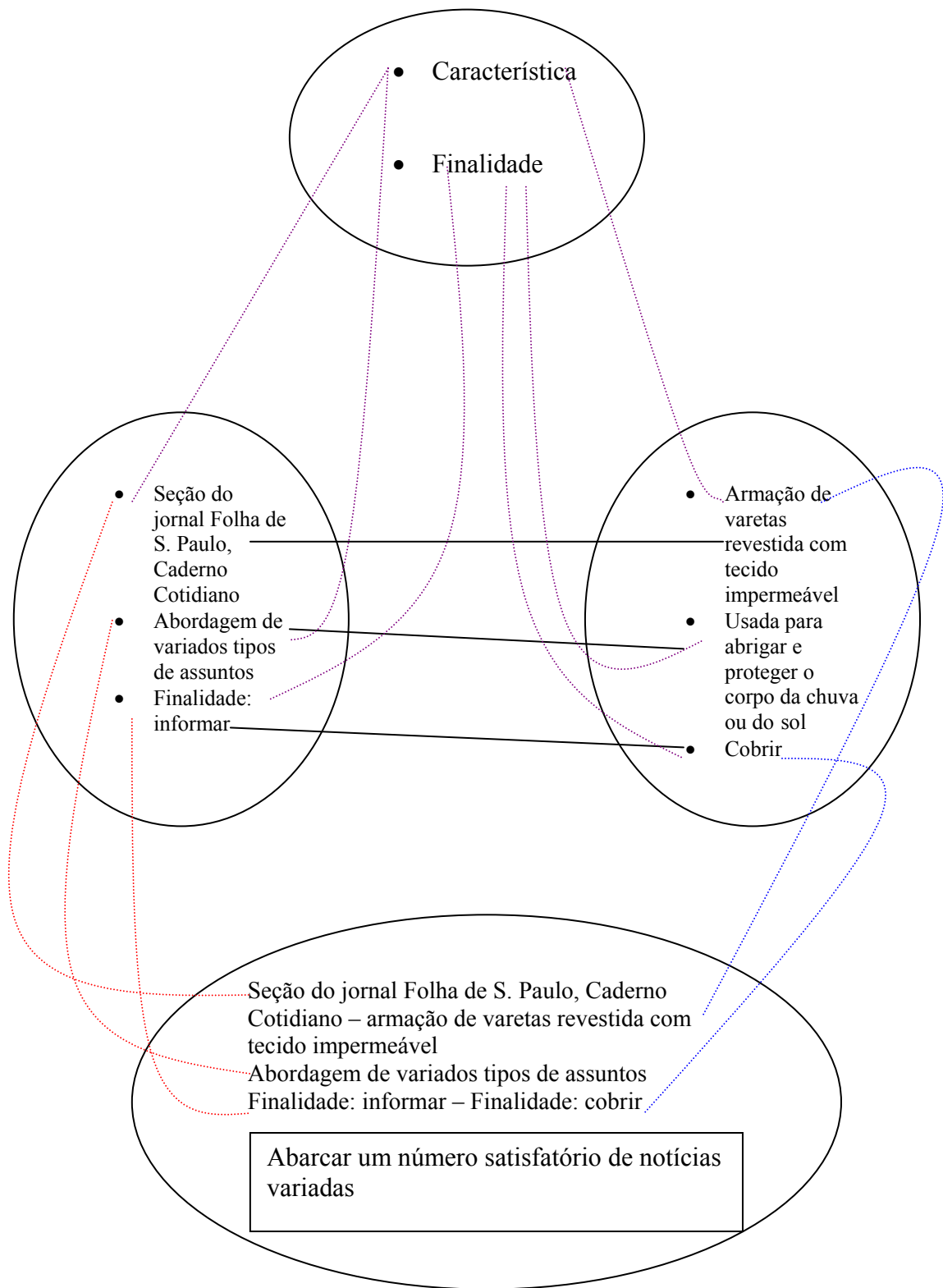


Fig. 40: Processo de instauração da metáfora “Seção de jornal que trata de variados assuntos é guarda-chuva”.

5.10. Metáforas referentes à política

Antibiótico – sm

A propósito da reportagem "Ele só quer dinheiro" (ISTOÉ 1356), sobre o sr. Jatene e sua obsessão em arrecadar recursos, como bom médico que é, deveria saber que antes do fortificante (recursos extras) deveria vir o <antibiótico> (eliminar a corrupção). (IÉ, 11-out-95, p. 11)

A metáfora presente no contexto acima é referente ao âmbito da política. O autor dessa metáfora utilizou um termo próprio de outra área, ou seja, da medicina, para expressar sua mensagem: antes de usar um fortificante (recursos extras), deve-se usar um antibiótico, isto é, buscar mecanismos para acabar com a corrupção.

Assim, a metáfora é BUSCAR MECANISMOS PARA ELIMINAR A CORRUPÇÃO É ANTIBIÓTICO.

Ao delinear as projeções cognitivas que compõem essa metáfora, podemos observar que o espaço genérico é composto pelos elementos “finalidade”, “situação”, “aplicação de remédio/medidas” e “ação”. No *input 1*, espaço de entrada da ação “buscar mecanismos para eliminar a corrupção”, temos “agir contra os políticos corruptos e impedir que continuem seu intento”, “usar mecanismos como investigação e CPI”, “punir políticos corruptos”, “livrar o governo dos maus políticos” e “situação: antes de arrecadar recursos extras”. No *input 2*, que é o espaço do “antibiótico”, temos os seguintes elementos estruturadores: “combater o crescimento de microorganismos e de germes patológicos”, “causar a morte de germes patológicos”, “curar moléstias infecciosas”, “curar o paciente (enfermo)”, “situação: antes de a moléstia se agravar”.

Para o espaço da mescla são projetados todos os elementos presentes no *input 1*. Do *input 2* são projetados os quatro primeiros elementos, resultando na estrutura emergente: acabar com a corrupção deve ser uma prioridade.

No gráfico abaixo podemos visualizar as projeções entre os *inputs* e seu resultado: a estrutura emergente.

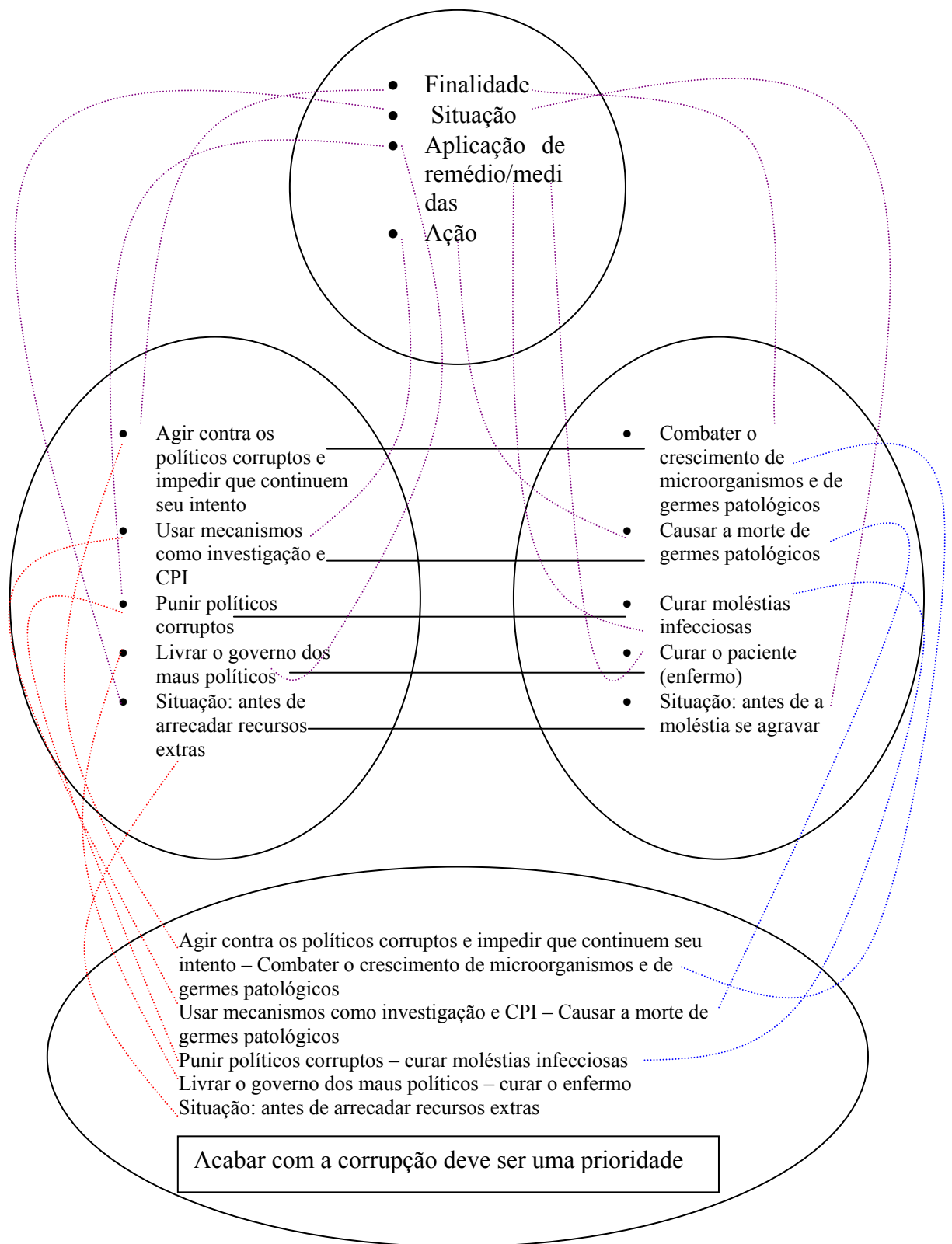


Fig. 41: Processo de instauração da metáfora “Buscar mecanismos para eliminar a corrupção é antibiótico”.

Franja – sf

__ Pelas <franjas> do PSDB temos um interesse especial - diz Hermann.

O que são <franjas>? Os deserdados do poder tucano, os desiludidos com Fernando Henrique, os descontentes com o Governo e com a política econômica. A <franja> cearense é um bordado à parte. A relação de Ciro com o governador Tasso Jereissati continua ótima (almoçaram na sexta-feira) (...). (G, 02-jul-00, p. 2)

Pelo contexto acima, podemos afirmar que a metáfora é POLÍTICO DESERDADO, DESILUDIDO E DESCONTENTE COM SEU PARTIDO, COM O GOVERNO E COM A POLÍTICA ECONÔMICA É FRANJA.

No espaço genérico os elementos estruturadores são: “posição” e “características”. No *input 1*, que é o espaço de entrada do “político”, temos: “político que possui uma determinada função no governo”, “é deserdado”, “está desiludido e descontente com seu partido, com o governo e a política econômica”.

No espaço de entrada de “franja”, ou seja, o *input 2*, temos: “arremate ornamental em beirada de tecido, em fios soltos ou enodoados segundo variados padrões” e “é feita na borda”.

As relações entre os dois espaços de entrada resultam na mescla e esta resulta na estrutura emergente, na qual a inferência que surge é que o político “franja” é aquele que fica à parte ou procura se esquivar de seu partido por estar desiludido, decepcionado com ele.

A metáfora da franja chama a nossa atenção porque podemos estabelecer as seguintes relações entre as características da franja que ornamenta um tecido e os políticos: o partido político é o tecido, os políticos descontentes são os fios soltos e as convenções políticas são os variados padrões.

O gráfico abaixo ilustra o processo de instauração dessa metáfora:

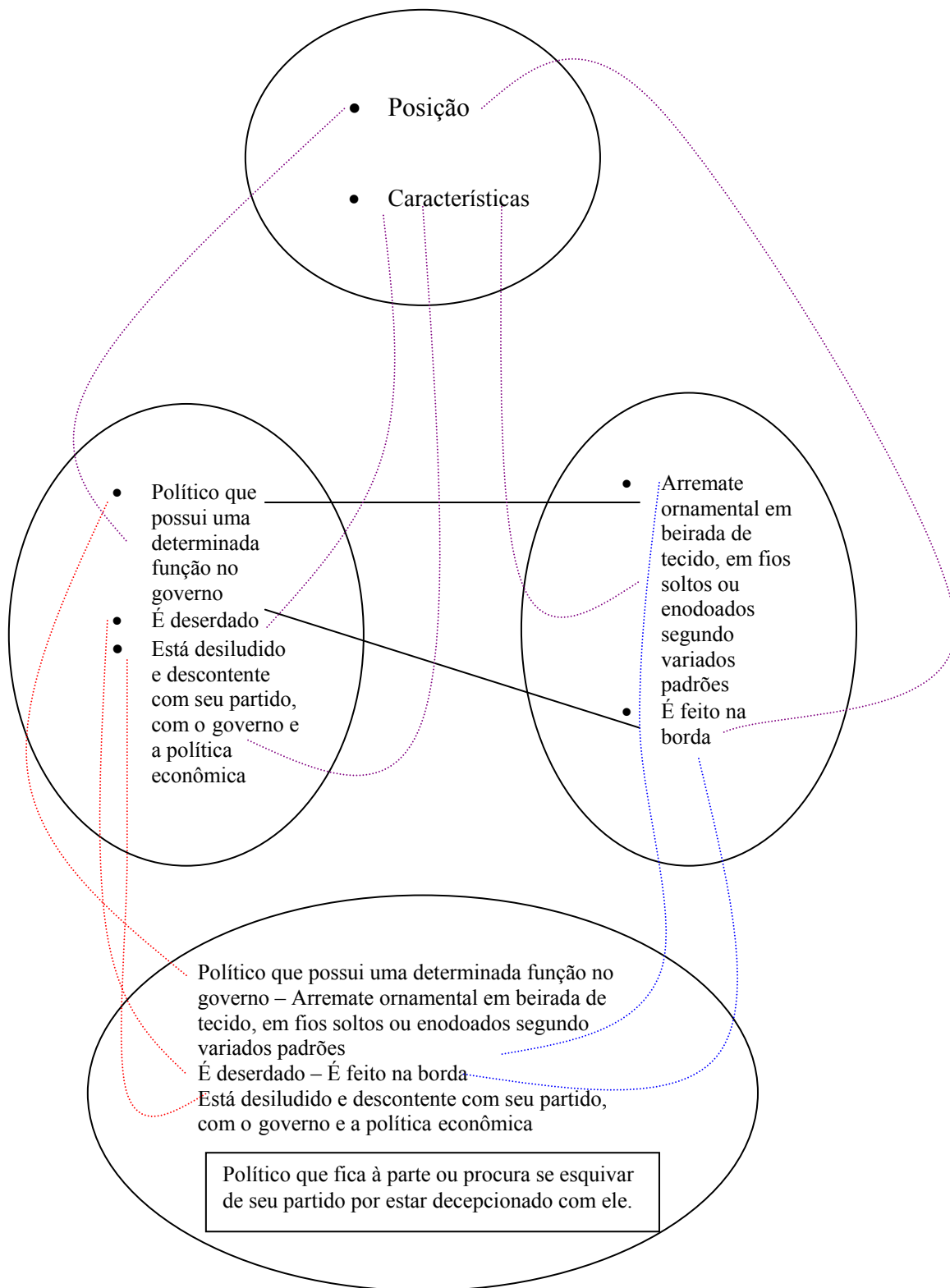


Fig. 42: Processo de instauração da metáfora “Política deserdado, desiludido e descontente com seu partido, com o governo e com a política econômica é franja”

Queda-de-braço – sf

A criação da Agência Nacional de Defesa do Consumidor e da Concorrência provocou nova disputa dentro do governo. Os ministérios da Fazenda e da Justiça querem a agência sob sua responsabilidade, pois ela terá mais poderes que órgãos atuais. A <queda-de-braço> será definida pelo presidente FHC.

Nesta terça-feira deve ocorrer a primeira reunião do grupo responsável pela elaboração do projeto de lei que instituirá o novo órgão.

Autor da proposta de criação da agência do consumidor e da concorrência, o ex-presidente do Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) Gesner Oliveira acredita que a definição da estrutura do órgão será uma tarefa simples. (FSP, 20-ago-00, p. B 6)

No contexto acima, a metáfora presente é DISPUTA DENTRO DO GOVERNO É QUEDA-DE-BRAÇO.

Os elementos que compõem o espaço genérico são: “disputa” e “demonstração de força”. No *input 1*, espaço de entrada correspondente à “disputa dentro do governo”, temos: “disputa em que dois órgãos do governo tentam possuir agência ou órgão que lhes confira deter mais poder”. No *input 2*, espaço de entrada da “queda-de-braço”, temos: “jogo ou disputa em que dois contendores, com um dos cotovelos apoiados sobre superfície horizontal, enlaçam as mãos ou os punhos e cada um, aplicando força muscular tenta fazer o adversário desdobrar o braço” e “disputa para se demonstrar força”.

Para o espaço da mescla é projetado o elemento que compõe o primeiro *input* e o segundo que compõe o *input 2*. Essa mescla resulta na estrutura emergente que nos permite inferir que a queda-de-braço dentro do governo consiste, metaforicamente, em não apenas mostrar que se tem força e poder, mas, também, aumentá-los.

O gráfico abaixo ilustra o processo de instauração dessa metáfora que analisamos:

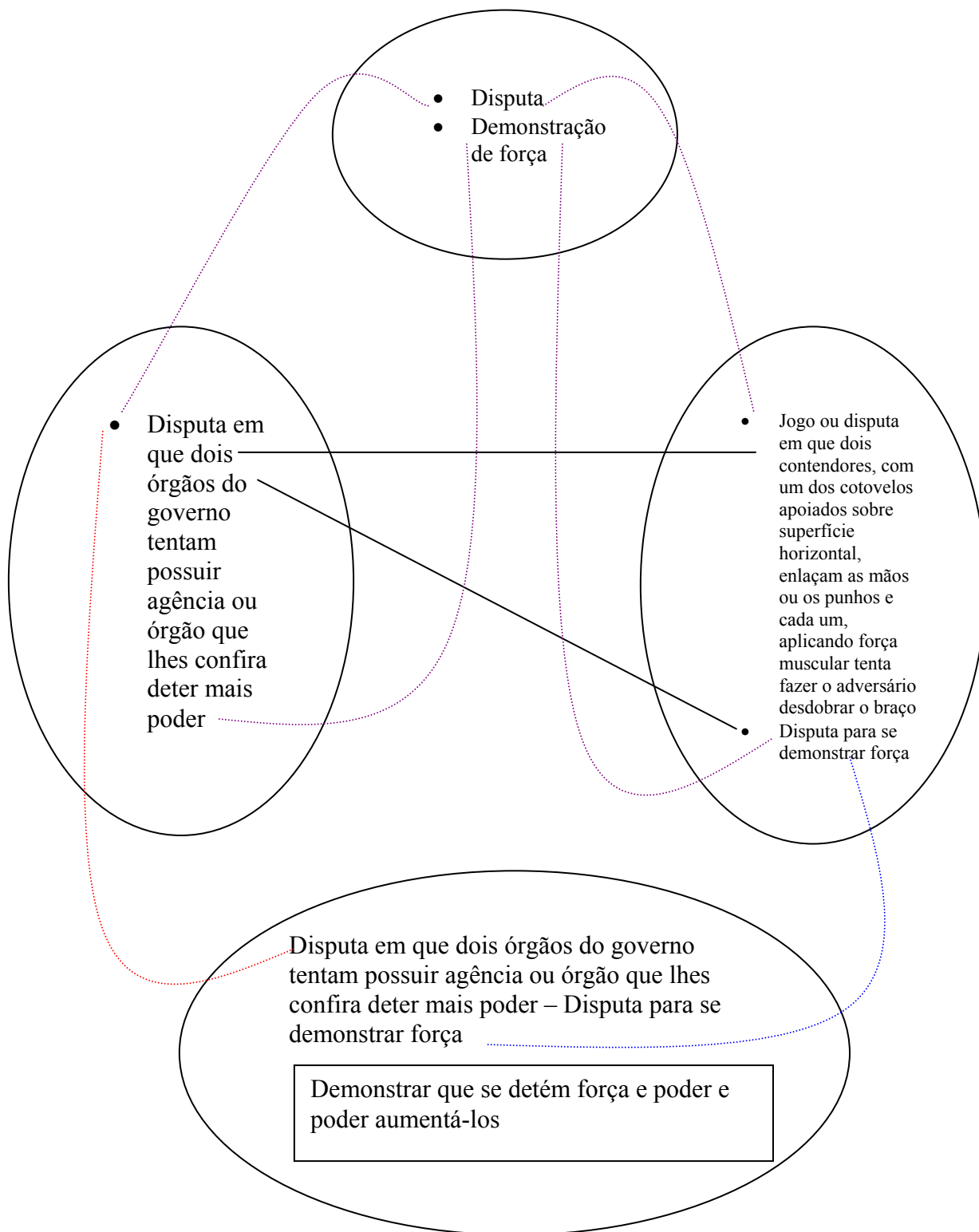


Fig. 43: Processo de instauração da metáfora “Disputa dentro do governo é queda-de-braço”.

5.11. Metáfora referente a programa televisivo

Filé – sm

A CNT, que já teve um dos melhores telejornais da TV aberta, nos tempos de Ricardo Kotscho, chegou ao fundo do poço e, ao que parece, está contente com sua condição de "lanterninha". Hoje tem um pastor evangélico ocupando o <"filé"> de seu horário nobre e anuncia com festa a contratação de Sérgio Mallandro. (FSP, 18-out-98, p. 2)

Pela leitura do contexto transcrito, podemos afirmar que a metáfora nele presente é: MELHOR HORÁRIO DO HORÁRIO NOBRE TELEVISIVO É FILÉ.

Para a constituição do espaço genérico há somente um elemento, a saber, “melhor parte”. Os espaços de entrada, *inputs 1* e *2*, são constituídos pelos elementos “horário de maior audiência televisiva” e “horário em que as emissoras de televisão costumam exibir os melhores programas” (*input 1*, que é espaço de entrada do “horário nobre”); “carne de rês proveniente da região lombar, muito macia e fresca” e “a melhor parte das carnes bovina e suína” (*input 2*, espaço de entrada do “filé”).

O *input 1* projeta os dois elementos que o constituem para o espaço das mescla. O *input 2*, por sua vez, projeta apenas o segundo elemento. Dessa mescla, surge a estrutura emergente e a informação que a constitui: a melhor parte, ou seja, o melhor horário do horário nobre televisivo é *filé*. É nesse horário que devem – ou deveriam – ser exibidos os melhores programas produzidos pelas emissoras de televisão.

Apesar do contexto em que *filé* é usado ser irônico – uma vez que se refere à decadência de uma emissora de televisão no que tange aos seus programas exibidos no horário nobre – podemos afirmar que “filé” é usado metaforicamente no sentido que defendemos.

Trata-se de uma metáfora que é usada nos mais diversos contextos significando “a melhor parte”, “o que há de melhor”, etc.

No gráfico que reproduzimos a seguir, podemos visualizar o processo de instauração dessa metáfora.

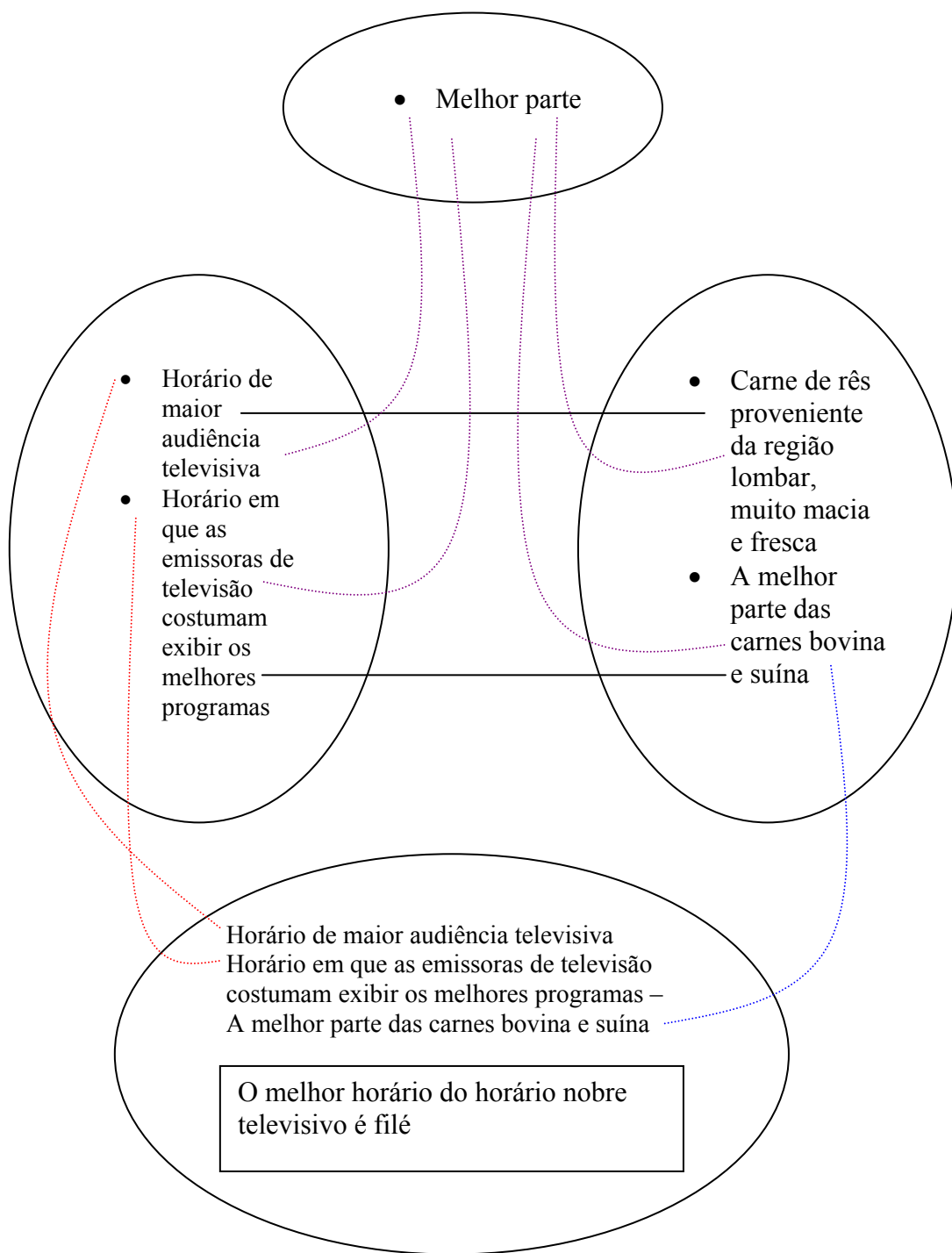


Fig. 44: Processo de instauração da metáfora “Melhor horário do horário nobre televisivo é filé”.

5.12. Metáfora referente à vestimenta

Fio dental – sm

Definição:

Tipo de biquíni em que a parte de trás é feita com uma fita muito estreita.

Contexto:

Nos anos 70, foi a vez da Rose di Primo desfilando com sua tanga minúscula e, nos anos 80, o biquíni atingiu sua fórmula mais radical: o <fio dental>. (IE, 10-jul-96, p. 44)

A metáfora presente no contexto acima é BIQUÍNI CUJA PARTE TRASEIRA É FEITA COM FITA MUITO ESTREITA É FIO DENTAL.

Os elementos que compõem o espaço genérico são: “tipo de objeto”, “formato” “local do uso” e “finalidade”. No *input 1*, espaço de entrada referente à “calcinha fio dental”, temos: “parte do biquíni feita de pano ou outro material”, “ parte traseira é muito estreita” e “é usado entre as nádegas”. No *input 2*, espaço do “fio dental”, temos: “fio de náilon”, “fio muito fino”, “é usado entre os dentes” e “serve para remover detritos”.

Do *input 1* são projetados todos os elementos para o espaço da mescla, ao passo que do *input 2*, somente o segundo e o terceiro são projetados. Dessas projeções surge a estrutura emergente cuja inferência é: “deixar as nádegas à mostra”, pois o uso do biquíni fio dental tem como finalidade deixar à mostra as nádegas, exibindo-as.

A finalidade do fio dental é limpar os detritos entre os dentes, diferentemente do biquíni fio dental. Entretanto, ambos são muito estreitos e são usados entre duas partes do corpo. Essa aproximação é que faz do biquíni ser um fio dental.

Vejamos o gráfico a seguir representado:

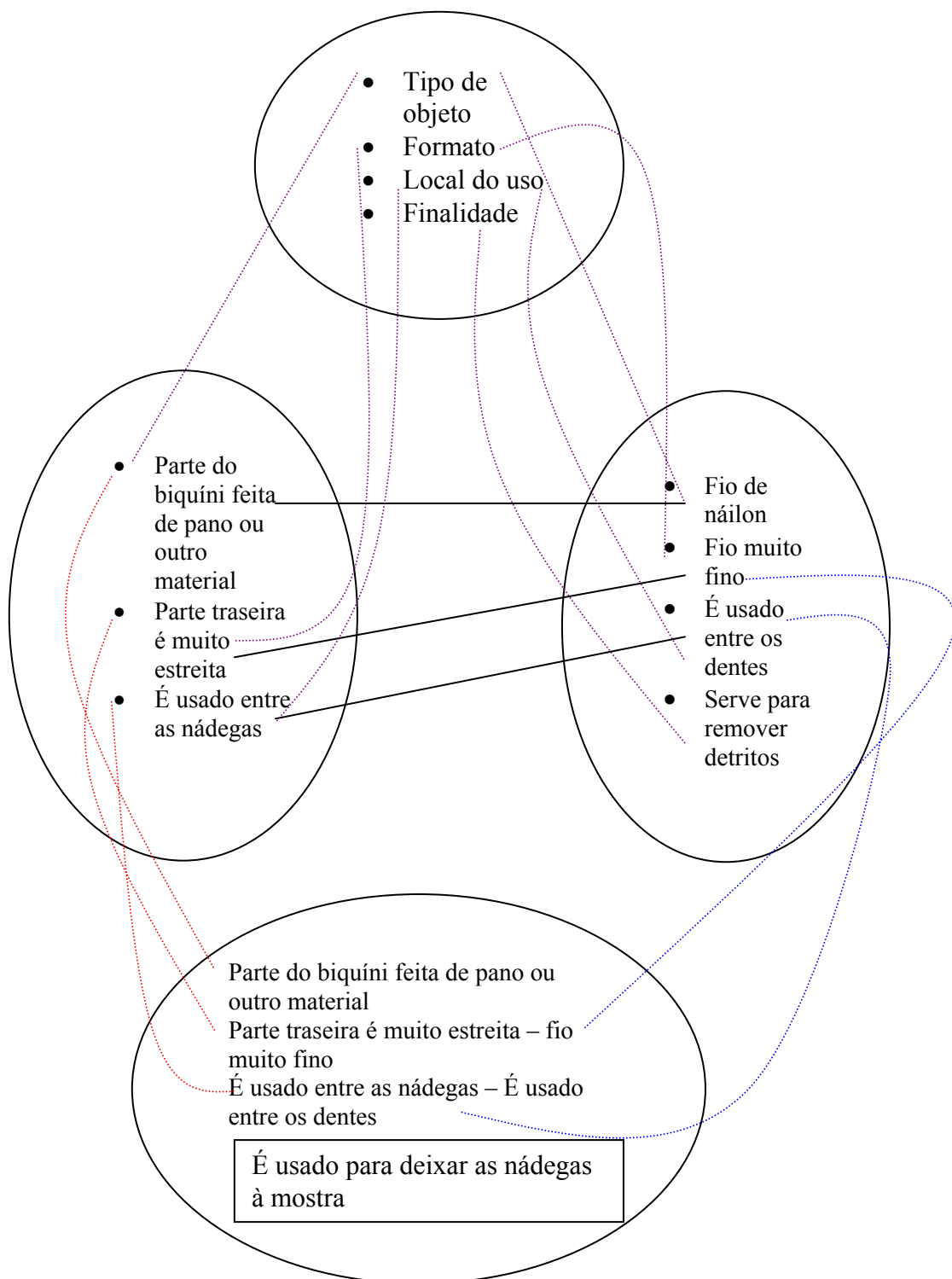


Fig. 45: Processo de instauração da metáfora “Biquíni cuja parte traseira é feita com fita muito fina é fio dental”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metáfora é um fenômeno conceitual por natureza, um processo e modelo cognitivo, que constitui nosso sistema conceitual, nosso modo de pensar e de falar, seja na linguagem do dia-a-dia como nos discursos científicos. (cf. SILVA, 2003, p. 15)

Ela tem um importante papel na construção da percepção da realidade e isso pode ser observado nos mais diversos tipos de discursos, seja na língua geral ou nas línguas de especialidade. Trata-se de um mecanismo de renovação lexical que está presente em nosso cotidiano, tanto na fala quanto na escrita.

Com base nos postulados defendidos por Fauconnier e Turner²⁰ no que concerne à metáfora, nosso objetivo, no presente estudo, através da análise de cunho interpretativo, consistiu em mostrar como se dá o processo de instauração da metáfora na construção do discurso jornalístico.

O que nos incentivou a realizar este trabalho foram as significativas evidências que designam a metáfora como sendo um fenômeno que se situa, de forma primordial, na mente, delineando, em grande parte, nossa maneira de pensar e de agir. Isso nos estimulou a investigar como esse mecanismo cognitivo tão rico ocorre.

A partir de nossa análise pudemos observar que a metáfora constitui um mecanismo cognitivo para a compreensão e criação de determinada visão de mundo. Ou seja, é através da metáfora que podemos demonstrar como concebemos distintas esferas da realidade que nos cerca, uma vez que podemos utilizar domínios de diferentes esferas de nossa vida e de nossa experiência para conceitualizar outros domínios. Assim, podemos afirmar que a metáfora é um recurso que reflete as convenções culturais. Ela define a maneira de pensarmos bem como a de construirmos a realidade e o nosso conhecimento. Trata-se de um mecanismo cognitivo não-arbitrário e tampouco aleatório, que envolve sistematicidade e coerência, posto que se fundamenta em nossa experiência física e cultural.

Convém destacarmos que não foi nosso objetivo esgotar o modelo de análise proposto por Fauconnier e Turner, uma vez que se trata de uma teoria complexa e que ainda está sendo mais aperfeiçoada.

A análise das unidades lexicais semânticas de cunho metafórico presentes no *corpus* selecionado também nos revelou que uma das principais características da metáfora é a

²⁰ A Teoria da Mesclagem Conceptual foi proposta primeiramente por Giles Fauconnier e tem sido largamente estudada, atualmente, em parceria com Mark Turner.

precisão semântica. Trata-se de um mecanismo que, usado nos diversos discursos presentes nos *media* impressos, contribui para a economia lingüística, além de possuir um papel denominativo.

Ao analisarmos cada unidade lexical metafórica e mostrarmos como se dá seu processo de instauração segundo a Teoria da Integração Conceptual, verificamos que a metáfora cumpre um papel importante dentro do discurso jornalístico impresso, uma vez que, além da economia lingüística, ela mostra como compreendemos e conceituamos, de forma concisa e pontual, o que está ao nosso redor. Assim, o uso de metáfora para designar um ser, uma entidade, um acontecimento, etc. tem como gênese a experiência física e cultural de quem produz e usa a unidade lexical metafórica.

Além de seu caráter econômico do ponto de vista lingüístico, pudemos observar que a metáfora também cumpre outro papel nos variados tipos de discursos presentes nos jornais e revistas que constituem o *corpus* do *Projeto TermNeo*. Ela pode ser vista como fator de coesão textual, visto que, na constituição de um texto, colabora para a criação e estabelecimento de ligações entre os distintos segmentos que o compõem. Há casos em que mais de uma metáfora ou até mesmo um conjunto de metáforas relaciona-se no corpo do texto formando um todo coeso, conciso e coerente, mostrando-nos quão rico e oportuno é esse mecanismo cognitivo quando bem empregado.

Nosso estudo também mostrou que, na maioria das ocorrências analisadas, os redatores dos textos jornalísticos transpuseram para seus discursos metáforas criadas, conhecidas e usadas por determinadas comunidades e segmentos sociais em situações e contextos também determinados. Exemplo disso são as metáforas usadas em contextos referentes à economia, aos esportes, à política, à linguagem dos homossexuais, etc. que constituíram nosso objeto de análise.

Ademais, acreditamos que o estudo da metáfora na lingüística cognitiva e, precisamente, na teoria proposta pelos referidos autores, é de suma importância para entendermos como um processo tão rico e complexo permeia nossa visão de mundo. Dessa forma, faz-se necessário que mais estudos acerca da Teoria da Mesclagem Conceptual sejam realizados no âmbito da metáfora, bem como de outros mecanismos de renovação lexical de cunho semântico, como, por exemplo, a metonímia.

Por fim, acreditamos também que nossa pesquisa pode colaborar, de certa forma, para futuros estudos sobre a metáfora vista pela ótica da teoria proposta por Fauconnier e Turner.

7. REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. Metáfora – uma visão funcionalista. *Letras – Revista do Instituto de Letras da PUC – Campinas*. São Paulo: O Instituto, v. 19, nº 1/2, p. 95-108, dez. 2000.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – Criação lexical*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 2004.

_____. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed., Mato Grosso do Sul, Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 25-31.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade – Processos do neologismo*. São Paulo: Global Editora, 1981.

_____. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed., Mato Grosso do Sul, Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 33-52.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BORBA, Francisco da Silva. Léxico. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 3, ser. 5ª (Letras e Lingüística), 1967, p. 259-284.

_____. (org.). *Organização de dicionários – Uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

_____. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

BORBOREMA FILHO, Edmilson de Albuquerque. *A metáfora na construção da percepção da realidade no discurso jornalístico*. Recife, 2004. Tese (doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ, Editora da PUC-SP, 1992.

BUENO, Silveira. A metecsemia (a metáfora). *Tratado de semântica brasileira*. 4ª ed., São Paulo: Editora Saraiva, 1965, p. 167-177.

CÂMARA JR, Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora, 1976.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989, ser. Princípios.

_____. Neologismos na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed., Mato Grosso do Sul, Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 65-74.

COSTA, Elenice Alves. *Um estudo cognitivo das metáforas geradas em um corpus jornalístico da economia*. São Paulo, 2007. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces – aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1997.

_____. *The way we think*. New York: Basic Book, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica Cognitiva – Ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FIORIN, José Luiz. Metáfora e metonímia: dois procedimentos de discursivização. *Anais do III encontro nacional da Anpoll*. Pernambuco: Anpoll, 1988, p. 213-216.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

HOFF, Tânia Márcia Cezar. Ambigüidade e metáfora. *O argumento emocional na publicidade*. São Paulo, 1999. Tese (doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, p. 132-140.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IANNI, Octavio. Língua e Sociedade. In: VALENTE, André. (org.). *Aulas de português – Perspectivas inovadoras*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001, p. 9-47.

ISQUERDO, Aparecida Negri & ALVES, Ieda Maria (orgs.). *As ciências do léxico – Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Mato Grosso do Sul, Campo Grande: Editora UFMS/Associação Editorial Humanitas, 2007.

KNEIPP, Maria Auxiliadora. Era uma vez um cruzado... In: PONTES, Eunice. (org.). *A metáfora*. 2ª ed., São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p. 55-67.

LAKOFF, George. & JOHNSON, Mark. *Metaforas de la vida cotidiana*. Traducción de Carmen González Marin, 3ª ed., Madrid: Cátedra, 1995. Título original em inglês: *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LE GUERN, Michel. *La metáfora y la metonímia*. Traducción de Augusto de Gálvez y Cañero y Pidal, 5ª ed., Madrid: Cátedra, 1973.

LOPES, Edward. *Metáfora – da retórica à semiótica*. 2ª ed., São Paulo: Editora Atual, 1987.

LYONS, Jonh. *Semântica – I*. Tradução de Wanda Ramos. Porto: Editorial Presença, 1977.

MENDONÇA, Maria Manoela Mendes Ildefonso. *Terminologia do marketing – Metáforas e metonímias*. Lisboa, 2006. Tese (doutorado em Lingüística, especialidade de Lexicologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Neologismo e discurso. In: MAGALHÃES, I. (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília, DF: Editora da UNB, 1996, p. 357-366.

NUNES, José Horta & PETTER, Margarida (orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/Pontes, 2002.

ORTONY, Andrew (org.). *Metaphor and thought*. Second Edition. New York: Cambridge University Press, 1992.

PELACHIN, Márcia Maisa. Neologismos semânticos. *Estudos dos neologismos no Memórias Sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade*. São Paulo, 1997. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, p. 65-78.

PASCHOAL, Maria Sofia Zanotto de. Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, Eunice. (org.). *A metáfora*. 2ª ed., São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p. 115-128.

PEREIRA, Deize Crespim. As metáforas do futebol brasileiro. *Revista de filologia e língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas, nº 8, p. 113-143, 2006.

PONTES, Eunice. Nomes de cores em português. In: PONTES, Eunice. (org.). *A metáfora*. 2ª ed., São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p. 9-30.

_____. O ‘continuum’ língua oral e língua escrita: por uma nova concepção. In: PONTES, Eunice. (org.). *A metáfora*. 2ª ed., São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p. 35-43.

_____. Metáforas temporais em português. In: PONTES, Eunice. (org.). *A metáfora*. 2ª ed., São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p. 45-53.

POTTIER, Bernard. *Semántica general*. Tradução de Francisco Díaz Montesinos. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

PRETI, Dino (org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.

RAMOS, Glória Guerrero. *Neologismos en el español actual*. 2ª ed., Madrid: Arco Libros, 1997.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés Editora, 1983.

_____. *Teoria da interpretação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

SACKS, Sheldon. (org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP, 1992.

SANDMANN, Antonio José. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba, 1988. Tese (concurso para professor titular de língua portuguesa) – Universidade Federal do Paraná.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelin, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

SCHORÖDER, Ulrike Agathe. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. *Alfa*. São Paulo, v. 1, nº 52, p. 39-56, 2008.

SILVA, Augusto Soares. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista portuguesa de humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia da U. C. P., v. 7, nº 1/2, p. 13- 75, 2003.

_____. Linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu & GONÇALVES, Miguel (orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, v. I. 2004, p.1-18.

_____. A linguística cognitiva – Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. Universidade Católica – Faculdade de Filosofia de Braga. [s/d], 37p. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>. Acesso em 20/07/2008.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4ª ed., 1977. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VALENTE, André. Metáfora, campo semântico e dialética na produção e na leitura de textos. In: VALENTE, André. (org.). *Aulas de português – Perspectivas inovadoras*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001, p. 49-66.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

ZIR, Alessandro. Da dicotomia metafórico/literal: repensando a questão da primazia. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 4, nº 1, p. 137-147, jul./dez. 2003.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)